UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ – UNIVALI
VICE-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

SIMONE SILVA VIEIRA

O PROCESSO DE ACOLHIMENTO E INSERÇÃO DE BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTADO DO CONHECIMENTO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS EM EDUCAÇÃO (2013-2023)

ITAJAÍ
2025

SIMONE SILVA VIEIRA

O PROCESSO DE ACOLHIMENTO E INSERÇÃO DE BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTADO DO CONHECIMENTO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS EM EDUCAÇÃO (2013-2023)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, vinculada à Linha de Pesquisa Práticas Docentes e Formação Profissional e ao Grupo de Pesquisa Educação e Trabalho, da Universidade do Vale do Itajaí, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador/a: Profa. Dra. Ana Cláudia Delfini

ITAJAÍ
2025

SIMONE SILVA VIEIRA

O PROCESSO DE ACOLHIMENTO E INSERÇÃO DE BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTADO DO CONHECIMENTO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS EM EDUCAÇÃO (2013-2023)

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Educação da Universidade do Vale do Itajaí.

Linha de Pesquisa: Práticas Docentes e Formação Profissional

Itajaí, 18 de março de 2025.

Profa. Dra. Verônica Gesser
Coordenadora do Programa

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Ana Cláudia Delfini
UNIVALI – Orientadora

Profa. Dra. Daniela Cristina Ratico de Quadros
UNIVALI

Prof. Dr. Altino José Martins Filho
UDESC

Dedicatória

Ao meu pai Nilton e à minha avó Maria, cujas lembranças e ensinamentos continuam a me inspirar. Em meio à saudade, sigo trilhando o caminho de dignidade que me deixaram como exemplo. Amor eterno e certeza do reencontro celeste.

AGRADECIMENTOS

Na trajetória deste curso de mestrado, desde a emoção de ver o meu projeto de pesquisa aprovado até o momento da defesa desta dissertação, agradeço a Deus pela oportunidade de viver este sonho e me capacitar para alcançá-lo.

Meu agradecimento mais especial vai para minha mãe Olívia, que sempre me incentivou a seguir em frente, iluminando minhas escolhas com seus conselhos e sabedoria de vida. Sou profundamente grata por cada cuidado que dedicou a mim, às minhas filhas e ao meu esposo, sempre disponível a ajudar no que fosse necessário para que eu pudesse me dedicar à pesquisa. Amo você, mãe!

Ao meu esposo, José Roberto, e às nossas filhas, Eloísa e Alice, que sempre estiveram ao meu lado, me incentivando e demonstrando todo o amor e orgulho que sentem por mim. Vocês são a luz que me impulsiona a seguir em frente e a razão pela qual alcancei esta conquista.

Aos meus irmãos, Adriana e Sérgio, aos meus cunhados e sobrinhos, expresso minha gratidão por vibrarem comigo a cada conquista compartilhada.

Entre os muitos sonhos que almejo, o curso de mestrado era um que pulsava com intensidade. Com o incentivo e ajuda da minha amiga Cristiane, que caminha comigo desde a graduação em Pedagogia, esse sonho se tornou realidade.

Nessa jornada acadêmica, ganhei grandes amigos: Tânia e Edemilson, presentes de Deus em minha vida, que foram imprescindíveis para tornar esse percurso mais leve. Gratidão pelos inúmeros momentos de acolhimento, apoio, ajuda e vivências especiais compartilhadas dentro e fora da universidade.

Durante o mestrado, tive a honra de contar com a orientação da Professora Dra. Ana Cláudia Delfini, que, com sua expertise e potentes contribuições, conduziu esta pesquisa com excelência. Suas análises e reflexões transformaram a complexidade da pesquisa em uma construção de conhecimento branda e significativa.

À Universidade do Vale do Itajaí (Univali) e à coordenadora do PPGE, Professora Dra. Verônica Gesser, pela oportunidade ofertada em parceria com a Prefeitura de Balneário Camboriú, viabilizando horários flexíveis e permitindo que docentes da rede municipal cursassem o mestrado, reverberando qualidade de trabalho oferecido às nossas crianças.

Minha gratidão se estende aos colegas do Grupo de Pesquisa Educação e Trabalho, em especial às Professoras Dra. Tânia Regina Raitz e Dra. Ana Cláudia Delfini, que conduziram o grupo com maestria. As partilhas e reflexões vivenciadas nesse grupo enriqueceram minha trajetória como pesquisadora.

Olhar para o lado e perceber que não estou só é uma grande alegria! Agradecer é a forma de demonstrar o amor pelo que se faz, por quem tornou esse fazer possível, e por quem torceu e vibrou a cada nova conquista. Por isso, expresso minha gratidão a todos vocês, sem o apoio, o incentivo e contribuição de cada um, o caminho teria sido muito mais desafiador.

“Menor que meu sonho não posso ser” (Lindolf Bell, 1984)

É só o amor, é só o amor
Que conhece o que é verdade
Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria

Monte castelo, Legião Urbana

RESUMO

Esta pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Itajaí (Univali) e ao Grupo de Pesquisa Educação e Trabalho, na linha de pesquisa sobre Práticas Docentes e Formação Profissional. O estudo centra-se no debate sobre a inserção de bebês e crianças bem pequenas nas instituições de Educação Infantil, entendendo-o como um processo complexo e delicado, que envolve diretamente crianças, famílias e docentes. Sendo o bebê e a criança bem pequenos sujeitos de direitos, entre os quais se incluem o acesso à Educação Infantil, busca-se destacar a relevância do papel dos/as docentes nesse processo. Nesse contexto, planejar vivências que promovam o acolhimento afetivo e a integração do bebê e da criança bem pequena ao novo ambiente social, assim como fomentar a parceria entre instituição, famílias e docentes revelam-se como estratégias importantes, que potencializam as experiências individuais, asseguram o bem-estar dos envolvidos no processo e também fortalecem a construção de vínculos afetivos baseados na confiança entre as partes. Assim, destaca-se a importância de práticas educativas que reconheçam a criança como ator social em suas pluralidades culturais, de identidades e singularidades, respeitando, assim, seu tempo e contribuindo para que o processo de acolhimento e inserção seja conduzido de forma intencional, respeitosa e transformadora.Com base na relevância das discussões sobre o tema, a pesquisa se orienta pela seguinte questão: quais são as reflexões da produção científica contemporânea (2013 a 2023) na área da educação sobre os processos de acolhimento e inserção de crianças de 0 a 3 anos? O objetivo geral da pesquisa foi analisar as reflexões da produção científica contemporânea (2013 a 2023) na área da educação sobre os processos de acolhimento e inserção de bebês e crianças de 0 a 3 anos com base nas categorias: 1. Crianças; 2. Infâncias; 3. Processos de acolhimento e inserção de bebês e crianças bem pequenas (0 a 3 anos). O referencial teórico desta pesquisa fundamenta-se na sociologia da infância (Abramowicz, 2010; Tebet; Abramowicz, 2019; Delfini, 2011; Sarmento, 2005, 2008), nas perspectivas da teoria histórico-cultural (Vygotsky, 2000, 2018) e em reflexões sobre os processos de acolhimento e inserção de bebês e crianças pequenas (Ortiz; Venceslau, 2012; Rezende; Sá, 2018; Staccioli, 2013). Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa e utiliza o procedimento metodológico do estado do conhecimento para traçar um panorama sobre o tema com base em pesquisas acadêmicas recentes. Para otimizar a análise dos dados, escolheu-se a análise categorizada, conforme proposto por Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021). Assim, as pesquisas selecionadas foram organizadas em dois blocos temáticos e agrupadas de acordo com o foco de discussão que se alinham aos interesses de cada bloco. O primeiro bloco aborda os debates sobre crianças e infâncias, enquanto o segundo discute os processos de acolhimento, adaptação e inserção de bebês e crianças bem pequenas (0 a 3 anos). Os resultados das análises indicam que o acolhimento e inserção de bebês e crianças bem pequenas é realmente um processo delicado que afeta não apenas a criança, mas também seus familiares e docentes. Destacam, ainda, que a maneira como a instituição e seus docentes compreendem o papel da criança na sociedade influencia diretamente o desenvolvimento do trabalho pedagógico e orienta as práticas docentes. Evidencia-se, portanto, a necessidade de assegurar os direitos constituídos do bebê e da criança no que envolve o acesso, acolhimento e sua permanência na instituição infantil, a importância da intencionalidade nas ações educativas norteadas pelos documentos mandatórios e diretrizes curriculares dessa etapa da Educação

Básica a fim de evitar um trabalho baseado no senso comum e garantir o acesso à formação continuada desses docentes. Acentua-se, ainda, a importância da parceria efetiva entre a instituição e as famílias, respeitando, reconhecendo e valorizando as diferentes culturas trazidas por elas para o cotidiano da Educação Infantil, assim como a relevância de um fazer docente afetivo no acolhimento de bebês e crianças bem pequenas que ingressam na Educação Infantil. Os estudos também apontam que o uso dos objetos transicionais (chupetas, panos e brinquedos) são facilitadores no processo de inserção e que auxiliam a criança a enfrentar o distanciamento familiar.

Palavras-chave: Adaptação/Inserção; Acolhimento; Educação Infantil; Crianças bem pequenas e Bebês; Infâncias.

ABSTRACT

This research is linked to the Graduate Program in Education at the University of Vale do Itajaí (Univali) and to the Education and Work Research Group, in the line of research on Teaching Practices and Professional Training. The study focuses on the debate about the inclusion of babies and very young children in early childhood education institutions, understanding it as a complex and delicate process that directly involves children, families and teachers. Since babies and very young children are subjects of rights, including access to early childhood education, the aim is to highlight the relevance of the role of teachers in this process. In this context, planning experiences that promote the emotional welcome and integration of babies and very young children into the new social environment, as well as fostering partnerships between institutions, families and teachers, are important strategies that enhance individual experiences, ensure the well-being of those involved in the process and strengthen the construction of emotional bonds based on trust between the parties. Therefore, the importance of educational practices that recognize the child as a social actor in their cultural pluralities, identities and singularities, respecting, thus, their time and contributing to the process of reception and insertion be conducted in an intentional, respectful and transformative way. Based on the relevance of the discussions on the topic, the research is guided by the following question: What are the reflections of contemporary scientific production (2013 to 2023) in the area of education on the processes of reception and insertion of children aged 0 to 3 years? The general objective of the research was to analyze the reflections of contemporary scientific production (2013 to 2023) in the area of education on the processes of reception and insertion of babies and children aged 0 to 3 years based on the categories: 1. Children; 2. Childhoods; 3. Processes of welcoming and integrating babies and very young children (0 to 3 years old). The theoretical framework for this research is based on the sociology of childhood (Abramowicz, 2010; Tebet; Abramowicz, 2019; Delfini, 2011; Sarmento, 2005, 2008), on the perspectives of historical-cultural theory (Vygotsky, 2000, 2018) and on reflections on the processes of welcoming and integrating babies and young children (Ortiz; Venceslau, 2012; Rezende; Sá, 2018; Staccioli, 2013). This research adopts a qualitative approach and uses the state of knowledge methodological procedure to outline an overview of the topic based on recent academic research. To optimize data analysis, categorized analysis was chosen, as proposed by Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021). Therefore, the selected research was organized into two thematic blocks and grouped

according to the focus of discussion that aligns with the interests of each block. The first block addresses the debates on children and childhoods, while the second discusses the processes of welcoming, adaptation, and integration of babies and very young children (0 to 3 years old). The results of the analyses indicate that the welcoming and integration of babies and very young children is truly a delicate process that affects not only the child, but also their families and teachers. They also highlight that the way in which the institution and its teachers understand the role of children in society directly influences the development of pedagogical work and guides teaching practices. Therefore, it is evident the need to ensure the established rights of babies and children regarding their access, reception, and permanence in the childcare institution, the importance of intentionality in educational actions guided by mandatory documents and curricular guidelines for this stage of basic education in order to avoid work based on common sense, and the guarantee of access to continuing education for these teachers. It is also emphasized the importance of effective partnership between the institution and families, respecting, recognizing and valuing the different cultures brought by them to the daily life of early childhood education, as well as the relevance of an affective teaching in the reception of infants and very young children who enter Early Childhood Education. The studies also point out that the use of transitional objects (pacifiers, cloths and toys) are facilitators in the insertion process and help the child to face family distancing.

Keywords: Adaptation/Insertion; Reception; Early Childhood Education; Very Young Children and Babies; Childhoods.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Representação do ciclo de ingresso na Educação Infantil 17
Figura 2 - Etapas da metodologia Estado do Conhecimento 80
Figura 3 - Fluxograma da pesquisa 81
Figura 4 - Nuvem de palavras sobre o primeiro bloco temático 96
Figura 5 - Nuvem de palavras sobre o segundo bloco temático 109

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Total de teses e dissertações encontradas na Capes com base nos descritores estabelecidos 26
Tabela 2 - Total de teses e dissertações encontradas no portal da BDTD com base nos descritores estabelecidos 40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Bibliografia anotada: pesquisas selecionadas na Capes a partir das palavras-chave: adaptação OR acolhimento AND “educação infantil” AND bebês 28
Quadro 2 - Bibliografia anotada: pesquisas selecionadas na Capes a partir das palavras-chave: adaptação AND “educação infantil” 33
Quadro 3 - Bibliografia anotada: pesquisas selecionadas na Capes a partir das palavras-chave: inserção AND “educação infantil” 37
Quadro 4 - Bibliografia anotada: pesquisas selecionadas na BDTD a partir das palavras-chave: adaptação OR acolhimento AND “educação infantil” AND bebês 42
Quadro 5 - Bibliografia anotada: pesquisas selecionadas na BDTD a partir das palavras-chave: adaptação AND “educação infantil” 44
Quadro 6 - Quantitativo das produções selecionadas na Capes e BDTD 47
Quadro 7 - Regiões e universidades por regiões federativas 48
Quadro 8 - Bibliografia anotada: artigos científicos selecionados nas bases de dados SciELO e periódicos da Capes 50
Quadro 9 - Bibliografia sistematizada: teses, dissertações e artigos científicos selecionados nas bases de dados 59
Quadro 10 - Teses, dissertações e artigos 77
Quadro 11 - Bibliografia categorizada: teses, dissertações e artigos científicos organizados em blocos temáticos 82
Quadro 12 - Bibliografia categorizada: teses, dissertações e artigos científicos organizados em blocos temáticos 97

LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular
BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertação
Capes - Portal de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEI - Centro de Educação Infantil
CMEI - Centro Municipal de Educação Infantil
DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
EC - Estado do Conhecimento
ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente
EI - Educação Infantil
EMEI - Escola Municipal de Educação Infantil
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC - Ministério da Educação e Cultura
PPP - Projeto Político-Pedagógico
RCNEI - Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
SciELO - Scientific Eletronic Library Online
SI - Sociologia da Infância
UFPEL - Universidade Federal de Pelotas
UFF - Universidade Federal Fluminense
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
Umesp - Universidade Metodista de São Paulo
Unesp - Universidade Estadual Paulista
Unicamp - Universidade Estadual de Campinas
Unijuí - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
Uninove - Universidade Nove de Jul ho

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	**1**
1.1	Contextualização e Problema de Pesquisa	1
1.2	Objetivos	5
1.3	Relevância Científica e Prática	5
1.4	Estrutura do Trabalho	8
2	**REVISÃO TEÓRICA E ESTADO DO CONHECIMENTO**	**10**
2.1	Revisão Teórica: Concepções de Crianças e Infâncias: Perspectivas a partir da Sociologia da Infância	10
2.2	Inserção ou Adaptação: Caminhos para refletir a Qualidade do Ingresso na Educação Infantil	16
2.3	Estado do Conhecimento	25
3	**METODOLOGIA**	**76**
3.1	Natureza e Tipo de Pesquisa	76
3.2	Contexto da Pesquisa	76
3.3	Categorias ou Variáveis de Estudo	77
3.4	Procedimentos, Instrumentos e Técnicas de Coleta de Dados	78
3.5	Procedimentos, Técnicas e Sistemas utilizados para Análise de Dados	78
3.6	Fluxo da Pesquisa	80
4	**DISCUSSÃO E APRESENTAÇÃO DOS ACHADOS DA PESQUISA**	**82**
4.1	Análises: Crianças e Infâncias	88
4.2	Análises: Processos de Acolhimento, Adaptação e Inserção de Bebês e Crianças bem Pequenas (0 a 3 anos)	99
4.3	Lacunas Encontradas no Estado do Conhecimento	109
5	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	**112**

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização e Problema de Pesquisa

A inserção de bebês e crianças bem pequenas[1] nas instituições de educação infantil (EI) é um processo delicado, requer sensibilidade e atenção nos detalhes que dizem respeito a esse percurso. Para que tudo seja pensado de maneira adequada para bebês e crianças bem pequenas, é essencial que as instituições de EI proporcionem um ambiente acolhedor, promotor de vínculos afetivos, que contribuam com o bem-estar e seu desenvolvimento integral.

Nesse sentido, os/as profissionais da EI desempenham um papel fundamental, pois serão eles que estabelecerão os primeiros vínculos com as crianças recém-chegadas. Também serão eles que colocarão em prática proposições e vivências significativas, promovendo o acolhimento e a inserção de qualidade.

Refletindo sobre a minha experiência na EI, em especial nas turmas de berçário, recordo de situações que não priorizavam um acolhimento singular de bebês e crianças bem pequenas. Ainda, ouvi relatos de colegas de profissão que ignoravam a importância de tal prática.

Tais observações trouxeram à tona a necessidade de pesquisar como os docentes podem proporcionar um ingresso adequado a bebês e crianças bem pequenas e de que forma as intencionalidades planejadas pelos professores asseguram um acolhimento de qualidade, humanizado e especialmente pensado para as crianças que terão suas primeiras experiências de convívio social longe de seus familiares.

Sou professora efetiva da Rede Municipal de Balneário Camboriú desde 2004, ano que também me graduei em Pedagogia pela Universidade do Vale de Itajaí. Desde então, todo início de ano letivo escolho turmas de berçário (0 a 1 ano) ou maternal (2 a 3 anos) para trabalhar. O apreço pelas crianças dessa faixa etária, o

[1] Segundo a BNCC (Brasil, 2017), a etapa de EI é organizada em três grupos por faixas etárias, utilizando os termos: bebês (0 a 1 ano e 6 meses); crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses); e crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses). Portanto, nesta pesquisa serão utilizados os termos bebês e crianças bem pequenas para caracterizar as crianças de 0 a 3 anos que ingressam nas instituições de EI.

encantamento pelas ações mediadoras educativas, e a oportunidade de acompanhar a singularidade do desenvolvimento dinâmico da subjetividade e das construções de identidades que permeiam todo o processo educativo são os principais motivos que justificam minha escolha.

Desde os primeiros dias como professora, muito jovem e com pouca experiência profissional, percebi que as dificuldades sobre a inserção dos bebês e das crianças bem pequenas não advinham exclusivamente dos sentimentos de separação das crianças em relação a suas famílias. Também notei que a prática docente nos moldes da pedagogia tradicional interferia nesse processo de construção de novo vínculo social e apropriação de conhecimentos.

Nesse sentido, buscava de forma militante levar informação e atualização aos colegas de trabalho para termos um novo olhar sobre a prática docente, a fim de despertar e sensibilizar tais profissionais para ressignificar o trabalho docente. No entanto, percebi que minha crítica pela mudança no modo de ver a criança no âmbito da EI era quase que solitária e não resultou como esperado.

Dito isso, esta pesquisa é a oportunidade que eu procurava para ressaltar a relevância científica dos debates sobre o acolhimento e a inserção das crianças na EI. Assim, pretende-se propor reflexões, discussões pertinentes à temática e destacar perspectivas que viabilizem o enriquecimento das práticas dos docentes da primeira infância.

Cabe destacar que a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017), documento norteador da Educação Básica no país, ressalta a importância de práticas pedagógicas que facilitem o ingresso e a integração de crianças de 0 a 5 anos ao ambiente educacional. Diante disso, busca-se observar, nas investigações acadêmicas levantadas no estado do conhecimento (EC), como os docentes compreendem a temática do acolhimento e da inserção das crianças na EI e quais estratégias utilizam para garantir um ingresso de qualidade.

Nesta pesquisa, os termos **acolhimento**, **adaptação** e **inserção** serão usados para descrever o processo de ingresso de bebês e crianças bem pequenas nas instituições de EI. Esses termos foram adotados como descritores na busca de pesquisas que compõem o EC sobre o tema, visto que são empregados tanto nas pesquisas acadêmicas quanto em documentos normativos da EI.

Diante disso, torna-se fundamental refletir sobre o significado de cada um desses termos no contexto do ingresso de bebês e crianças bem pequenas na creche, pois a polissemia desses termos é amplamente debatida nas pesquisas acadêmicas contemporâneas, e diferentes estudiosos defendem que a escolha do termo para descrever o processo de inserção da criança na EI reflete a concepção do docente, da equipe pedagógica e da instituição sobre o papel social da criança, assim como a abordagem teórica adotada.

Sabe-se que documentos como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (Brasil, 1998) e as Orientações Curriculares para a Educação Infantil (2010b) usam o termo adaptação para descrever o período e o processo pelo qual a criança passa ao ingressar na instituição de EI. Essa terminologia é bastante popular por ser a mais utilizada tanto pelas famílias quanto pelos profissionais da EI. No entanto, o uso da palavra adaptação carrega a herança de uma visão positivista, canônica e cartesiana da educação que a associa a uma perspectiva biologista.

Nessa concepção, adaptar-se implica que o bebê e a criança bem pequena devem se moldar a um ambiente pré-estabelecido, o que desconsidera, de forma implícita, a criança como sujeito ativo e social desde o nascimento. Além disso, essa ideia reduz a criança a um ser passivo, enfatizando "a primazia da instituição sobre os sujeitos, fadados a se adequar a um contexto que se apresenta como dado e inalterável" (Reis, 2014, p. 126).

A fim de reverter a ideia de que a instituição é dominante e a criança passiva, busca-se utilizar o termo inserção para descrever o ingresso de bebês e crianças bem pequenas na creche, caracterizando-o como um processo que viabiliza encontros plurais e possibilita descobertas repletas de significados.

Nessa perspectiva, o processo de inserção atende às necessidades individuais das crianças, considerando-as "pessoas com agência" (Martins Filho; Martins Filho, 2013, p. 22), que são capazes de expressar seus sentimentos e necessidades. Sob essa abordagem, as crianças têm a oportunidade de desenvolver suas próprias experiências, manifestar seus interesses, identificar e reconhecer as diferenças e semelhanças que atravessam as questões de classe, raça e gênero.

Outro ponto de reflexão sobre esse tema é a importância do acolhimento afetivo como garantia para um ingresso de qualidade das crianças na EI. Staccioli (2013)

considera o acolhimento um método de trabalho complexo, que caracteriza o modo de ser do adulto, especialmente do docente, assim, o acolhimento torna-se o foco do processo educativo.

O Currículo Base de Educação Infantil do Território Catarinense (Santa Catarina, 2014) corrobora essa ideia ao ressaltar que o acolhimento e o respeito às crianças e seus familiares são elementos essenciais a serem considerados na prática docente. Por meio desses aspectos, assegura-se o direito de brincar, explorar, participar, expressar-se, conviver e conhecer-se, possibilitando, assim, o pleno desenvolvimento da criança.

Por conseguinte, o acolhimento afetivo proporcionado pelos/as docentes às crianças recém-chegadas na EI permite que elas se sintam parte do grupo ao qual foram inseridas e vivenciem experiências que ampliam sua percepção de si mesmas e dos outros, ajudando-as a construir e valorizar sua identidade, além de respeitar as diferenças que nos constituem como seres humanos (Brasil, 2017).

Esta pesquisa optou por usar os termos acolhimento e inserção para se referir ao processo pelo qual as crianças passam ao iniciar sua trajetória na EI. Cabe destacar que o acolhimento diz respeito à maneira como bebês e crianças bem pequenas são recebidas nas instituições e aos atravessamentos positivos da docência acolhedora, enquanto inserção refere-se especificamente ao ingresso delas na EI.

Por sua vez, a palavra adaptação será utilizada como descritor nas buscas por pesquisas acadêmicas sobre o tema, uma vez que é amplamente empregado por docentes e famílias. Ao adotar esse descritor, será possível obter um panorama de como o termo é usado (ou não) nas investigações acadêmicas atuais, mesmo reconhecendo que a BNCC (Brasil, 2017) não o adota mais.

Dada a singularidade das discussões sobre o tema, elegeu-se a seguinte questão problematizadora para nortear esta pesquisa: quais são as reflexões da produção científica contemporânea (2013 a 2023) na área da educação sobre os processos de acolhimento e inserção de crianças de 0 a 3 anos?

1.2 Objetivos

Com isso, delimita-se como objetivo da pesquisa: analisar as reflexões da produção científica contemporânea (2013 a 2023) na área da educação sobre os processos de acolhimento e inserção de crianças de 0 a 3 anos.

Para atender ao objetivo geral, os objetivos específicos foram: a categorização das pesquisas selecionadas nos bancos de dados em blocos temáticos; a elaboração de um panorama sobre como as reflexões da produção mapeada contribuem para as discussões a respeito dos processos de acolhimento e inserção no campo da EI; a constatação de como as reflexões da produção mapeada abordam os termos adaptação e inserção no contexto da EI; e a análise das produções científicas localizadas, examinando seus limites, desafios, lacunas e possibilidades de avanço nas discussões sobre a temática.

1.3 Relevância Científica e Prática

A iniciação da vida social do bebê e da criança bem pequena é um marco histórico e especial para ela e sua família, revelando sentimentos que variam entre euforia e angústia por parte dos pais ou responsáveis. As crianças, por sua vez, ainda não compreendem completamente a necessidade de se afastar de seus familiares por longos períodos; assim, ao ingressar pela primeira vez em uma creche, sem conhecer ninguém, enfrentam emoções intensas devido ao distanciamento familiar.

Diante dessas considerações, é fundamental que o tema da inserção na EI seja constantemente refletido, ressignificado e aprimorado, haja vista a importância de um olhar sensível para aquela criança que antes recebia atenção e cuidado exclusivo da família e passa a conviver em um ambiente com a rotina de higiene, alimentação e lazer totalmente diferente do que está habituada.

Exponho essa consideração para destacar a importância de refletir as minúcias desse processo, compreender a criança que chora, recusa-se a se alimentar ou a brincar a partir de uma perspectiva afetiva, e o quanto isso impacta diretamente a qualidade do atendimento. O docente que acolhe e observa a criança em sua singularidade é capaz de identificar o que a conforta, suas preferências e

necessidades, elaborando, assim, mediações e vivências colaborativas para um acolhimento e inserção bem-sucedidos.

Será que todos os bebês e crianças bem pequenas passam por esse turbilhão de sentimentos ao iniciarem em uma instituição de EI? Será que todos têm as mesmas reações frente ao desconhecido? Será que todos choram ao despedir-se de seu familiar? As respostas para essas perguntas são tão singulares quanto a temática que este estudo aborda, porque não é somente o fato de estar em um novo ambiente e com pessoas diferentes que afeta emocionalmente a criança, e sim um conjunto de variantes que, a partir delas, darão pistas de qual é a melhor maneira de traçar esse percurso, sabendo o que colabora ou não, para que esse processo seja prazeroso para a criança e sem preocupação para seus familiares.

Destaca-se que o entendimento que a instituição infantil tem sobre a prática do acolhimento e inserção e a relação que esta adota com os familiares das crianças são os principais pontos positivos para obter um ingresso bem-sucedido. Segundo Ortiz e Carvalho (2012), a adaptação[2] é entendida como um esforço que a criança realiza para ficar bem em um novo espaço, porém isso não depende exclusivamente dela, e sim da forma como é acolhida.

Em parceria com as famílias, o docente da EI atua como um mediador que promove ações e proposições colaborativas no processo de acolhimento e inserção, observando atentamente os sinais e interesses das crianças e adotando um currículo que esteja alinhado com as necessidades do grupo. Sendo assim, o currículo é flexível, permitindo ajustes e implementação de novas estratégias de acolhimento sempre que preciso. Martins Filho e Martins Filho (2013, p. 70) consideram fundamental que

> todo processo de ensino, aprendizagem, planejamento, estruturação do tempo e espaço, [e] sistematização das propostas pedagógicas tenham em conta as sinalizações das crianças, pois são reveladoras do que as crianças necessitam e/ou precisam.

Os autores ainda ressaltam que o trabalho docente vai além de simplesmente atender às rotinas e aos cuidados físicos das crianças, definindo a instituição de EI como um espaço privilegiado de experiências de vida e aprendizagem. Nesse espaço, meninos e meninas, imersos em suas culturas, convivem, criam, constroem,

[2] As autoras Ortiz e Carvalho (2012) utilizam o termo adaptação para indicar o ingresso da criança na EI.

reconstroem e ressignificam seus entendimentos sobre si e sobre o outro (Martins Filho; Martins Filho, 2013).

Diante das particularidades do trabalho pedagógico na EI, é inadmissível que as práticas docentes sejam baseadas em percepções pessoais de senso comum, especialmente no que envolve o acolhimento e a inserção, pois isso compromete a consistência e a qualidade do atendimento oferecido às crianças nessa etapa educativa.

Apesar da presença de documentos normativos que orientam o trabalho docente na EI, como as DCNEI (Brasil, 2010) e a BNCC (Brasil, 2017), que enfatizam a importância de um trabalho pedagógico que priorize a qualidade de vivências que acolham e integrem a criança, especialmente aquelas que ingressam na creche, ainda nos deparamos com a liberdade de interpretação desses documentos por parte dos docentes, o que impacta diretamente suas práticas pedagógicas e a criança que ingressa.

A necessidade de pesquisar o tema do acolhimento e inserção na EI também se justifica pela constatação, por meio do procedimento metodológico do EC, da escassez de estudos acadêmicos sobre a temática. No recorte histórico de 10 anos (2013 a 2023), não foram encontradas teses ou dissertações que abordassem o tema nos anos de 2013, 2016, 2022 e 2023. Da mesma forma, em 2013, 2015 e 2021 não foram publicados artigos que discutissem essa questão.

Portanto, as análises trazidas nesta pesquisa visam nortear os docentes da EI, incentivando-os a adotar os resultados aqui expostos e fomentar discussões sobre a temática nas formações continuadas oferecidas pelos gestores das instituições, sabendo que esse debate deve ser constante dentro das creches, e não apenas no início do ano letivo, pois o acolhimento é vivenciado diariamente pelas crianças e não pode ser negligenciado.

Espera-se, portanto, contribuir com as reflexões sobre o tema ao apresentar os resultados encontrados nas pesquisas científicas atuais, criando um panorama de como esse assunto é abordado na EI e destacando as principais conclusões e contribuições das pesquisas analisadas. Através desse mapeamento, busca-se evidenciar como oferecer um trabalho de excelência às crianças, apresentando teorias e abordagens pedagógicas alinhadas à promoção do bem-estar infantil e fomentar o debate sobre os processos de acolhimento e inserção das crianças na EI.

1.4 Estrutura do Trabalho

Esta pesquisa organiza-se em três partes. A primeira compreende a revisão teórica e o EC; na revisão teórica há uma explanação sobre o tema proposto na pesquisa, no qual são apresentados a fundamentação teórica, os conceitos, as reflexões e discussões pertinentes ao objeto de estudo. Para otimizar a fundamentação foram definidas três categorias: 1. Crianças; 2. Infâncias; 3. Processos de acolhimento e inserção de bebês e crianças bem pequenas (0 a 3 anos).

A primeira e segunda categorias abordarão discussões relacionadas à criança, com enfoque na infância a partir dos fundamentos da sociologia da infância (SI). Essas reflexões serão embasadas por autores como Sarmento (2005, 2008), Abramowicz (2010) e Delfini (2011). Ainda nessa categoria, será discutida a concepção de criança a partir da perspectiva da teoria histórico-cultural de Vygotsky (2000, 2018).

A terceira categoria trará contribuições específicas sobre o processo de acolhimento e inserção de bebês e crianças bem pequenas que ingressam em instituições de EI. Essa análise será pautada nas contribuições teóricas de autores como: Ortiz e Carvalho (2012), Staccioli (2013) e Rezende e Sá (2018).

Ainda na primeira parte, será apresentado o mapeamento das pesquisas existentes sobre o tema, proporcionando um panorama das produções científicas na área da educação e delineando o contexto atual de pesquisa. Também será acentuada uma síntese analítica dos achados no EC, abrangendo um período histórico de 10 anos, que vai de 2013 a 2023. Para organizar e compreender melhor os achados nos bancos de dados, esse período foi dividido em dois grupos, permitindo uma análise mais detalhada e contextualizada das pesquisas realizadas ao longo desse período.

Por sua vez, a segunda parte apresenta a metodologia adotada nesta pesquisa, com uma abordagem qualitativa, que visa realizar uma análise ampla sobre o acolhimento e a inserção na EI. Para isso, optou-se pelo procedimento metodológico do tipo EC, conforme proposto por Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021). Essa abordagem tem como finalidade mapear e sintetizar as principais descobertas, controvérsias e lacunas das pesquisas científicas atuais relacionadas ao tema em questão. Através desse método, busca-se traçar um panorama abrangente das

investigações existentes sobre a temática, contribuindo para o avanço do conhecimento na área.

Por fim, a terceira parte aborda os achados da pesquisa e a análise dos dados obtidos por meio do EC, apresentando uma análise crítica das fontes levantadas e proposições que construirão uma tessitura sobre a temática, além de destacar os pontos emergentes do objeto de pesquisa e expor áreas promissoras para investigações futuras.

2 REVISÃO TEÓRICA E ESTADO DO CONHECIMENTO

Este capítulo está fundamentado nas obras de autores e autoras pertinentes às categorias desta dissertação: crianças; infâncias; processos de acolhimento e inserção. Apresenta as principais abordagens, conceitos e contribuições referentes à temática desta pesquisa, organizados por categorias a fim de facilitar a compreensão de cada uma. Além disso, acentua o mapeamento dos artigos, teses e dissertações que irão compor o EC, destacando os achados e as análises iniciais.

2.1 Revisão Teórica: Concepções de Crianças e Infâncias: Perspectivas a partir da Sociologia da Infância

O campo de pesquisa da área da Sociologia sempre teve como foco os estudos das relações sociais das crianças no âmbito da sociologia da educação e da família, embasado pela teoria da socialização. Essa teoria sustenta que, na infância (vista como categoria), a criança adquire regras e comportamentos considerados adequados pela sociedade por meio da socialização, que ocorre principalmente na família e na escola, moldando-a conforme padrões fixados para a vida adulta e social (Delfini, 2011).

No entanto, ao final das últimas décadas do século XX, a SI emerge, consolidando-se a partir do final da década de 1980, com base em estudos realizados em diversos países europeus. Propõe, a partir disso, a ressignificação da teoria da socialização, do conceito de gerações (Delfini, 2011), ao fomentar novas reflexões sobre o papel da criança na sociedade. Nesse contexto, Delfini, (2011) afirma que:

> A Sociologia da Infância veio, pois, emancipar a infância e a criança como categorias com especificidades particulares e distintas daquelas que definem os campos da Sociologia da Família e da Educação, além de mostrar que outros temas, e não apenas a socialização, precisam ser estudados no universo infantil (Delfini, 2011, p. 46).

Esse novo enfoque buscava repensar os principais aspectos da teoria da socialização, especialmente "a respeito da superação da ideia de passividade infantil e da institucionalização como condição-chave para que a criança se socialize" (Delfini, 2011, p. 45), levantando questionamentos sobre a relação autoritária e hierárquica que a escola e a família, principais responsáveis pela socialização, desempenham.

Esse movimento revisional desafiou paradigmas até então considerados verdades, como a visão da criança como um ser “incompleto e vazio”, “incapaz de tomar decisões, realizar tarefas por conta própria” e que precisa ser moldado de acordo com condutas éticas e morais estabelecidas pelos adultos. Também revisou a interpretação da categoria infância, anteriormente vista como uma classe geracional subordinada às demais e dependente delas para sobrevivência e inserção social.

Essas perspectivas sobre criança e infância entendiam a criança como uma projeção de um adulto em miniatura ou como um adulto em devir (Sarmento, 2005), que aprende através dos meios sociais – escola e família – como ser uma boa pessoa, ajustando-se ao padrão formalmente imposto pela sociedade.

O autor complementa que essa ideia dominante de criança e infância reduz a importância das discussões dentro do campo sociológico, remetendo-as somente a um estágio pré-social e levando-as a permanecer no status de invisibilidade perante a sociedade, ou seja, não plenas em seus direitos sociais (Sarmento, 2005).

A partir das problemáticas sociais que emergiram nesse período histórico, como pobreza, guerra, migração, exclusão e violência, surgiu o interesse em compreender o papel social das crianças, desconsiderando concepções que as reduzem a meros pertencentes de um grupo geracional dependente ou incapazes de serem agentes de mudanças sociais. A influência do mercado consumidor e midiático voltado especificamente para o público infantil, questões políticas, jurídicas e sociais que englobam tal perspectiva também desmontaram a ideia de invisibilidade da criança na sociedade (Delfini, 2011).

Essas transições, portanto, redirecionaram o foco das pesquisas sociológicas, anteriormente conduzidas predominantemente pelas áreas de medicina, psicologia e pedagogia, que discutiam a criança e a infância sob um viés adultocêntrico. Abramowicz (2010, p. 44) aponta que “os sociólogos fizeram um esforço epistemológico de mudar a ênfase na investigação sobre a criança, colocando-a não apenas como um objeto passivo de socialização, mas como um sujeito ativo desse processo”.

Sarmento (2005) enfatiza a importância de ter clareza nos conceitos de criança e infância para uma compreensão efetiva do papel delas na sociedade. De acordo com o autor, a infância deve ser vista como uma categoria geracional independente das crianças, uma vez que a geração está constantemente sendo “preenchida” e

“esvaziada” pelas crianças que a integram ou já a integraram. Assim, ela se mantém como uma categoria estrutural definida por fatores igualmente estruturais. As crianças, por sua vez, são os atores sociais que moldam essa categoria e estabelecem os padrões culturais associados a ela, tornando-se o foco das pesquisas empíricas sociológicas.

Assim, a SI propôs-se a colocar a criança no centro da reflexão, buscando compreendê-la pela perspectiva de diferentes culturas e interseccionando questões emergentes como gênero, raça, religião, classe social, etnia, entre outras, alinhando mais estreitamente esse debate com a realidade encontrada na sociedade atual. Abramowicz (2010, p. 44) corrobora com essa ideia ao caracterizar a criança como “portadora da diferença, da diversidade e da alteridade”.

Portanto, deve-se ponderar a criança como ator social, dotado de agência e potencialidade para aprender e ensinar, compreender e colaborar com ações transformadoras desde a mais tenra idade. Assim, as crianças começam a ser vistas como sujeitos de direitos e deveres, produtoras de culturas infantis e capazes de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, plural e equitativa.

No Brasil, a promulgação da Constituição Federal (Brasil, 1988), mais especificamente o artigo 227, estabeleceu que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à cultura, à dignidade, ao respeito e à liberdade, além de protegê-los de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Embora a lei assegure o direito da criança, o atendimento nas creches brasileiras permaneceu inicialmente com um caráter assistencialista, funcionando apenas como um local seguro para que as mães deixassem seus filhos enquanto estivessem trabalhando. Nesse contexto, as instituições eram geridas pelas Secretarias de Assistência Social, e os profissionais que atuavam diretamente com as crianças não precisavam ter formação acadêmica na área da educação. Esses fatores, portanto, interferiam diretamente na qualidade do atendimento oferecido e reforçaram a ideia de atender as crianças apenas em suas necessidades físicas.

A criança vista como ator social e a intencionalidade pedagógica da EI começaram a ser evidenciadas a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB (Brasil, 1996), que integrou a EI à primeira etapa da

Educação Básica; assim, as creches e pré-escolas começaram a exercer a função de cuidar e educar de forma indissociável. Partindo desse marco legal, apenas profissionais devidamente graduados nos cursos de Pedagogia poderiam atuar na função de professoras, rompendo com o paradigma de serem vistas apenas como "tias da creche" e passando a serem reconhecidas como professoras.

Contudo, analisando o contexto atual da educação brasileira, revelado no EC desta pesquisa, percebe-se que principalmente na EI ainda é comum nos depararmos com práticas pedagógicas ancoradas na concepção adultocêntrica, nas quais prevalecem os conhecimentos com base no senso comum e nos parâmetros de julgamentos dos adultos perante as atitudes e manifestações culturais infantis.

Esse enfoque evidencia apenas os pontos negativos da criança, com o objetivo de corrigir comportamentos considerados pelos adultos como inadequados e manter o controle sobre os movimentos do corpo, da fala e do choro. Dessa forma, impõe-se uma relação de poder entre o adulto e a criança, em uma dimensão disciplinadora, para que se obedeça às regras que os adultos julgam necessárias para manter a ordem.

Abramowicz (2010) destaca a necessidade de "revelar a criança em sua positividade, como um ser ativo, situado no tempo e no espaço, nem cópia nem o oposto do adulto, mas sujeito participante, ator e também autor na relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo que o rodeia" (Abramowicz, 2010, p. 50). Partindo dessa premissa, busca-se afastar a ideia de criança e infância de uma posição marginalizada e passiva em relação aos adultos, reconhecendo que elas "formulam interpretações da sociedade, dos outros e de si próprios, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos, e o fazem de modo distinto para lidar com tudo que as rodeia" (Sarmento, 2005, p. 373).

Vygotsky (2000), referência na teoria histórico-cultural, defende que as crianças se desenvolvem por meio das relações sociais que estabelecem com outras pessoas, mediadas pelo contexto cultural e histórico em que vivem. Segundo o autor, a formação e o desenvolvimento humano não ocorrem de maneira espontânea, mas são resultado das experiências da criança como sujeito ativo e do papel que desempenha nas relações sociais das quais participa.

Além disso, a teoria histórico-cultural concebe a criança como protagonista de sua própria história, valorizando suas vozes e experiências únicas. Através da

interação e convivência em sociedade, a criança se depara com a diversidade cultural, e a qualidade dessas relações exerce um papel importante na apropriação do conhecimento. Destaca-se que o desenvolvimento integral da criança não acontece de forma isolada, mas é profundamente influenciado pelo contexto social e cultural em que ela está inserida.

Portanto, as relações estabelecidas entre crianças de diferentes idades e entre crianças e professores, entendendo os docentes como mediadores do conhecimento, são fundamentais para garantir a riqueza de conhecimento infantil assim como uma educação relevante, inclusiva e plural.

O professor mediador, através de sua intencionalidade pedagógica e respondendo aos interesses das crianças, instiga a curiosidade e valoriza os saberes culturais do grupo. Ele/a não só amplia as oportunidades para a aquisição de novos conhecimentos, mas também compartilha os conhecimentos já existentes, potencializando, qualificando e celebrando os saberes, as manifestações culturais, reconhecendo a alteridade e a heterogeneidade presente em seu grupo.

Apoiado nas ideias de Corsaro e Eder, Sarmento (2005) defende que a alteridade da infância está presente na ação da criança com a cultura infantil, acentuando que ela não nasce de forma natural, “constituem-se no mútuo reflexo das produções culturais dos adultos para as crianças e das produções culturais geradas pelas crianças nas suas interações” (Sarmento, 2005, p. 373). Portanto, as culturas infantis são produzidas a partir dos conjuntos de proposições, artefatos, valores e ideias construídas pelas crianças a partir de suas interações.

As crianças, por sua vez, através das relações sociais e culturais, estabelecidas dentro das instituições educacionais, adquirem conhecimentos baseados em suas próprias identidades, apropriando-se das aprendizagens atravessadas pelas relações de classe, gênero, raça, o que lhes possibilita um entendimento não homogêneo da sociedade e das relações de poder (Delfini, 2011).

Diante do exposto, é fundamental refletir sobre as perspectivas da SI em relação aos bebês e crianças bem pequenas, bem como a forma como elas são consideradas no contexto educacional. Os bebês estão inseridos no termo “crianças” nos debates sociológicos? Onde exatamente eles se inserem nesse debate? Ainda são vistos como meros receptores dos cuidados dos adultos ou como sujeitos sociais ativos?

Tebet e Abramowicz (2019) destacam que, apesar dos avanços nas pesquisas sociológicas relacionadas às crianças e à infância, os bebês permanecem invisibilizados nesses estudos; essa constatação acentua a necessidade de pesquisas mais específicas dentro do campo da SI e que proporcionem análises mais pontuais sobre os bebês na sociedade.

Nessa perspectiva, novas investigações sobre a temática têm o potencial de preencher as lacunas existentes e contribuir com a compreensão mais abrangente e inclusiva da infância ao integrar os bebês nas discussões acadêmicas.

Sabe-se que é inegável que os bebês e as crianças bem pequenas dependem dos adultos para atender suas necessidades físicas e emocionais, como cuidados com higiene, alimentação e afeto. No entanto, essas necessidades não os tornam incapazes; mesmo sem comunicar-se oralmente, conseguem expressar suas vontades e sentimentos por meio de gestos, olhares, sorrisos e choros, caracterizando sua autonomia ao manifestar suas necessidades e emoções.

Reconhecer, interpretar e ressignificar essas manifestações é essencial para compreender o bebê como um ator social com singularidades e necessidades específicas. Assim, a comunicação não verbal dos bebês e a capacidade dos adultos e crianças maiores de interpretar essas manifestações estabelecem um campo de confiança mútua, criando os primeiros canais de interação e definindo as bases das relações sociais.

Ao ingressar na instituição de EI, o bebê não se apresenta isento de cultura, ele traz consigo a bagagem cultural adquirida no seio familiar, evidenciando a necessidade de sensibilidade para lidar com as particularidades individuais que envolvem essa transição social. Vygotsky (2018) corrobora com essa ideia ao afirmar que o desenvolvimento cultural da criança começa a partir do nascimento e, através das primeiras relações sociais que vivencia, ela começa a se constituir como pessoa, tornando-se um ser cultural.

O reconhecimento de bebês e crianças bem pequenas como atores sociais, com subjetividades, manifestações autênticas e direitos, promove a transformação na forma pela qual a sociedade percebe e interage com a infância, incorporando novas possibilidades de compreender o papel das crianças na sociedade.

O conceito de criança e infância adotado nesta dissertação alinha-se ao entendimento dos autores supracitados neste capítulo, que as reconhecem como

atores sociais e sujeitos de direitos e cujas especificidades devem ser respeitadas desde o nascimento. Essa perspectiva reflete um compromisso com uma infância que valoriza a diversidade e a pluralidade cultural presente na sociedade, além de promover um ambiente educacional que prioriza e favoreça o pleno desenvolvimento das constituições individuais de identidade de cada criança.

2.2 Inserção ou Adaptação: Caminhos para refletir a Qualidade do Ingresso na Educação Infantil

Ao ingressar na instituição de EI, a criança expande seu convívio além do núcleo familiar, passando a ter uma vida social ativa, interagindo com novas pessoas, ampliando sua gama de experiências, vivências e conhecimentos.

As autoras Ortiz e Carvalho (2012) utilizam o termo adaptação para acentuar o ingresso da criança na creche, porém elas não o associam a uma perspectiva biologista que sugere que o indivíduo deva simplesmente se ajustar ao ambiente; pelo contrário, defendem que a criança é a protagonista desse processo e que este envolve tempo para conhecer e vivenciar o novo, para estabelecer novos vínculos, apresentando-se, portanto, como um processo não linear e previsível. Destaca-se que o termo adaptação à creche é como docentes e familiares comumente se referem ao ingresso da criança na instituição.

Ortiz e Carvalho (2012, p. 46) defendem que o processo de inserção requer atenção especial, visando amenizar os impactos e as dificuldades que as crianças enfrentam ao lidar com essas novas situações. Portanto, para as referidas autoras, “adaptar-se significa somar-se a um novo contexto”.

Outros autores, como Staccioli (2013) e Rezende e Sá (2018), preferem utilizar os termos acolhimento e inserção ao invés de adaptação. Argumentam que o uso dessa palavra “daria a entender que o esforço e o movimento de adaptação viriam somente da criança; esta teria de se modificar para entrar na escola” (Rezende; Sá, 2018, p. 185).

Segundo Staccioli (2013, p. 25), o termo acolhimento refere-se a um “método de trabalho” que transcende os primeiros momentos da manhã com a recepção das crianças ou ainda as primeiras interações ao recebê-las na instituição em seus

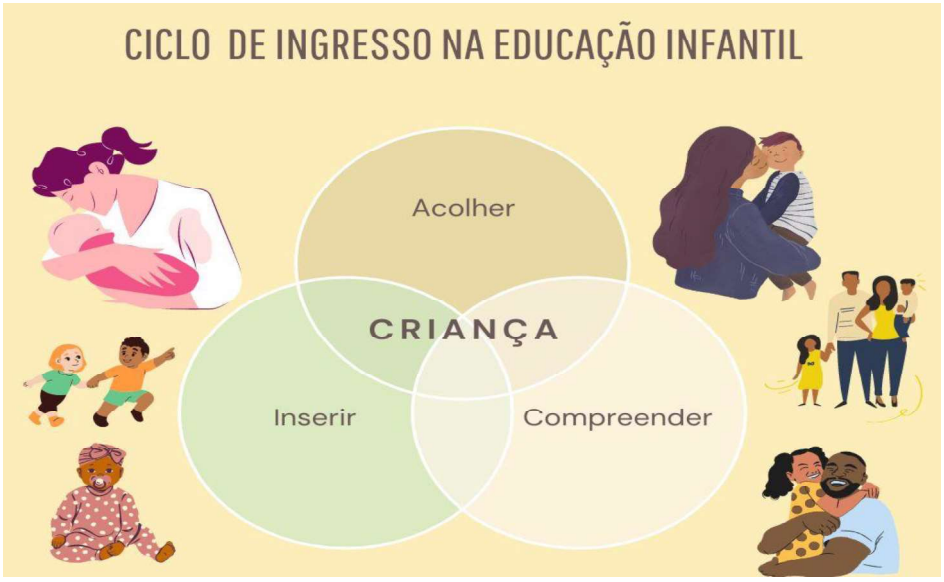
primeiros dias de frequência. Esse modo acolhedor deve ser contínuo em todos os ambientes e aspectos que envolvem a interação entre adultos e crianças.

Staccioli (2013) e Rezende e Sá (2018) ainda defendem que o processo de acolhimento e inserção não ocorre em um momento definido de tempo, e sim que ele se repete por diversas situações, como o retorno da criança à instituição após: férias; final de semana; episódios de adoecimento; troca de educadores; a chegada de um novo colega no grupo já constituído; entre outras situações comuns no cotidiano das instituições de EI.

Ancorada nas percepções dos autores mencionados e em minha experiência profissional com crianças de 0 a 3 anos, entendo que o processo de acolhimento e inserção é um ciclo contínuo e interligado que se estende por toda a vida. Nesse ciclo, receber uma criança na instituição de EI significa "acolhê-la, compreendê-la e incluí-la no grupo" (Rezende; Sá, 2018, p. 185).

Cabe ressaltar que esse processo não se limita ao início do ano letivo, embora seja nesse período que esses se manifestam com mais frequência; ele se inicia e reinicia a cada novo acontecimento na vida da criança, de sua família, da instituição ou do grupo. Represento a ideia do referido ciclo na seguinte figura[3]:

Figura 1 - Representação do ciclo de ingresso na Educação Infantil



Fonte: elaborado pela autora

[3] Link de acesso para a plataforma Canva disponível em: https://www.canva.com/design/DAGOax8JeH4/M9ezavn7Gto9rfcUcFhoJQ/edit?utm_content=DAGOax8JeH4&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton. Acesso em: 7 jan. 2025.

Revendo os marcos históricos que envolvem a temática, constata-se que ao longo de décadas o cuidado e a educação de bebês e crianças bem pequenas foram considerados responsabilidades exclusivas das mães. No entanto, a partir dos processos de urbanização e industrialização que ocorreram no Brasil, sobretudo na década de 1970, houve uma mudança significativa no papel da mulher na sociedade. Antes dedicadas inteiramente às tarefas domésticas e ao cuidado da família, elas começaram a ingressar no mercado de trabalho formal e remunerado. Como resultado, os modelos familiares tradicionais foram modificados, e a crescente participação feminina no mercado de trabalho gerou a necessidade de confiar o cuidado e a educação dos filhos às instituições especializadas.

De acordo com Ortiz e Carvalho (2012), as instituições que atendiam os filhos de mães trabalhadoras adotavam, inicialmente, uma abordagem assistencialista, cujo objetivo explícito era a guarda das crianças. Essas instituições concentravam-se principalmente no cuidado físico e nas necessidades básicas das crianças. As autoras complementam discorrendo que:

> as creches surgiram como uma demanda do próprio capitalismo, como forma de preservar a criança filha de famílias trabalhadoras, com necessidade de organização social frente à expansão dos centros urbanos e a necessidade da mãe trabalhadora (Ortiz; Carvalho, 2012, p. 19).

Essas crianças, pertencentes às classes baixas da sociedade, permaneciam nas instituições apenas pelo tempo necessário para cobrir a jornada de trabalho de suas mães, sem acesso a vivências de cunho pedagógico ou cultural. Eram um local seguro de cuidado para as crianças enquanto seus familiares, em especial suas mães, trabalhavam.

A partir da década de 1980, impulsionadas pela pressão popular e de diversos movimentos sociais[4], ocorreram mudanças significativas nas políticas voltadas para a infância. A promulgação da Constituição (1988) e da LDB (1996) reconheceram como dever do Estado o atendimento de crianças em creches e pré-escolas, que passaram a ser reconhecidas como instituições educacionais. Além disso, os direitos das crianças foram assegurados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990.

[4] Movimentos sociais feminista, da comunidade acadêmica e dos/as profissionais da Educação Infantil.

Segundo Ortiz e Carvalho (2012), esses documentos buscam garantir o direito ao atendimento das crianças em creches, com um serviço de qualidade na EI, modificando a concepção assistencialista e compensatória que prevalecia até então.

Bujes (2001), ao acentuar todas as eventuais mudanças da época, aponta que fica possível notar

> que as creches e pré-escolas surgiram a partir de mudanças econômicas, políticas e sociais que ocorreram na sociedade: pela incorporação das mulheres à força de trabalho assalariado, na organização das famílias, num novo papel da mulher, numa nova relação entre os sexos, para citar as mais evidentes. Mas, também, por razões que identificam com um conjunto de ideias novas sobre a infância, sobre o papel da criança na sociedade e de como torná-la, através da educação, um indivíduo produtivo e ajustado às experiências desse conjunto social (Bujes, 2001, p. 15).

Partindo dessas reflexões, reconhece-se que, assim como as crianças têm seus direitos garantidos, suas mães e responsáveis também têm. No contexto de um mundo frenético e capitalista, no qual as mulheres estão cada vez menos presentes na vida de seus filhos, usualmente não por escolha, mas por opressão ou necessidade financeira, elas enfrentam jornadas de trabalho extenuantes que não lhes permitem a presença desejada junto aos seus filhos/as. Sabe-se que normalmente elas não podem contar com o auxílio do pai da criança ou com uma rede de apoio familiar; assim, recorrem às creches para que seus filhos sejam acolhidos, cuidados e educados enquanto elas trabalham para sustentar suas famílias.

Torna-se relevante ser discutida a estrutura emocional dessas mulheres/mães que têm que abdicar de estar com seu filho para suprir todas as tarefas às quais estão impostas pela sociedade patriarcal. Deve-se refletir sobre a angústia que essas mulheres vivem ao repassar o cuidado e educação de seus filhos a uma instituição na qual pessoas até então desconhecidas ficarão responsáveis pelo seu ente mais precioso. A dor das mães ao deixar seus filhos na instituição infantil também precisa ser considerada no processo de inserção.

Considerando que a garantia de acesso e frequência das crianças em creches é um direito estabelecido pela Constituição Federal de 1988, independentemente da situação laboral dos familiares, surge um debate sobre a decisão dos pais ou responsáveis de levar a criança à creche nos dias de folga do adulto. É fundamental reconhecer que essa decisão é exclusiva dos responsáveis, não cabe julgar ou ter preconceito sobre essa escolha. Destaco essa questão porque observei diversos episódios em que colegas docentes com os quais eu trabalhei fizeram isso,

desconsiderando, mesmo que implicitamente, o direito da criança de frequentar a instituição conforme o que foi assegurado por lei.

Outro ponto importante de discussão é o reconhecimento do direito das famílias, em especial as mães, de participar ativamente do processo de acolhimento e inserção de seus filhos e filhas no ambiente da creche. Campos e Rosemberg (2009) abordam esses direitos no documento *Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças*, acentuando, entre outros aspectos, que:

> - As mães e os pais recebem uma atenção especial para ganhar confiança e familiaridade com a creche;
> - Nossas crianças têm direito à presença de um de seus familiares na creche durante seu período de adaptação;
> - As mães e os pais são sempre bem-vindos à creche;
> - Reconhecemos que uma conversa aberta e franca com as mães e os pais é o melhor caminho para superar as dificuldades do período de adaptação;
> - Observamos com atenção a reação dos bebês e de seus familiares durante o período de adaptação (Campos e Rosemberg, 2009, p. 26).

Baseando-se nos critérios estabelecidos, torna-se relevante promover atitudes de parceria e ações que incluam as famílias na rotina da instituição de EI. Tal atitude permite que os pais ou responsáveis acompanhem de perto a experiência de seus filhos na sala de referência, conheçam o planejamento das proposições do grupo, interajam com outros responsáveis, entre outros aspectos relevantes presentes no cotidiano da EI.

Rezende e Sá (2018) defendem a importância da permanência dos familiares na instituição nos primeiros dias de ingresso da criança na creche. Argumentam que a presença dos pais permite que a criança faça o movimento de afastamento e reaproximação com eles, possibilitando a construção de uma relação de confiança com o novo ambiente e com as pessoas ao seu redor.

As autoras apresentam o paradoxo que a criança enfrenta ao ingressar em uma instituição de EI: no ambiente familiar ela recebe uma atenção individual, íntima e com características únicas; na creche, é inserida em um ambiente coletivo, multifacetado e culturalmente diversificado. Elas defendem que a intensidade do impacto dessas diferenças varia conforme a qualidade do acolhimento oferecido e que, diante dessa realidade, cabe à instituição focar na oferta de uma educação propositiva, que construa laços, parcerias, valorizando o diálogo criativo e participativo entre docentes e famílias (Rezende; Sá, 2018).

Quanto aos diálogos entre docentes e familiares que se constituem na dinâmica pedagógica, esses não têm como objetivo neutralizar o papel de nenhuma das partes, mas sim potencializar cada uma em suas especificidades. Dessa forma, torna-se possível criar uma relação de respeito mútuo, na qual as perspectivas dos pais, anseios e inseguranças são considerados para a constituição do currículo da turma.

O Currículo Base de Educação Infantil do Território Catarinense (2014) também reforça que as famílias têm o direito e o dever de acompanhar as vivências e experiências das crianças nos espaços de EI. Norteia-se que a relação estabelecida entre a família e a instituição de EI deve estar centrada na promoção da educação integral da criança, fundamentada no respeito e na valorização das diversidades inerentes a cada instituição e comunidade.

Ponderando o exposto, é necessário refletir sobre como tornar o ingresso da criança e de sua família na creche o mais adequado, leve e singular possível. Assim, as práticas de acolhimento devem ser cuidadosamente planejadas pelos docentes, levando em conta as especificidades culturais da comunidade e das famílias. Deve haver um planejamento marcado por intencionalidade e sensibilidade, que considera as fragilidades da criança que deixa de receber os cuidados exclusivos dos familiares e passa a integrar um novo grupo social.

Staccioli (2013) defende que o acolhimento das crianças deve se dar de modo personalizado, pesando suas emoções e as de seus familiares. Assim, o princípio acolhedor defendido pelo autor baseia-se na afetividade e estabelece uma relação de confiança entre professores, crianças e suas famílias que permite assegurar uma prática docente de qualidade e cria condições para que bebês e crianças pequenas interajam com autonomia e bem-estar em um ambiente promotor para o desenvolvimento integral.

Portanto, ingressar em uma instituição de EI significa, entre outras coisas, aprender a se separar, e isso exige um esforço tanto dos pais quanto das crianças. Obviamente, as famílias são plurais e reagem de maneiras distintas a essa separação.

Desse modo, observa-se que para a maioria das famílias o sentimento de insegurança é o mais evidente no momento de separação, chegando ao ponto de ser transmitido à criança, enquanto outras expressam remorso ou dó por confiarem os cuidados de seus filhos a terceiros. Há também aquelas que nunca estão satisfeitas

com o atendimento recebido na instituição, impondo que seu filho seja cuidado e educado conforme seus próprios princípios. Entretanto, algumas famílias encaram com certa naturalidade a iniciação precoce de seus filhos em uma instituição educacional, não chegando a afetá-las emocionalmente.

Contudo, para que os bebês e as crianças bem pequenas não sejam sobrecarregados pelas emoções desencadeadas ao ingressar na instituição infantil, é fundamental que os profissionais da educação considerem a diversidade de entendimentos dos pais, seus anseios e inseguranças. Staccioli (2013, p. 149) ressalta que "o bem-estar da criança está estritamente ligado à relação que os educadores conseguirão estabelecer com seus familiares". Ele defende a importância de uma postura de respeito mútuo e compreensão das opiniões do outro, pois são esses aspectos que possibilitam a discussão e o planejamento conjunto das diversas ações que serão propostas às crianças por ambas as partes. Dessa forma, é inadequado esperar que o acolhimento das crianças e de suas famílias na EI siga um roteiro fixo e mecanizado para todos.

A BNCC (2017) considera como essenciais o diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a instituição de EI e a família, ressaltando a importância de conhecer e explorar as pluralidades culturais existentes:

> ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (BNCC, 2017 p. 36).

Ortiz e Carvalho (2012, p. 114) reforçam essa ideia ao descreverem a creche como um "ambiente de múltiplas experiências", onde a criança amplia seu universo cultural por meio de vivências diversificadas. Nesse processo, ela constrói e ressignifica conceitos relacionados a identidade, gênero, raça e etnia, mobiliza saberes, se encanta com novas descobertas e apropria-se do seu lugar como ator social.

Staccioli (2013, p. 28) afirma que "acolher uma criança é também acolher o mundo inteiro da criança", englobando o acolhimento a todos os aspectos entrelaçados da EI. Com base nessa perspectiva, é vital refletir sobre a quantidade de

horas que bebês e crianças bem pequenas passam na instituição ao ingressar nela, afirmando que uma jornada diária de 8, 10 ou até 12 horas longe de casa e dos familiares pode ser extremamente exaustiva e frustrante para eles.

Portanto, é mais adequado que os docentes alinhem o tempo que a criança permanecerá na instituição com as famílias, considerando as necessidades e suas rotinas, adotando a estratégia de um aumento gradativo no tempo de permanência, respeitando o ritmo individual e observando as manifestações de medo, ansiedade e insegurança das crianças, como destaca Felipe (2001).

Desse modo, as necessidades físicas e emocionais das crianças precisam ser respeitadas quando se almeja um trabalho educacional de qualidade; deve-se observar e considerar os limites, mesmo que ainda não tenham sido expressos verbalmente, para manter a saúde emocional delas.

Tais expressões, denominadas linguagens infantis, consistem em "um sistema de signos utilizados para a comunicação" (Ortiz; Carvalho, 2012, p. 150), portanto entende-se por linguagem a expressão e manifestação das necessidades e subjetividades das crianças, as quais são apresentadas desde o nascimento.

O bebê e a criança bem pequena comunicam-se através de seu corpo, gestos, olhares, mudanças de comportamento, diferentes vocalizações como balbucios, gritos e pequenas palavras e também por meio do choro. Mesmo que ainda não utilize as palavras, pode-se considerar que o bebê "fala", comunicando através dessas expressões suas vontades e necessidades, tais como fome, dor, felicidade, sono. Compreender tais comunicações como linguagem, com responsividade ao atendê-las, atribui sentido a tais manifestações, caracterizando a comunicação entre os pares.

Entre todas as formas de linguagem que permeiam o universo infantil, o choro com certeza é a mais potente na comunicação entre adulto e criança. Felipe (2001) argumenta que há uma ansiedade muito grande dos adultos em relação às manifestações de choro das crianças, o que pode levar à irritação e até mesmo à rotulação delas como mimadas ou choronas.

Durante o processo de acolhimento e inserção, é comum que as crianças reajam com choro ao se despedirem de seus familiares e ao se sentirem desconfortáveis longe de casa. O choro expressa não apenas seu desejo de estar com seus pais, mas também revela sentimento de frustração com um novo ambiente, com sons, aromas, rotinas e objetos diferentes dos habituais; a criança está

interagindo com culturas e modos de ser e agir ainda desconhecidos. Assim, a transição para um novo ambiente social é delicada e requer dos adultos respostas repletas de sensibilidade e afeto.

Ortiz e Carvalho (2012) destacam que a relação afetiva, a convivência e o cuidado atento do docente com a criança que chora possibilitam criar uma comunicação que facilita a compreensão das necessidades expressas por meio dessa manifestação. Considerar o choro como uma forma de comunicação, em vez de simplesmente desejar que a criança pare de chorar, permite o surgimento de alternativas para promover um ambiente mais acolhedor e propositivo.

Rezende e Sá (2018) ampliam a ideia da relação afetiva entre docente e criança ao enfatizar que esta vai além de uma interação, ou de realizar as tarefas do cotidiano com carinho, de ser agradável ou gostar ou não de alguém. As autoras defendem que "tal interação estrutura o psiquismo da criança, sua identidade e a forma como estabelecerá suas relações com o mundo" (Rezende; Sá, 2018, p. 177).

Tais relações devem ocorrer de forma peculiar, buscando atender às demandas do trabalho docente, especialmente o choro, sem desconsiderar a importância da afetividade como foco das ações, para, assim, proporcionar um ambiente afetuoso, seguro e rico em situações de aprendizagem (Rezende; Sá, 2018).

Entre as minúcias presentes no cotidiano do trabalho na creche, o uso de objetos de apego pelas crianças é uma das mais comuns. Chupetas, paninhos, cobertores e brinquedos representam para a criança uma extensão de seu lar, trazendo consigo o cheiro e a lembrança da família.

Ortiz e Carvalho (2012, p. 50) descrevem que os objetos de apego, ou objetos transicionais, conforme Winnicott, "são escolhidos pelas crianças por terem algum significado" e são levados para a creche para servir como apoio emocional. Seu uso não se restringe apenas aos momentos de sono e choro, mas se estende a qualquer situação em que a criança sinta a necessidade de sua companhia. Staccioli (2013) corrobora nessa perspectiva, ao afirmar que a presença desses objetos trazidos de casa oferece mais segurança às crianças e facilita a inserção ao novo ambiente.

Assim, os objetos de apego desempenham um papel fundamental no processo de acolhimento e inserção da criança à creche, viabilizando a formação de vínculos e proporcionando para elas estabilidade e confiança enquanto estão longe da família.

Diante das discussões sobre o tema reveladas até aqui, evidencia-se que não há uma fórmula pronta para conduzir a trajetória de inserção na EI. Afinal, trata-se de um processo dinâmico e multifacetado, que envolve não apenas a criança, mas também suas interações com os educadores e a família.

Nesse contexto, manter o foco no protagonismo da criança implica estar disposto a flexibilizar rotinas e proposições de acordo com suas necessidades e respostas individuais que se revelam ao longo do processo. Sem seguir roteiros pré-definidos, a docência, nessa perspectiva, emerge de forma personalizada e sensível, priorizando o diálogo com as famílias e mantendo-se em sintonia com as necessidades da criança, tornando a jornada o mais singular possível.

O próximo tópico acentuará o processo de busca dos artigos, teses e dissertações que compõem o EC desta pesquisa, os quais servirão como material de análise sobre o tema em questão.

2.3 Estado do Conhecimento

Este levantamento, que se configura como EC, permite a identificação, síntese e construção de considerações do que já foi pesquisado cientificamente sobre a temática dentro de um recorte temporal. Por meio dessa abordagem metodológica, é possível ter uma visão abrangente e concisa do objeto de estudo em questão (Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt, 2021).

Para criar um panorama das pesquisas atuais, o recorte histórico desta pesquisa abarca os anos de 2013 a 2023, a fim de possibilitar a compreensão das diferentes perspectivas sobre a temática e observar quais são os avanços, as lacunas e contribuições que tais pesquisas revelam para esse campo de estudo.

Para direcionar o estudo desta pesquisa, primeiro foi realizado o levantamento de teses e dissertações nos bancos de dados da Capes e, em seguida, da Biblioteca Digital de Teses e Dissertação (BDTD) com as seguintes palavras-chave: Adaptação; Acolhimento; Inserção; Educação Infantil, Crianças bem pequenas e Bebês. Também foram adotados os operadores booleanos OR entre as palavras adaptação, inserção e acolhimento, AND entre os termos EI, crianças bem pequenas e bebês. Colocaram-se entre parênteses as palavras: educação infantil e crianças bem pequenas para que estas não sejam separadas nos momentos de busca.

Os critérios para a inclusão das pesquisas são: ano de publicação, idade das crianças pesquisadas (0 a 3), pesquisas preferencialmente da área da educação e da psicologia (esta última dependendo da pertinência com o tema proposto na pesquisa) e pesquisas nos idiomas português, inglês e espanhol.[5] Os critérios de exclusão são: pesquisas que não se enquadrem com o público-alvo escolhido (crianças de 0 a 3 anos), que estejam fora das áreas de educação, de psicologia e do recorte proposto, bem como aquelas que apareçam duplicadas nos bancos de dados.

A partir das pesquisas selecionadas no primeiro recorte temporal, para fins de delimitação e análise, essa produção foi dividida da seguinte forma: o primeiro recorte compreende os anos de 2013 a 2018 e pretende expor a síntese e os principais apontamentos que esse mapeamento evidenciou. Já o segundo recorte temporal, referente aos anos de 2019 a 2023, permitirá traçar um panorama geral das pesquisas acadêmicas atuais que abordam a temática do acolhimento e inserção na EI e delimitar quais são os pontos que divergem ou convergem, assim como as lacunas que ainda merecem mais atenção nas pesquisas futuras.

Tabela 1 - Total de teses e dissertações encontradas na Capes com base nos descritores estabelecidos

Descritores	Primeiro recorte temporal	Segundo recorte temporal	Total
Adaptação + acolhimento + “educação infantil” + bebês	2	7	9
Adaptação + acolhimento + “educação infantil” + bebês + “crianças bem pequenas”	0	1	1
Adaptação + acolhimento + “educação infantil” + “crianças bem pequenas”	0	3	3
Adaptação + “educação infantil”	24	26	50
Inserção + “educação infantil”	35	51	86
Acolhimento + “educação infantil”	14	27	41
Total de pesquisas encontradas	**75**	**115**	**190**

Fonte: elaborado pela autora

No banco de dados da Capes, no primeiro recorte temporal (2013 a 2018), foram localizadas 75 pesquisas sobre a temática do acolhimento e inserção na EI. Já

[5] Todas as teses e dissertações selecionadas no Estado do Conhecimento sobre o tema estão em português. Entre os artigos, apenas um está em espanhol, sendo os demais em português.

o segundo recorte temporal (2019 a 2023) resultou em 115 pesquisas, revelando um aumento significativo nesse campo de estudo. Ao todo, foram identificadas 190 pesquisas a partir dos descritores selecionados.

Observa-se que os conjuntos de descritores que apresentaram maior número de pesquisas no primeiro recorte temporal foram “inserção + educação infantil”, com 35 trabalhos, e “adaptação + educação infantil”, com 24, seguido de “acolhimento + educação infantil”, com 14. Esse aumento também pode ser observado no segundo recorte temporal, no qual os descritores “inserção + educação infantil” acentuaram 51 trabalhos, “acolhimento + educação infantil” 27 e “adaptação +educação infantil” 26. Tais constatações sinalizam a hegemonia dessas categorias no campo educacional.

Em contrapartida, no primeiro recorte temporal, o menor número de pesquisas está no conjunto de descritores “adaptação + acolhimento + educação infantil + bebês”, com 2 trabalhos, seguidos dos conjuntos “adaptação + acolhimento + educação infantil + bebês + crianças bem pequenas” e “adaptação + acolhimento + educação infantil + crianças bem pequenas”, que não mostraram nenhum resultado. Considerando que o termo “crianças bem pequenas” foi instituído após a promulgação da BNCC (2017) e que o primeiro recorte temporal desta pesquisa abrange os anos de 2013 a 2018, é possível que esses resultados se justifiquem por esse motivo.

No segundo recorte temporal, observa-se um pequeno aumento no número de pesquisas para os conjuntos de descritores: “adaptação + acolhimento + educação infantil + bebês”, com 7 trabalhos, “adaptação + acolhimento + educação infantil + crianças bem pequenas”, com 3, e “adaptação + acolhimento + educação infantil + bebês + crianças bem pequenas” com 1 resultado. Esses dados confirmam a apropriação do termo “crianças bem pequenas” nas pesquisas acadêmicas, alinhando-se às diretrizes da BNCC (Brasil, 2017). Contudo, de qualquer forma, observa-se a redução do número de pesquisas quando utilizados os descritores “crianças bem pequenas” e “bebês” nos dois recortes temporais.

Seguimos a análise das buscas nos bancos de dados e portais de periódicos apresentando os resultados em relação a cada conjunto de descritores, que compreendem o total de 190 pesquisas.

A busca teve início no portal de teses e dissertações da Capes, utilizando a seguinte formatação na área de busca da plataforma: adaptação OR acolhimento AND educação infantil AND bebês gerou o resultado de 9 pesquisas existentes nos dois

recortes temporais. Entre elas, 4 foram selecionadas por estarem mais afinadas com o interesse desta pesquisa.

Conforme os passos indicados no procedimento metodológico do EC, a primeira etapa é denominada bibliografia anotada, que consiste "na organização da referência bibliográfica completa dos resumos das publicações encontradas" (Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt, 2021, p. 64). Portanto, o quadro da bibliografia anotada deve conter: número[6] que rotula a identificação da pesquisa selecionada, ano da publicação, nome do autor, título da pesquisa, palavras-chave e resumo (Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt, 2021).

Quadro 1 - Bibliografia anotada: pesquisas selecionadas na Capes a partir das palavras-chave: adaptação OR acolhimento AND "educação infantil" AND bebês

N.	ANO	AUTOR(A)	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	RESUMO
MADEIRA, M. C. **Uma Escola Municipal de Educação Infantil como lugar de experiência, comunicação e relações**: contribuições para a construção de uma pedagogia da infância. 2017. Tese (Especialização em Mídias na Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.					
1	2017	MADEIRA, Maria Cristina.	Uma Escola Municipal de Educação Infantil como lugar de experiência, comunicação e relações: contribuições para a construção de uma pedagogia da infância.	Pedagogias da infância; bebês; crianças pequenas; experiência; acolhimento; comunicação.	Esta tese analisa os tensionamentos, desafios e avanços presentes no processo de elaboração de uma pedagogia da infância pautada na experiência de acolhimento, na comunicação e nas relações do ponto de vista dos sujeitos que dela participaram. O contexto é uma Emei localizada no município de Pelotas (RS). O período de construção dessa experiência abrange os anos de 2008 a 2012. Os caminhos da investigação seguiram os pressupostos da pesquisa qualitativa, levando-me a realizar uma abordagem interpretativa, na qual as professoras, as auxiliares do berçário e do maternal I, as funcionárias da equipe da escola e um grupo de familiares foram escutados mediante entrevistas não diretivas. O quadro teórico abrange pedagogias da infância, abordagens italianas de EI, estudos da infância e autores da educação e da filosofia. O conceito de experiência orientou a análise das seguintes dimensões do acolhimento: em uma perspectiva de diálogo e comunicação; com inserção, cuidado e atenção com os bebês, crianças pequenas e seus familiares; como criação de espaços/ambientes pedagógicos; e

[6] Segundo as autoras, o número de identificação do trabalho acadêmico selecionado deve ser mantido ao longo de toda a pesquisa. Elas ressaltam que, mesmo que os trabalhos sejam distribuídos em categorias diferentes, o número original de identificação deve permanecer o mesmo.

					relações entre relações entre adultos e crianças. Para a análise de práticas pedagógicas, concepções e princípios que inspiraram a construção de uma pedagogia da infância pensada como um processo rigoroso e contínuo de criação de sentidos e reflexões teóricas, são aqui discutidos três elementos importantes da experiência. O primeiro diz respeito aos projetos de trabalho desenvolvidos com as crianças do berçário e do maternal I. O segundo envolve a documentação pedagógica, que permitiu o registro das experiências de construção de conhecimentos auxiliares para a avaliação de suas práticas educativas. E, por fim, o terceiro trata dos ateliers, que criaram condições para a expressão lúdica, experimentação e contato com distintos materiais de forma criativa e sensível pelos bebês e crianças pequenas. Um aspecto fundamental dessa construção consistiu em unir ação/reflexão/ação..
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
RISTOF, L. S. **A chegada dos bebês na escola de Educação Infantil**: acolher com sensibilidade. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), Ijuí, 2020.					
2	2020	RISTOF, Luciana Stumpf.	A chegada dos bebês na escola de Educação Infantil: acolher com sensibilidade.	Adaptação; acolhimento; bebês; escola de Educação Infantil.	Esta dissertação objetivou investigar a interação da escola com a família na situação de ingresso do bebê na escola de EI, por meio de pesquisa qualitativa de cunho etnográfico com uso do método de observação participante dos bebês, educadores e familiares no ambiente da escola de EI e de entrevista com familiares e educadores numa Emei na cidade de Horizontina (RS). Foram observados 13 bebês, entrevistadas seis famílias e três educadoras (uma professora, uma atendente de creche e uma estagiária). A pesquisa mostrou que as relações entre as famílias e a escola de EI são determinadas por vários elementos que dizem da história de cada instituição, cada educador, cada bebê e família; e podem, também, seguir por diversos caminhos que são direcionados a partir das percepções sobre infância, educar e cuidar. Com base nisso, apresentaram-se duas formas de pensar os primeiros dias dos bebês e das famílias na escola de EI: uma que vai pela via da adaptação e outra do acolhimento. Quando a escola adota posturas que vão pela via da adaptação, a criança é vista como um ser submisso a um adulto e deve abrir mão de suas características para se adequar a um novo

					ambiente (a escola). Por outra via, a do acolhimento, a criança é considerada protagonista, logo é escutada (em suas diversas expressões, e muitas vezes, mesmo sem saber falar). Acolher, na escola de EI, passa a ser: reconhecer as singularidades e trabalhar a partir delas. Nesse contexto, de uma escola acolhedora, há espaços para movimentos únicos, tal como a documentação pedagógica, que nesta pesquisa foi apresentada a partir do estudo do acolhimento através das paredes da Cooperativa de Ensino Benfica (de Lisboa, Portugal).
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
FRANCO, M. A. **A sensibilização sobre o acolhimento**: uma proposta interventiva com a criação de rapsódias do cotidiano infantil. 2021. Dissertação (Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2021.					
3	2021	FRANCO, Merilis Aparecida.	A sensibilização sobre o acolhimento: uma proposta interventiva com a criação de rapsódias do cotidiano infantil.	Acolhimento; Centros de Educação Infantil; bebês; teoria do apego; rapsódias.	Esta pesquisa tem por objeto de estudo o acolhimento em um Centro de Educação Infantil (CEI). Busca responder à seguinte pergunta: como é possível criar estratégias para sensibilizar as professoras quanto à importância do acolhimento cotidiano? Tem por objetivo geral criar estratégias para sensibilizar os professores sobre a importância do acolhimento. Como objetivos específicos, elencamos os seguintes: registrar memórias do cotidiano da EI, refletir sobre os dilemas nos momentos do acolhimento de bebês e crianças pequenas, elaborar narrativas (rapsódias cotidianas) como estratégia de sensibilização e reflexão para as professoras que atuam no CEI, bem como elencar itens teóricos para ampliar o olhar sobre o acolhimento. A hipótese é a de que as professoras que acolhem os bebês e as crianças pequenas necessitam de conhecimento teórico constante sobre a importância desse acolhimento cotidiano no CEI; assim como reflexões sobre a prática, através das rapsódias e narrativas sobre as relações afetivas entre professores, bebês e crianças pequenas. O universo da pesquisa é um CEI localizado no município de São Paulo, zona leste, que atende a 115 crianças de 0 a 4 anos de idade. Os sujeitos participantes são três professoras dos agrupamentos do berçário I (0 a 9 meses), do berçário II (10 meses a 1 ano e 8 meses), e minigrupo II (2 anos e 9 meses a 4 anos). A metodologia usada é de cunho qualitativo e o instrumento de coleta de dados são as narrativas cotidianas. As análises são feitas por meio de três narrativas cotidianas no que se refere ao acolhimento. Para

					fundamentar a categoria teoria do apego, recorremos aos seguintes autores: John Bowlby, Donald Winnicott, Judit Falk, Emmi Pikler e Carlina Rinaldi; para a categoria professor de EI utilizamos Sonia Kramer e Zilma de Moraes Ramos de Oliveira; para fundamentar a categoria das narrativas nos debruçamos nos estudos de Sousa e Cabral; sobre as rapsódias cotidianas, como proposta interventiva, adotamos os estudos de Paulo Fochi; para fundamentar a metodologia, Lüdke e André. Também fizemos análise de algumas legislações vigentes, federais e municipais que regem a EI. Os resultados confirmam nossa hipótese, ou seja, as professoras que acolhem os bebês e as crianças pequenas necessitam de conhecimento teórico constante sobre a importância desse acolhimento cotidiano no CEI; assim como reflexões sobre a prática, através das rapsódias e narrativas sobre as relações afetivas entre professores, bebês e crianças pequenas. Vale lembrar que os conceitos sobre figuras de apego e comportamento de apego não estão substancialmente contemplados nos documentos oficiais, tampouco na formação acadêmica dos professores. As noções que envolvem os cuidados, movimentos e brincadeiras livres, desenvolvidas a partir de uma escuta que favoreça o diálogo entre educador e criança, e de como esses elementos influenciam na formação das relações de apego, pouco são discutidas nas formações em rede oferecidas pelo município de São Paulo. A proposta de intervenção visa contemplar tais reflexões sobre os dilemas do cotidiano infantil, utilizando das narrativas/rapsódias e estratégias de sensibilização quanto à importância do acolhimento.
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
SANTOS, N. L. **O acolhimento inicial de bebês negros e negras nos espaços da creche**: aspectos a considerar e desafios a alcançar. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) **–** Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.					
4	2021	SANTOS, Natalia Lopes dos.	O acolhimento inicial de bebês negros e negras nos espaços da creche: aspectos a considerar e desafios a	Educação Infantil; acolhimento; bebês; relações étnico-raciais.	Esta pesquisa buscou acompanhar oito bebês negros e negras que ingressaram em creches da rede pública no ano de 2019, tendo como principal objetivo a ação de compreender, no contexto das relações étnico-raciais, o que significa ingressar bebês negros e negras nos ambientes de EI. Partimos do pressuposto de que, quando bebês negros e negras começam a frequentar a creche, além de existir a possibilidade de serem submetidos a um

			alcançar.		conjunto de novas experiências sociais, que terão por finalidade adequá-los a uma nova rotina, a um novo contexto social, a novos hábitos e referências, há a possibilidade de os bebês serem inseridos em um espaço que apresenta, de modo sistemático, por meio de interações, discursos, imagens, materiais disponibilizados, propostas e práticas políticas e pedagógicas, um grupo de elementos que desconsidera a presença da população negra na constituição da sociedade brasileira, apagando suas identidades étnico-raciais. No entanto, interligando essa questão com a ideia de acolhimento, recentemente difundida no campo da EI, compreendemos que os processos de acolhimento inicial desenvolvidos durante os primeiros dias de frequência aos espaços da creche necessitam atentar-se para as especificidades de cada bebê, de cada criança, de cada família, sobretudo dos bebês, das crianças e das famílias negras. A pesquisa foi realizada em cinco CEIs situados em quatro municípios, três no estado de São Paulo e um no estado da Bahia. Para a realização da coleta de dados utilizaram-se entrevistas, questionários abertos e fechados, registros fílmicos e fotográficos e a cartografia de bebês proposta por Tebet (2013). Mobilizaram-se estudos produzidos no campo das relações étnico-raciais, bem como pesquisas desenvolvidas no campo da EI que versam sobre os temas acolhimento, adaptação e inserção para promover a análise dos dados. Constatou-se que, além de acolher pessoas recém-chegadas ao espaço da creche, entendemos que é necessário promover o acolhimento étnico-racial nesses espaços desde o primeiro contato com as famílias, para que as identidades raciais sejam preservadas e respeitadas dentro e fora do espaço doméstico. Ao mesmo tempo, acreditamos que a chegada dos bebês negros e negras no contexto da EI nos permite acentuar novos modos de se relacionar com as diferenças existentes em uma sociedade plural e romper com estruturas de dominação. No entanto, para que isso aconteça, consideramos que é preciso que toda a comunidade escolar tome ciência da presença do racismo estrutural e de seus efeitos nos espaços sociais.

Fonte: elaborado pela autora

Em nova busca na Capes, utilizando as mesmas palavras-chave e operadores booleanos da pesquisa citada anteriormente, adicionou-se o termo “crianças bem pequenas” com aspas, e nenhuma foi encontrada. Para ampliar a busca, foram retiradas as aspas do termo crianças bem pequenas e, mesmo assim, nenhuma pesquisa foi identificada. O conjunto de termos: adaptação OR acolhimento AND “educação infantil” AND “crianças bem pequenas” também não teve nenhuma identificada. Para ampliar a pesquisa, retiraram-se as aspas dos termos, mas mesmo assim a plataforma não apontou nenhuma.

Ao realizar nova busca com os termos: adaptação AND “educação infantil”, detectaram-se 50 pesquisas: 24 no primeiro recorte temporal e 26 no segundo. Aplicando o filtro de assuntos voltado à educação, o número de pesquisas baixou para 9 no primeiro recorte temporal e 7 no segundo recorte.

A partir desses achados, após aplicar os critérios de inclusão e exclusão e analisar os títulos e resumos apresentados, pode-se perceber que algumas pesquisas fugiram do interesse deste estudo, por se tratar de assuntos referentes à pandemia de Covid-19, documentação pedagógica na EI, questões relacionadas a educação inclusiva, desenvolvimento socioemocional docente, avaliação da qualidade em creches, entre outros assuntos. Também foi excluída 1 pesquisa duplicada e foram selecionadas 3 para compor esta pesquisa.

Quadro 2 - Bibliografia anotada: pesquisas selecionadas na Capes a partir das palavras-chave: adaptação AND “educação infantil”

N.	ANO	AUTOR(A)	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	RESUMO
REIS, L. M. S. **Inserção e diálogo**: como crianças pequenas vivenciam sua entrada na Educação Infantil? 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2014.					
5	2014	REIS, Lucilaine Maria da Silva.	Inserção e diálogo: como crianças pequenas vivenciam sua entrada na Educação Infantil?	Adaptação; inserção crítica; Educação Infantil.	Esta dissertação de mestrado teve por objetivo entender como um grupo de crianças de 2 anos vivenciou sua entrada/inserção em uma instituição de EI. A relevância acadêmica do tema reside não somente no fato de termos uma relativa carência de pesquisas que o acentuem, mas também em seu potencial em contribuir para a compreensão das dinâmicas e complexidades que envolvem o universo dos grupos de 2 anos em seu ingresso na EI de tempo integral. Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo (já que assume uma postura de recusa da neutralidade e distanciamento do pesquisador) e cunho etnográfico, buscando, pela interação

					cotidiana com os sujeitos da pesquisa, compreender a significação que os fenômenos investigados têm para eles. Ao longo do texto tecemos uma reflexão sobre a opção pelo uso da palavra inserção no lugar de adaptação, dialogando diretamente com os conceitos de vivência em Vygotsky (2010) e diálogo em Bakhtin (2003) e Freire (1987). Por fim, apresentamos diversos episódios vivenciados junto às crianças no momento de sua inserção, buscando, através dessa análise, compreender os modos como as crianças bem pequenas constroem estratégias de comunicação e diálogo com o outro. Nesse intenso convívio com as crianças, conseguimos compreender muito sobre seus modos vivenciais e suas estratégias dialógicas, e os gestos, o choro, o silêncio, o riso e a fala são os meios pelos quais pudemos ter acesso a uma parte desse complexo universo que é o ser e o estar das crianças pequenas no mundo.
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
OLIVEIRA, S. C. M. **O processo de adaptação das crianças na Educação Infantil**: os desafios das famílias e dos educadores da Infância. 2018. Tese (Pós-graduação em Educação) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Presidente Prudente, São Paulo, 2018.					
6	2018	OLIVEIRA, Suelen Cristiane Marcos de.	O processo de adaptação das crianças na Educação Infantil: os desafios das famílias e dos educadores da infância.	Adaptação à creche; família; formação de professoras e educadoras.	Esta pesquisa vincula-se ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT – Unesp) e à linha de pesquisa Processos Formativos, Infância e Juventude. Tem por objetivo geral discutir o processo de adaptação das crianças às creches e o papel dos profissionais e das famílias nesse contexto. São seus objetivos específicos: identificar concepções, sentimentos e sugestões das famílias a respeito do processo de adaptação das crianças às instituições de EI, averiguar quais são as estratégias de adaptação utilizadas pelos profissionais da EI e se existe, nesse processo, a parceria com as famílias. A pesquisa enquadra-se numa abordagem qualitativa, envolvendo discussões sobre a inserção das crianças na creche e o estabelecimento da parceria entre as famílias e as instituições de EI para o sucesso da adaptação das crianças pequenas e para a qualidade da EI, a partir da abordagem teórico-metodológica da rede dinâmica de fatores ou de significações. O campo de investigação foi uma instituição de EI pública de Presidente Prudente situada no interior do estado de São Paulo, que atende a um número expressivo de crianças de 4,5 meses a 3 anos, num total

					de 182 e suas famílias. O levantamento de dados envolveu entrevistas semiestruturadas dirigidas as 11 educadoras infantis, 7 professoras e a 30 famílias das crianças. Os dados foram sistematizados com base nas seguintes categorias: concepções das educadoras e professoras sobre a adaptação das crianças; concepções das famílias sobre a adaptação das crianças. Os resultados obtidos elucidaram que as educadoras e professoras entendem o processo de adaptação como complexo e delicado para todos os envolvidos (crianças, famílias e profissionais), e apontam como imprescindível para o sucesso da adaptação o tempo reduzido de permanência da criança na instituição, que deve ir aumentando gradativamente, de acordo com as reações e necessidades infantis. A presença das famílias, no espaço creche, no período de adaptação, não é uma prática defendida pelos profissionais, os quais a definem como impeditiva para o sucesso da adaptação das crianças à instituição. Quanto às concepções das famílias sobre a adaptação de suas crianças, verificou-se que estão fortemente relacionadas às reações infantis a esse processo, considerando que as crianças que não demonstraram um grande sofrimento ou adoecimento vivenciaram uma boa adaptação; todavia, as famílias cujas crianças manifestaram doenças, choro intenso e relutância em dormir definem as suas crianças como difíceis de se adaptarem à creche. Os familiares demonstraram sentir predominantemente insegurança quanto aos cuidados oferecidos às crianças pelos profissionais e o desejo de auxiliarem no processo de adaptação, permanecendo com as crianças no espaço creche por acreditarem poder transmitir para a criança confiança no ambiente e nos profissionais, minimizando o sofrimento infantil. Concluiu-se que existe uma parceria precária entre as instituições de EI e as famílias durante o processo de adaptação das crianças à creche, assim como além desse período.
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
NEGRÃO, T. A. P. **O período de adaptação e os objetos transicionais no processo**: pesquisa-intervenção em um Centro de Educação Infantil de São Paulo. 2018. Dissertação (Ciências Humanas – Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2018.					
7	2018	NEGRÃO, Tatiane Peres	O período de adaptação e	Período de adaptação;	O foco desta pesquisa é o período de adaptação e o uso dos objetos transicionais

		Alves.	os objetos transicionais no processo: pesquisa-intervenção em um Centro de Educação Infantil de São Paulo.	objetos transicionais; apego; CEI; bebês.	nesse processo. Tem por objetivo geral analisar como ocorre o período de adaptação de bebês e crianças bem pequenas e o uso dos objetos transicionais durante a fase de inserção da criança no CEI. Elencamos como objetivos específicos: verificar como acontece o período de adaptação no CEI; observar se as professoras de EI permitem o uso dos objetos transicionais; identificar os objetos que os bebês e crianças pequenas fazem uso; constatar possíveis mudanças de comportamento e reações daqueles que utilizarem esses objetos. O universo dessa pesquisa é um CEI localizado na zona leste da cidade de São Paulo. A metodologia adotada é de cunho qualitativo do tipo intervenção pautada na pesquisa-ação, e os instrumentos de coleta de dados são: observação e registro, entrevista semiestruturada e roda de conversa com quatro professoras que trabalham em duas turmas de berçários. A pesquisa está fundamentada em autores da psicanálise e da pedagogia crítica. Os resultados apontam que as professoras possibilitaram que as crianças fizessem uso dos objetos transicionais durante o período de adaptação; entretanto, nos horários das refeições, duas docentes faziam intervenções quanto ao uso das chupetas e dos paninhos, pois as crianças não aceitavam as refeições oferecidas e permaneciam chorando. Algumas vezes, diante do choro constante das crianças, as docentes negociavam com elas, recolhendo o objeto transicional, informando à criança que depois ele seria devolvido, mas somente quando o choro cessasse. Os bebês e as crianças bem pequenas que fizeram uso dos objetos transicionais adormeceram antes das demais crianças, se acalmaram mais rápido e se adaptaram com mais facilidade à rotina do CEI, demonstrando segurança e conforto. Esses resultados nos levam a pensar o quanto se faz necessário discutir essa temática nos cursos de formação inicial e continuada de professores para que, ao ingressar na carreira do magistério, os docentes possam compreender e se sensibilizar com as necessidades das crianças, entendendo a importância dos objetos transicionais, sobretudo durante o período de adaptação no CEI.

Fonte: elaborado pela autora

Ao iniciar nova busca no portal Capes a partir dos termos inserção AND “educação infantil”, foram encontradas 86 pesquisas divididas nos dois recortes temporais. Ao refinar a partir do assunto educação, o número de publicações baixou para 66, com 31 no primeiro recorte histórico e 35 no segundo.

Desse montante, 5 pesquisas foram selecionadas; 2 delas que apresentavam relação com o tema pesquisado não foram baixadas por não ter sua divulgação autorizada, e as demais foram excluídas por tratar de assuntos como gestão escolar, educação inclusiva, literatura infantil, entre outras que não se relacionavam com o foco deste estudo.

Quadro 3 - Bibliografia anotada: pesquisas selecionadas na Capes a partir das palavras-chave: inserção AND “educação infantil”

N.	ANO	AUTOR(A)	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	RESUMO
JACQUES, R. E. H. **Inserção na creche e relações sociais**: estudo de caso de um bebê recém-chegado. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.					
8	2014	JACQUES, Rubia Eneida Holz.	Inserção na creche e relações sociais: estudo de caso de um bebê recém-chegado.	Creche; inserção; família; ação docente; relações sociais.	Esta pesquisa, em nível de mestrado, trata sobre o processo de inserção de um bebê na creche. O objetivo principal foi o de conhecer as relações estabelecidas entre um bebê entrante e sua família que ingressam na creche em um grupo já constituído. Analisam-se o modo do bebê recém-chegado, o grupo que o acolhe, como os profissionais reagem à nova situação, bem como as questões relativas ao planejamento docente desse período. Trata-se de um estudo de caso no contexto coletivo de EI que utilizou procedimentos metodológicos da etnografia. Metodologicamente, observa-se e registra-se o constado por meio de diário de campo, fotografias e filmagens. As observações empíricas ocorreram em uma creche pública do município de Florianópolis (SC) durante um semestre. De início, é feito um mapeamento da produção já existente sobre o tema e apresenta-se uma aproximação da discussão semântica entre os termos utilizados para descrever esse período de entrada de crianças novas na creche; em seguida, faz-se o mapeamento dos indicativos apresentados pelos documentos legais, principalmente as publicações do MEC sobre o tema; finaliza-se o trabalho com a exposição das reflexões tecidas a partir da observação do processo de inserção de um bebê num grupo de 15 crianças com idade de 6 meses a 1 ano e 3 meses em uma creche. No tecer das

					análises, foi considerada a ação docente em relação à criança que se inseria no grupo, em relação ao grupo de crianças que a recebeu e em relação à sua família. Primeiramente, observaram-se as reações do bebê inserido no grupo, como choro e outros sinais de desconforto, bem como as estratégias pedagógicas dos docentes nesse período. Percebeu-se ainda que ocorreram modificações significativas nas relações sociais intragrupo, especialmente no tocante ao crescimento da necessidade de atenção aos bebês já integrantes do grupo. Quanto à presença da família, ficou evidente que sua participação foi fundamental para o conhecimento dos hábitos particulares da criança e para a diminuição do estranhamento que o novo meio criou. As relações entre a família e as professoras também se mostraram como um aspecto importante para a inserção de um bebê na creche. Quanto à ação docente, o planejamento para a inserção de um bebê no meio do ano foi baseado no planejamento do início do ano, no qual todas as crianças entram no mesmo momento, e as ações de cuidado predominaram nesse momento de inserção. Acentua-se a importância das relações entre os envolvidos no processo (família/mãe, bebê, grupo de crianças que recebe o novo bebê e os profissionais), uma vez que são eles que contribuem para a aceitação e aproximação do novo bebê e da nova família.
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
SILVA, P. C. S. **A inserção de bebês em creches**: um olhar para as políticas públicas. 2015. Dissertação (Pós-graduação em Educação) **–** Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.					
9	2015	SILVA, Patrícia Cristina Santos da.	A inserção de bebês em creches: um olhar para as políticas públicas.	Políticas públicas; Educação Infantil; creches; bebês.	O presente trabalho propõe um estudo sobre a inserção de bebês em creches públicas no município de São Paulo. De acordo com Rosemberg (2010), a infância constitui fase importantíssima na formação da criança, e embora a duração da primeira infância seja de curta duração, considerando-se a expectativa de vida de 70 anos, ela envolve a vida inteira dos bebês e das crianças pequenas. Nos dias atuais os bebês ingressam na creche a partir dos 4 meses de idade e lá permanecem por até 10 horas. Nesse sentido, esta pesquisa buscou compreender as políticas públicas para esse atendimento, o qual, com a Constituição de 1988, foi considerado a primeira etapa da Educação Básica, compondo a EI brasileira, de oferta obrigatória e direito das crianças,

					garantindo, em complementação à família, o desenvolvimento integral da criança pequena. Desse contexto, alguns questionamentos foram trazidos para a discussão: quais são as propostas de atendimento de bebês na creche e como funcionam as instituições que os recebem? Qual é o olhar das políticas públicas para esse segmento de educação? A Constituição garante o ingresso dos bebês na creche, mas e seu desenvolvimento integral, está garantido? Recentemente atrelada à esfera educacional, a creche tem o desafio de compreender seu papel com essas crianças, desvinculando-se de práticas apenas assistencialistas e higienistas, e de construir novas concepções sobre esse atendimento. Tais concepções ficam explícitas não nas políticas públicas, mas efetivam-se na prática da creche, nas atividades desenvolvidas e nos espaços e processos pedagógicos pensados para receber o bebê. Em face do exposto, esta pesquisa possibilitou inferir que, apesar dos avanços sobre o atendimento educacional ofertado à primeira infância, falta ainda clareza por parte da sociedade em geral sobre a importância de uma educação de qualidade para as crianças pequenas e seu impacto na formação humana. Essa lacuna merece o olhar das políticas públicas, uma vez que demanda ações nas diversas instâncias da creche, desde a formação e a valorização do professor de EI até a estrutura física e a escassez das vagas. Os poucos estudos que discutem tais políticas para a educação de bebês nas creches justificam a realização deste trabalho.
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
OLIVEIRA, V. S. **O processo de inserção de bebês em uma escola municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte**. 2019. Dissertação (Infância e Educação Infantil) **–** Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.					
10	2019	OLIVEIRA, Virginia Souza.	O processo de inserção de bebês em uma escola municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte.	Bebês; inserção; psicologia histórico-cultural; rede de significações; etnografia; Educação Infantil.	Com o intuito de analisar como aconteceu o processo de inserção de 12 bebês, com idade entre 6 e 18 meses, em uma Emei de Belo Horizonte (Emei Tupi), optamos por utilizar a etnografia em educação como abordagem teórico-metodológica. Para tanto, ficamos em campo durante todo o ano de 2017, fizemos o uso de videogravações da rotina do berçário, anotações em diário de campo e entrevistas semiestruturadas com as professoras, equipe pedagógica e famílias dos bebês. A perspectiva etnográfica, em diálogo com a psicologia

					histórico-cultural e com a perspectiva da rede de significações, possibilitou compreender o bebê como uma pessoa e seus processos de desenvolvimento sem fragmentá-los. Os processos de inserção dos bebês foram marcados da seguinte forma: 1) pelos dois primeiros dias na Emei Tupi; 2) pela exploração do novo contexto material, histórico e cultural; 3) por processos de transformação do choro; 4) por processos de transformação do sono; 5) por processos de adoecimento; 6) pelos encontros entre os bebês. Constatamos que os bebês transformaram e foram transformados pelo contexto no qual estavam sendo inseridos. Nossas análises evidenciaram também que os ritmos biológicos dos bebês se moldaram, gradativamente, à rotina institucional. Por fim, concluímos que os processos de inserção são permeados por uma rede de significações, não sendo lineares nem acontecendo da mesma maneira para todos os bebês.

Fonte: elaborado pela autora

Na última busca realizada na Capes foram usados os termos: acolhimento AND “educação infantil”, revelando o total de 41 pesquisas nos dois recortes temporais, 14 no primeiro e 27 no segundo. Verificou-se que muitos títulos relacionam o termo acolhimento à área da saúde e da assistência social. Para tanto, fez-se necessário aplicar o filtro que seleciona somente as produções relacionadas à área da educação. A partir disso, os números reduziram para 5 pesquisas no primeiro recorte temporal e 18 no segundo, sendo que 4 títulos já haviam sido baixados em outras buscas e os demais ainda permaneciam fora do contexto do tema pesquisado. Ao concluir as buscas descritas, foram selecionadas 10 pesquisas na Capes.

Na BDTD, o levantamento sobre a temática do acolhimento e adaptação na EI foi mais específico em relação à área da educação e ao tema abordado.

Tabela 2 - Total de teses e dissertações encontradas no portal da BDTD com base nos descritores estabelecidos

Descritores	Primeiro recorte temporal	Segundo recorte temporal	Total
Adaptação + acolhimento + “educação infantil” + bebês	11	21	32
Adaptação + acolhimento + “educação infantil” + bebês + “crianças bem pequenas”	1	1	2

Descritores	Primeiro recorte temporal	Segundo recorte temporal	Total
Adaptação + acolhimento + “educação infantil” + “crianças bem pequenas”	2	1	3
Adaptação + “educação infantil”	53	61	114
Inserção + “educação infantil”	53	61	114
Acolhimento + “educação infantil”	62	113	175
Total de pesquisas encontradas	**182**	**258**	**440**

Fonte: elaborado pela autora

No primeiro recorte temporal (2013 a 2018), foram localizadas 182 pesquisas sobre a temática do acolhimento e inserção na EI, já no segundo recorte temporal (2019 a 2023), esse número aumentou para 258; somando ambos os períodos, obteve-se um total de 440 pesquisas. Embora esse número seja significativamente maior em comparação aos dados obtidos no portal da Capes, notou-se que os resultados mostraram títulos repetidos e/ou já selecionados no banco de dados da Capes.

Os conjuntos de descritores que apresentaram maior número de pesquisas no primeiro recorte temporal foram “acolhimento + educação infantil”, com 62 trabalhos, seguido de “adaptação + educação infantil” e “inserção + educação infantil”, com 53 pesquisas cada. Esse aumento também pode ser observado no segundo recorte temporal, no qual os descritores “acolhimento + educação infantil” acentuou 113 trabalhos, “inserção + educação infantil” e “adaptação +educação infantil”, com 61 pesquisas cada.

Constatou-se que os conjuntos de descritores “inserção + educação infantil” e “adaptação + educação” trouxeram exatamente os mesmos números como resultado. Além disso, foi possível analisar que, em comparação com os resultados do portal da Capes, houve um aumento significativo no número de trabalhos divulgados nas buscas, especialmente quando utilizado o conjunto de descritores “acolhimento + educação infantil”, que evoluiu de 41 para 113 pesquisas encontradas.

Também se percebeu o seguinte no primeiro recorte temporal: o conjunto de descritores “adaptação + acolhimento + educação infantil + bebês + crianças bem pequenas” trouxe apenas 1 resultado; “adaptação + acolhimento + educação infantil

+ crianças bem pequenas", 2 trabalhos; e "adaptação + acolhimento + educação infantil + bebês" apontou o maior número, totalizando 11 pesquisas.

No segundo recorte temporal, observou-se um aumento no número de pesquisas para o conjunto de descritores "adaptação + acolhimento + educação infantil + bebês", com 21 trabalhos. Contudo, "adaptação + acolhimento + educação infantil + crianças bem pequenas" e "adaptação + acolhimento + educação infantil + bebês + crianças bem pequenas" apontaram apenas 1 resultado cada.

Seguimos as análises das pesquisas encontradas no banco de dados da BDTD, descrevendo como foi o procedimento de análise e seleção dos trabalhos.

Assim, através do conjunto de descritores adaptação OR acolhimento AND "educação infantil" AND bebês, foram encontradas 11 pesquisas no primeiro recorte temporal e 21 no segundo.

Desses achados, foi selecionado 1 trabalho do segundo recorte temporal para compor o *corpus* desta pesquisa; 4 deles já haviam sido selecionados pelo portal da Capes,1 estava fora do recorte temporal e os demais foram excluídos pela falta de afinidade com o objeto de pesquisa.

Quadro 4 - Bibliografia anotada: pesquisas selecionadas na BDTD a partir das palavras-chave: adaptação OR acolhimento AND "educação infantil" AND bebês

N.	ANO	AUTOR(A)	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	RESUMO
LÖFFLER, D. **Os movimentos de participação construídos por e entre bebês e crianças maiores em uma turma de berçário**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.					
11	2019	LÖFFLER, Daliana.	Os movimentos de participação construídos por e entre bebês e crianças maiores em uma turma de berçário.	Participação; bebês; Educação Infantil.	Esta tese trata de uma pesquisa de inspiração etnográfica com bebês realizada em uma turma de berçário da unidade de EI Ipê Amarelo em Santa Maria (RS), com 10 bebês de 1 ano e 2 meses a 2 anos e 4 meses (agosto de 2017) e consiste na defesa de que os movimentos de participação dos bebês no cotidiano da escola infantil carregam consigo traços das culturas infantis e são oportunidades de modificar a prática educativa. O objetivo geral foi analisar como os bebês vivenciam os movimentos de participação construídos por e entre eles e com as crianças maiores em uma turma de berçário na escola infantil. Considerando que movimentos de participação dos bebês podem estar ou não associados a duas dimensões, isto é, as relações entre bebês, dos bebês com outras crianças ou bebês com os adultos (profissionais da escola infantil, famílias e demais pessoas que a frequentam ou

					visitam) e a organização da escola infantil, traçaram-se como objetivos específicos: analisar como vem sendo entendida/discutida a questão de participação dos bebês nas pesquisas acadêmicas; analisar os movimentos de participação dos bebês entre si, com as crianças maiores e com adultos; identificar quais são os limites da participação dos bebês na organização da escola infantil e refletir sobre o que acontece com os movimentos de participação iniciados pelos bebês no cotidiano da escola infantil. Os dados foram gerados a partir de observação, registros em imagem e notas de campo que, ao serem trabalhadas, constituíram o diário descritivo narrativo, que contém imagens, descrições e narrações do que havia sido vivido com os bebês em cada dia de observação. Os dados contidos no diário foram submetidos a um processo de análise interpretativa (Graue; Walsh, 2003) a partir da qual foram sendo construídas as dimensões de análise relacionadas às brincadeiras, ao acolhimento e às mudanças nas práticas educativas. A metáfora da teia global sobre a cultura de pares (Corsaro, 2011) serviu de inspiração para visualizar os movimentos de participação dos bebês e os atravessamentos sofridos por elementos da vida cotidiana, práticas educativas e pelas questões de direito. Os aspectos teóricos do campo dos estudos da infância e da criança, principalmente as contribuições da SI, antropologia da criança e psicologia cultural, além de autores da história da infância e da educação, articulam-se e relacionam-se na composição de referências necessárias e importantes para se pensar o tema da participação dos bebês na escola infantil. Por meio das análises, foi possível perceber que, do ponto de vista das pesquisas acadêmicas, deve-se ampliar os estudos na área da educação, tendo o ponto de vista das crianças sobre os aspectos investigados especialmente quando nos referimos aos bebês, uma vez que, por estarem em instituições infantis, merecem ter suas vozes ouvidas. Do ponto de vista do que foi vivido com os bebês, os movimentos de participação construídos nas relações diárias dos bebês entre si, com as crianças maiores e também com os adultos, são vivenciados de maneiras distintas e peculiares por cada um deles, apresentando traços das culturas infantis e sofrendo atravessamentos de diferentes ordens, que ora limitam, ora promovem tais movimentos.

					Portanto, foi possível identificar que a maneira como os espaços de brincadeira é organizada e o modo como as adultas interferem nas ações dos bebês são fatores que podem limitar ou possibilitar a participação deles no cotidiano da escola infantil. A partir disso, os bebês, de uma maneira ou de outra, participam de inúmeras situações no cotidiano da escola infantil, modificando a prática educativa e proporcionando desafios para construir uma nova cultura adulta, capaz de observar, compreender e apreender seus modos de participação.

Fonte: elaborado pela autora

Ainda no banco de dados da BDTD, a busca pelos descritores com a formatação: adaptação OR acolhimento AND “educação infantil” AND bebês AND “crianças bem pequenas” trouxe o resultado de 2 pesquisas, uma em cada recorte temporal, porém nenhuma delas estava atrelada ao objeto de pesquisa. Em nova busca, retirando o termo bebês dos descritores informado, obteve-se o resultado de 3 pesquisas, mas nenhuma delas foi selecionada porque tratavam de assuntos como docência na EI, documentação pedagógica e educação inclusiva, o que não é o foco desta pesquisa.

Utilizando as palavras-chave adaptação e “educação infantil” em nova busca, foram encontradas 114 pesquisas ao total. Refinando esses resultados para limitar somente as pesquisas referentes à EI, o número reduziu-se para 25, com 7 pesquisas no primeiro recorte temporal e 18 no segundo.

Desse montante, somente 1 foi selecionado, 1 repetiu os achados anteriores e os demais foram excluídos por abordarem assuntos distintos ao tema pesquisado. Entre os trabalhos encontrados, destaca-se a dissertação da pesquisadora Zoleima Pompeo Rodrigues, que estava indisponível para download no portal Capes, porém disponível em PDF na BDTD está. Assim, esse trabalho também integrará o *corpus* desta pesquisa.

Quadro 5 - Bibliografia anotada: pesquisas selecionadas na BDTD a partir das palavras-chave: adaptação AND “educação infantil”

N.	ANO	AUTOR(A)	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	RESUMO
RODRIGUES, Z. P. **A inserção na relação educativo-pedagógica na Educação Infantil**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.					

12	2017	RODRIGUES, Zoleima Pompeo.	A inserção na relação educativo-pedagógica na Educação Infantil.	Inserção; relações sociais; crianças; famílias; professora.	A presente pesquisa, em nível de mestrado, objetiva compreender as relações educativo-pedagógicas estabelecidas no processo de inserção entre as crianças, suas famílias e professora ao ingressarem juntos, no início do ano letivo, em um CEI. Considerou-se na pesquisa a atenção para as composições do agrupamento, tendo em vista as crianças que já têm uma experiência institucional coletiva e aquelas que ingressam pela primeira vez no contexto da EI, bem como suas famílias e professor(a), compreendendo o caráter heterogêneo imbricado e fomentador do início de novos e/ou reiterados relacionamentos. Para compreender os modos como ocorrem e se iniciam as relações sociais na inserção, o diálogo estabelecido na pesquisa parte da pedagogia da infância, principalmente estudos de Rocha (1999, 2013), Schmitt (2008, 2014), Duarte (2011) e Buss-Simão (2012). Utiliza-se, também, uma interlocução disciplinar com os estudos sociológicos e filosóficos voltados para a infância, com foco nas contribuições da SI, particularmente os estudos de Corsaro (2011). A fim de uma aproximação de forma intensa das ações, relações e manifestações comunicativas das crianças entre si e com os adultos no processo de inserção, a pesquisa insere-se na perspectiva de um estudo etnográfico (Sarmento, 2003; Silva, 2004; Ferreira, 2014), com observações registradas em diário de campo, fotografias e entrevistas com a professora do grupo, os quais resultaram em um acúmulo de dados que foram catalogados em unidades de análises e posteriormente categorizados. Para tanto, foram acompanhados os processos educativo-pedagógicos envolvendo 15 crianças e sua professora em um agrupamento etário de 2 a 3 anos nos primeiros meses do ano letivo de 2016 na Rede Municipal de Educação Infantil pública de Florianópolis. O levantamento bibliográfico indicou a importância de buscar a historicidade dos conceitos – adaptação e inserção –, trazendo suas distinções e aportes teóricos, que permitem afirmar nesta pesquisa a inserção como conceito no momento mais adequado para lidar com o tempo de ingresso das crianças, suas famílias e professor(a) na EI por sua base social e relacional. A análise evidenciou o processo de inserção de modo complexo; como é intermitente, tem rupturas, começos e recomeços, considerando a

					heterogeneidade do grupo, e, ao visibilizar as configurações e composições do agrupamento como imbricado e fomentador de novos relacionamentos, importa considerar tanto o ingresso de novas crianças na unidade educativa, como a reatualização e/ou reiteração de relacionamentos já construídos pelas crianças que já estavam na unidade educativa no ano anterior. Desse modo, implica reconhecer a importância da definição de estratégias comunicacionais claras e explícitas entre os adultos – professor(a) e famílias – como base dos relacionamentos que se iniciam na inserção, bem como afirmar a construção dessa relação como elemento importante e constitutivo da identidade da instituição educativa. Considera-se, então, a importância da auscultação para os diferentes canais comunicacionais entre adultos e crianças e a relação afetivo-corpórea como elemento central e intensificador das aproximações entre eles, acionado pela observação mútua. Observa-se, ainda, o caráter da docência como intensificador e facilitador das relações que se iniciavam, fomentando as interações com a organização de elementos que potencializavam as ações, tanto as que demandavam maior atenção e cuidados específicos para as crianças, como também para lidar com a multiplicidade simultânea (Schmitt, 2014) de eventos peculiares a um contexto de EI, considerando as ações/relações/interações vividas entre a professora e as crianças. Sendo assim, significa considerar o tempo no processo de inserção de modo mais fluido, flexível, tendo em vista o olhar específico para cada criança, com gradação de tempos diferenciados para atender singularidades de cada criança e suas famílias, ponderando as marcas e pertenças familiares e sociais, bem como o espaço da unidade educativa de modo mais amplo, e não somente circunscrito à sala de referência.

Fonte: elaborado pela autora

Em uma nova busca, utilizando os termos inserção e EI, foram encontradas 114 pesquisas ao total. Para delimitar ainda mais a busca, foi necessário um refinamento a partir dos assuntos educação e EI, o que resultou em 7 pesquisas no primeiro recorte temporal e 18 no segundo. Dessas, 2 já haviam sido selecionadas em buscas

anteriores, e as demais foram excluídas por envolverem temas voltados a BNCC, crianças migrantes, turmas de pré-escola e inclusão de crianças com deficiência.

Para finalizar as buscas no banco de dados da BDTD, utilizaram-se os termos acolhimento e EI, o que resultou em 175 pesquisas no recorte temporal proposto. Após aplicar o filtro dos assuntos relacionados à EI, esse montante passou para 22 no primeiro recorte temporal e 46 no segundo, das quais 3 já haviam sido selecionadas em buscas anteriores no portal da Capes. Ao avaliar os demais resultados, observou-se que muitas pesquisas tratam o assunto do acolhimento referindo-se ao trabalho realizado em instituições de abrigos institucionais ou na área da saúde. Portanto, nenhuma outra pesquisa foi adicionada ao *corpus* desta investigação.

Finalizando as buscas no banco de dados da BDTD, temos o total de 2 pesquisas selecionadas. Concluímos os levantamentos realizados nos portais de teses e dissertações da Capes e BDTD com a seleção de 12 trabalhos que integrarão o EC desta pesquisa; entre eles, há 3 teses e 9 dissertações, todos na área da educação. Esses trabalhos foram escolhidos devido à sua relevância e proximidade com a temática da pesquisa e foram incluídos após uma leitura cuidadosa de seus títulos, resumos e palavras-chaves.

Ao avaliar os anos em que as pesquisas selecionadas foram produzidas dentro do recorte temporal de 2013 a 2023, nota-se que alguns anos não apresentaram nenhuma pesquisa sobre o tema de acolhimento e adaptação na EI. Essa ausência causa estranheza, considerando a relevância das discussões sobre o tema nas instituições de EI. Mesmo após a promulgação da BNCC em 2017, não se observa um aumento significativo na produção de pesquisas sobre o assunto. Em média, cada ano produziu apenas uma ou duas pesquisas, como detalhado no quadro a seguir.

Quadro 6 - Quantitativo das produções selecionadas na Capes e BDTD

Anos	Produções
2013	0
2014	2
2015	1
2016	0
2017	2
2018	2

2019	2
2020	1
2021	2
2022	0
2023	0

Fonte: elaborado pela autora

Essas pesquisas foram desenvolvidas em 9 universidades: 4 federais (UFPEL, UFF, UFSC, UFMG), 2 estaduais (Unicamp, Unesp) e 3 privadas (Unijuí, Uninove, Umesp). Com relação às regiões federativas, 5 delas foram produzidas na região Sul e 7 na região Sudeste. Concentrando nessas regiões o maior número de pesquisas na área, nenhuma pesquisa foi encontrada nas regiões Centro-oeste, Nordeste e Norte do país, apontando carência nas discussões sobre o tema nesses locais.

Quadro 7 - Regiões e universidades por regiões federativas

Sul	Sudeste
Universidade Federal de Pelotas (2)	Universidade Nove de Julho (2)
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (1)	Universidade Estadual de Campinas (1)
Universidade Federal de Santa Catarina (2)	Universidade Federal Fluminense (1)
	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (1)
	Universidade Metodista de São Paulo (1)
	Universidade Federal de Minas Gerais (1)

Fonte: elaborado pela autora

Todas as pesquisas selecionadas foram produzidas e orientadas por mulheres, destacando a predominância feminina tanto no campo da pesquisa educacional quanto na prática docente. Isso evidencia a necessidade de refletir as perspectivas masculinas sobre a temática, as práticas docentes predominantes entre os professores homens na EI e os conhecimentos científicos que orientam essas práticas. As autoras das pesquisas selecionadas adotaram a abordagem qualitativa

como metodologia, o que orientou o desenvolvimento dos estudos, combinando-a com estudos de caso, revisões bibliográficas, estudos empíricos e etnográficos, o que permitiu uma análise aprofundada e contextualizada da temática investigada.

Após concluir as buscas por teses e dissertações nos bancos de dados, iniciou-se a pesquisa por artigos científicos que abordam o tema da acolhimento e inserção de bebês e crianças bem pequenas na EI. Para isso, foram utilizados os portais de periódicos SciELO e Capes, buscando artigos relevantes à temática proposta.

A busca se iniciou no portal de periódicos SciELO, dentro do recorte temporal que envolve os anos de 2013 a 2023 e usando os descritores: “adaptação”, “acolhimento”, “educação infantil”, “bebês” e “crianças bem pequenas”. Essa busca gerou o montante de 415 resultados. Dado o número de produções, aplicaram-se os filtros para selecionar artigos voltados às áreas de educação e psicologia, haja vista que elas também estudam a temática e podem contribuir com esta pesquisa. Esse número passou para 77 artigos; mesmo assim, foram excluídos aqueles que tratavam de assuntos fora do interesse desta pesquisa. Então, após leitura de títulos, resumos e palavras-chaves, foram excluídos os artigos que se distanciaram da temática, resultando em 9 artigos selecionados para compor as análises do EC.

No portal de periódicos da Capes, utilizando-se dos mesmos descritores citados, foram localizadas 155 pesquisas. Aplicaram-se então os filtros: assuntos relacionados às áreas de educação, ciências humanas e artigos revisados por pares. Além disso, foram excluídos os artigos já selecionados na plataforma SciElo e, portanto, esse número reduziu para 32 pesquisas, das quais, após a leitura dos títulos, resumos e palavras-chaves, totalizaram 7 artigos.

Para refinar os artigos nos portais de periódicos, foi necessário excluir inicialmente estudos que empregaram os termos adaptação e acolhimento em contextos não relacionados à área de educação. Entre esses, foram eliminadas pesquisas que usavam a palavra adaptação para tratar de assuntos nas áreas de biologia, bioquímica, botânica e farmacologia. No caso do termo acolhimento, foram identificadas e excluídas pesquisas voltadas para a área de saúde, pois tratavam do acolhimento inicial de pessoas em hospitais e unidades básicas de saúde. Também foi preciso excluir os artigos que relacionavam a palavra acolhimento para a ação de acolher bebês e crianças em abrigos institucionais e casas-lares, bem como

pesquisas que abordavam o acolhimento de bebês nascidos em ambientes carcerários.

Para esta pesquisa, foram selecionados 15 artigos no total: 12 da área de educação e 3 de psicologia. Os anos de 2018 e 2020 concentraram o maior número de produções, com 3 artigos em cada ano. Em 2017, 2022 e 2023, foram identificados 2 artigos por ano, enquanto em 2014, 2016 e 2019 foi encontrado 1 artigo em cada ano. Em 2013, 2015 e 2021, não foram produzidos artigos sobre a temática de inserção e acolhimento na EI, conforme mostra o quadro 8:

Quadro 8 - Bibliografia anotada: artigos científicos selecionados nas bases de dados SciELO e periódicos da Capes

N.	ANO	AUTORES(AS)	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	RESUMO
MARQUES, C. M.; UNGER, T. P.; ZIEDE, M. L. Do berço ao berçário: uma travessia complexa. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)**, v. 19, p. 55-72, jan. 2018.					
13	2018	MARQUES, Circe Mara; UNGER, Tamara Pisoni; ZIEDE, Mariangela Lenz.	Do berço ao berçário: uma travessia complexa.	Educação Infantil; inserção escolar; família.	Este artigo trata da inserção escolar na EI. Teve como objetivo discutir a importância da participação da família na inserção da criança na escola e o modo como se concretiza essa participação. A pesquisa, de abordagem qualitativa, envolveu um estudo de caso realizado em uma escola pública de EI localizada na região da grande Porto Alegre. A coleta de dados ocorreu por meio de observações e entrevistas semiestruturadas com a gestora, as professoras e os familiares das crianças. Os resultados mostraram que a instituição envida mais esforços na decoração do espaço e na invenção de estratégias para separar a criança dos pais do que em escutar e construir relações com as famílias. O choro é visto como o principal problema, desconsiderando outros modos de a criança expressar seus sentimentos. A escola não precisa (e não deve) apressar o afastamento entre a criança e a família; ao contrário, deve usufruir desses momentos para construir laços e aprender sobre os modos como os pais lidam com seus filhos nas diferentes situações. A travessia do berço à escola é um fenômeno complexo, que envolve uma rede de relações na tessitura de um projeto compartilhado.
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
SANTOS, F. P.; GRAUPE, M. E. Educação Infantil: práticas pedagógicas com bebês e crianças bem pequenas. **Pedagogia em Foco**, Iturama, v. 15, n. 13, p. 94-112, jan./jun. 2020.					

14	2020	SANTOS, Fabíola Pereira dos; GRAUPE, Mareli Eliane.	Educação Infantil: práticas pedagógicas com bebês e crianças bem pequenas.	Bebês; práticas pedagógicas; crianças bem pequenas.	Este artigo objetiva compreender as práticas pedagógicas de docentes que atuam na EI com bebês e crianças bem pequenas. Os principais referenciais teóricos são: Ariès (1981); Kuhlmann Júnior (2004); Kramer (1999); Barbosa (2000, 2010, 2019); Barbosa e Horn (2009); leis que regulamentam a EI, Lei n. 9.394, Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) e outros. É uma pesquisa qualitativa que foi desenvolvida em dois Ceims (Centros de Educação Infantil Municipal) em 2019. Os dados foram coletados por meio de entrevistas focalizadas com seis professoras que atuam na EI em dois Ceims no interior de Santa Catarina. A análise dos dados indica que as professoras devem ter um olhar atento, considerando o bebê e a criança bem pequena como protagonistas do processo de aprendizagem, proporcionando o diálogo, a livre expressão, a participação na rotina diária, na hora da troca, de calçar o tênis, pentear os cabelos. Essas experiências favorecem a relação das professoras com a criança e da criança com a professora. Enfim, é preciso reinventar e redefinir a docência na EI para além da rotina diária, que, muitas vezes, acaba limitando as experiências e vivências dos bebês e das crianças bem pequenas. A EI é um período vital para a formação da criança, e as professoras que trabalham nessa área têm um papel fundamental nesse processo de aprendizagem.
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
COSTA, N. M. S.; DENTZ, M.; AMORIM, K. S. Enquanto você (não) dormia: tempos, rotinas e ritmos em negociação no processo de transição do bebê à creche. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, p. 2-18, 2022.					
15	2022	COSTA, Natália Meireles Santos da; DENTZ, Marisa von; AMORIM, Katia de Souza.	Enquanto você (não) dormia: tempos, rotinas e ritmos em negociação no processo de transição do bebê à creche.	Transição; creche; bebê; tempo; rotinas.	O ingresso de bebês em instituições de EI é um fenômeno crescente que vem ganhando maior interesse de pesquisadores. Contudo, para além do foco na separação materna, o campo ainda precisa avançar na noção da transição como um processo de entrecruzamento entre os contextos casa-creche, sendo um de seus elementos constitutivos as múltiplas dimensões temporais, cultural e socialmente circunscritas, que se estabelecem a partir de um novo cotidiano. Com base em uma abordagem histórico-cultural, discutimos o processo de transição de um bebê-focal do ponto de vista da negociação relacional frente aos (des)compassos de tempos, rotinas e ritmos que se materializam no tempo presente da instituição. Entre os

					diferentes elementos, o recorte temático estará centrado nas rotinas de sono.
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
MOTTA, F. N. Notas sobre o acolhimento. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, p. 205-228, out./dez. 2014.					
16	2014	MOTTA, Flávia Naethe.	Notas sobre o acolhimento.	Transições; acolhimento; políticas educacionais; Educação Infantil.	Este artigo é fruto das primeiras análises de uma pesquisa em um município da Baixada Fluminense que estuda as transições às quais estão submetidas as crianças nos espaços educativos. A questão das transições nas instituições educativas assume relevância diante das naturezas orgânica, sequencial e articulada, a partir das quais devem se estruturar as etapas e as modalidades do processo de escolarização. A partir da observação da primeira semana de aulas de crianças de 2 anos, questionamos: como se dá o primeiro ingresso da criança na EI? Há estratégias específicas para a sua "adaptação"? As primeiras aulas visam prioritariamente ao bem-estar das crianças ou dos adultos? Ou se pautam nos aspectos administrativos das instituições? Tomamos como referência o ciclo de políticas educacionais brasileiras para considerar os processos micro e macropolíticos, articulando os contextos que cercam a sua produção e os resultados das políticas refletidos nas práticas.
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
RASCHE, M. R. O processo de acolhimento e adaptação do bebê na creche em Sinop, Mato Grosso. **Revista Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 11, n. 2 (29. ed.), p. 307-316, ago./dez. 2020.					
17	2020	RASCHE, Marinez Renata.	O processo de acolhimento e adaptação do bebê na creche em Sinop, Mato Grosso.	Educação Infantil; acolhimento; adaptação; professores; bebês.	Este artigo visa compreender os desafios e as descobertas cotidianas no processo de acolhimento e adaptação do bebê na EI em uma escola de Sinop, Mato Grosso. A pesquisa foi realizada no ano de 2019, e a metodologia adotada envolveu abordagem qualitativa, pesquisas bibliográficas, coleta de dados por meio da observação participativa e de questionários. A fundamentação teórica se baseia nos estudiosos Gianfranco Staccioli, Carolyn Edwards, Lella Gandini e George Forman. A produção deste trabalho possibilitou compreender as práticas pedagógicas desenvolvidas pela professora da EI, como elas interferem no modo como os bebês enfrentam esse processo e a importância da participação da família.
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**

OLIVEIRA, V. S.; MARQUES, R. F.; NEVES, V. F. A. Os bebês na sala do berçário: diferentes trajetórias no espaço. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 49, p. 1-21, 2023.					
18	2023	OLIVEIRA, Virgínia Souza; MARQUES, Rafaela Ferreira; NEVES, Vanessa Ferraz Almeida.	Os bebês na sala do berçário: diferentes trajetórias no espaço.	Bebês; Educação Infantil; espaço; psicologia histórico-cultural; etnografia em educação.	Este artigo teve por objetivo analisar como dois bebês, com idades entre 10 e 12 meses, exploraram o espaço de uma sala de berçário durante seu processo de inserção em uma Emei de Belo Horizonte. No tempo de permanência em campo, durante o ano letivo de 2017, utilizaram-se os seguintes instrumentos de pesquisa: observação participante, videogravações e anotações em diários de campo. A etnografia em educação, em diálogo com a psicologia histórico-cultural e com a teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre, possibilitou perceber o/a bebê em um espaço que é produto e produção de tal pessoa. Os bebês vivenciaram e exploraram o espaço do berçário, durante seu processo de inserção na creche, de maneiras distintas: i) por meio do olhar; ii) do caminhar; iii) do engatinhar; iv) do toque; v) das disputas por brinquedos; vi) do choro, vii) do aprendizado do cuidado; viii) do sono; ix) dos encontros desses bebês com seus pares e com outras pessoas ali presentes. As trajetórias de exploração dos bebês nesse berçário foram marcadas pela unidade dialética (percepção/ação), pois os bebês percebem/agem sobre o espaço, os artefatos e sobre as pessoas para se familiarizar com esse novo espaço em que foram inseridos. Houve, então, uma ativa busca, por parte dos bebês, de um conhecimento/reconhecimento do espaço e das pessoas para que, talvez, pudessem se sentir pertencentes a esse meio social.
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
PORCINO, A. P. C.; BERNARDES, R. S. Para além do cuidar: adaptação e acolhimento na creche. **Sínteses: Revista Eletrônica SIMTEC**, Campinas, n. 6, p. 207, set. 2016.					
19	2016	PORCINO, Ana Paula da Costa; BERNARDES, Rosemeire de Souza.	Para além do cuidar: adaptação e acolhimento na creche.	Educação Infantil; creche; acolhimento; bebês.	O período de adaptação é muito importante, tanto para a criança como para os pais; constitui uma oportunidade de estabelecermos vínculos afetivos dentro de uma convivência que é diferente do familiar. Mesmo para as crianças que já frequentam a creche, uma nova rotina com outros colegas e educadores provoca insegurança. O professor deve acolher, cuidar, dar segurança e conforto às crianças com pequenos gestos, como sorrir, olhar no olho, estar com elas, observar, saber ouvi-las, acompanhar os movimentos que seus corpos transmitem, refletir, pegar no colo quando necessário; esses são, entre tantos

					outros, gestos necessários que levam o professor a investir na afetividade, que é tão importante para a adaptação, a segurança e o desenvolvimento da criança, bem como a construção de um ambiente acolhedor, aconchegante, seguro e desafiador para receber as crianças, proporcionando uma adaptação tranquila e saudável. Para tal, podemos começar decorando a sala com fotos das próprias crianças e sua família. Ao interagir com o espaço físico a criança pode, por exemplo, através da exploração, encontrar e perceber diferentes texturas como areia, cimento, grama, madeira, liso, áspero, mole, duro. Tal espaço é organizado para que as crianças interajam com outras crianças, brinquem com os objetos e brinquedos, podendo vivenciar diferentes experiências, possibilitando a construção da autonomia e oportunidade de crescimento. Devemos acolher a criança e suprir suas necessidades sem deixar de percebê-la como única e singular, como um sujeito ativo que tem possibilidade de ir cada vez mais além.
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
SOTO, A. B. Prácticas de crianza en la sala cuna y en el hogar: un estudio de caso. **Educación XXVII**, Chile, p. 7-23, sep. 2018.					
20	2018	SOTO, Astrid Bravo.	Prácticas de crianza en la sala cuna y en el hogar: un estudio de caso.	Crianza; Educación Inicial; currículum.	El ingreso de los bebés a espacios educativos formales los instala en un contexto distinto a su hogar, debido a la presencia de otras personas, elementos y dinámicas. El artículo presenta parte de los hallazgos de una investigación que explora los intercambios en torno a la crianza de bebés de cinco a catorce meses entre las familias y un centro educativo. Se describen las prácticas de crianza de los diferentes contextos, los intercambios que se generan en torno a estas y su introducción em el currículum. Se observa que las prácticas en la sala cuna se orientan desde um enfoque de derechos, enfatizan actividades con fines pedagógicos y fomentan um buen trato hacia el bebé. En el contexto familiar, se da preferencia al contacto afectivo con los bebés. La inclusión de saberes sobre la crianza en la propuesta curricular es aún incipiente.
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
PIVA, L. F.; CARVALHO, R. S. Transições na vida de bebês e de crianças bem pequenas no cotidiano da creche. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 46, p. 1-18, 2020.					

21	2020	PIVA, Luciane Frosi; CARVALHO, Rodrigo Saballa de.	Transições na vida de bebês e de crianças bem pequenas no cotidiano da creche.	Educação Infantil; creche; transições cotidianas; bebês; crianças bem pequenas.	O artigo é decorrente de uma pesquisa situada no campo dos estudos da criança e nas contribuições das pesquisas sobre transições, cujo objetivo central envolve o mapeamento e a discussão de transições cotidianas ocorridas nos modos de ser e de viver de bebês e crianças bem pequenas na creche. Conceitualmente, as transições cotidianas são entendidas como aprendizagens socioculturais que exigem e/ou geram mudanças na vida de bebês e crianças bem pequenas no contexto institucional. Isso significa que são aprendizagens relativas aos modos como as crianças lidam com o tempo, habitam o espaço, relacionam-se com os seus pares e utilizam artefatos partilhados socialmente durante a jornada na creche. Metodologicamente, é uma pesquisa com crianças, de inspiração etnográfica, na qual foram adotados a observação, o diário de campo e o registro fotográfico e fílmico enquanto estratégias de geração de dados. A pesquisa foi realizada com 10 crianças de 0 a 2 anos em uma Emei. Por meio dos dados gerados, o artigo tem foco nas transições referentes à forma como as crianças habitam os espaços, relacionam-se com seus pares e utilizam os talheres durante os momentos de alimentação. Com as análises, é possível inferir que as transições cotidianas estão vinculadas aos aprendizados socioculturais que ocorrem por meio da participação guiada das crianças em eventos diários da escola, do convívio com os coetâneos, dos desafios enfrentados e do suporte e estrutura recebidos das professoras a partir de um planejamento que combina previsibilidade com flexibilidade.
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
VERCELLI, L. C. A.; NEGRÃO, T. P. A. Um olhar sobre o período de adaptação de crianças pequenas a um Centro de Educação Infantil e o uso de objetos transicionais. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, n. 50, jul./set. 2019.					
22	2019	VERCELLI, Ligia de Carvalho Abões; NEGRÃO, Tatiane Peres Alves.	Um olhar sobre o período de adaptação de crianças pequenas a um Centro de Educação Infantil e o uso de objetos	Centro de Educação Infantil; objetos transicionais; período de adaptação.	O período de adaptação de crianças de 0 a 3 anos e 11 meses de idade aos CEI é desafiador, uma vez que todos os envolvidos no trabalho pedagógico ficam imersos em impressões e expectativas sobre esse processo no ambiente escolar. Apresentamos, neste artigo, resultados obtidos em pesquisa de mestrado que tomou como sujeitos quatro docentes que atuam em duas turmas de berçário II. Com metodologia de abordagem qualitativa, a coleta de dados baseou-se em: i) observação sistemática realizada no

			transicionais.		período de adaptação a um CEI da rede municipal da cidade de São Paulo; ii) entrevista semiestruturada; e iii) dois círculos de cultura. O objetivo geral da pesquisa foi analisar o período de adaptação de bebês e crianças bem pequenas e o uso dos objetos transicionais durante a fase de inserção da criança em um CEI localizado na cidade de São Paulo. A questão central que permeou o estudo foi: quais são os usos e as contribuições dos objetos transicionais no processo de adaptação de bebês e crianças em CEI? Desta, outros questionamentos emergiram: de que maneira se deu o processo de adaptação de bebês e crianças bem pequenas ao CEI? As professoras permitiram que as crianças desfrutassem de objetos transicionais nesse período? Quais foram os objetos utilizados por elas? Que sentimentos as crianças manifestaram ao manipulá-los? O estudo fundamentou-se em autores da pedagogia crítica e da psicanálise. Os resultados evidenciaram que, mediante o choro constante das crianças, os docentes se desdobravam para consolá-las. Os bebês e as crianças bem pequenas que recorreram a objetos de apego acalmaram-se mais rápido, adormeceram antes das demais e adaptaram-se com mais facilidade à rotina do CEI, demonstrando segurança e conforto.
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
SILVA, V. T.; GOULART, M. I. M.; NEVES, V. F. A. Vivências de bebês no contexto de um berçário em Belo Horizonte. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 39, 2023..					
23	2023	SILVA, Viviane Tolentino da; GOULART, Maria Inês Mafra; NEVES, Vanessa Ferraz Almeida.	Vivências de bebês no contexto de um berçário em Belo Horizonte.	Bebês; Educação Infantil; vivência; etnografia em educação; teoria histórico-cultural.	Este artigo analisa as vivências de um grupo de bebês inseridos/as em um contexto coletivo de educação e cuidados. Com base no diálogo entre a teoria histórico-cultural e a etnografia em educação, acompanhamos um grupo de 13 bebês, com idades entre 10 meses a 1 ano e 2 meses, durante seis meses, visando o conhecimento de suas vivências nesse contexto. O material empírico foi construído por meio de registros fílmicos, fotográficos, anotações em diário de campo e entrevistas semiestruturadas com professoras. Os bebês se aproximaram provocados pelo toque corporal, pelos artefatos e iniciaram brincadeiras no berçário. Argumentamos que a aproximação pode ser compreendida como o movimento realizado pelos bebês, constituindo um campo de sentidos por meio das vivências naquele contexto e possibilitando a relação

					entre eles. Selecionamos um caso expressivo das vivências de dois bebês, Ícaro e Giulia. Tais vivências revelaram atos de cuidado pelos quais os dois bebês iniciaram e sustentaram suas relações no espaço educacional. As análises revelam: i) a força atrativa dos artefatos culturais; ii) a diversidade de atividades elencadas na rotina do berçário; iii) a preciosidade da relação com as professoras; iv) a fugacidade da dinâmica interativa dos bebês.
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
FERREIRA, M. V. Os bebês na Educação Infantil: um olhar para as relações creche e famílias. **RECC**, Canoas, v. 22, n. 3, p. 113-128, nov. 2017.					
24	2017	FERREIRA, Marisa Vasconcelos.	Os bebês na Educação Infantil: um olhar para as relações creche e famílias.	Educação Infantil; relações escola-família; cuidados com a criança; prática pedagógica.	A entrada do bebê nas instituições de EI, especialmente em seu primeiro ano de vida, ainda é temática de conflituosa discussão e envolve concepções muitas vezes divergentes e pouco refletidas. O artigo recorta aspectos concernentes às relações escola-famílias, buscando refletir sobre situações cotidianas. Para tanto, buscamos, a partir das falas de uma mãe, entrevistada logo após o início do processo de adaptação de sua bebê à creche, pensar alguns aspectos e possíveis norteamentos para a organização do trabalho com as famílias no espaço da instituição de EI. Propuseram-se três eixos de ações que podem favorecer a constituição de espaços de EI que contemplem a perspectiva da integralidade no cuidado e na educação das crianças.
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
RAPOPORT, A.; BOSSI, T. J.; PICCININI, C. A. Adaptação de bebês à creche aos 4-5 meses de idade: as 10 primeiras semanas. **Psico**, Porto Alegre, v. 49, p. 81-93, 2018.					
25	2018	RAPOPORT, Andrea; BOSSI, Tatiele Jacques; PICCININI, Cesar Augusto.	Adaptação de bebês à creche aos 4-5 meses de idade: as 10 primeiras semanas.	Adaptação à creche; Educação Infantil; estratégias de enfrentamento.	O objetivo deste estudo foi examinar o período de adaptação à creche de bebês de 4-5 meses durante as 10 primeiras semanas. Em particular, buscou-se investigar as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos bebês durante esse período. Participaram três bebês que ingressaram na creche aos 4-5 meses, suas mães e educadoras. Trata-se de um estudo de caso múltiplo, no qual foram realizadas entrevistas com as mães e observações dos bebês na creche; as educadoras preenchiam um protocolo de ocorrências com cada bebê. A análise qualitativa dos dados apontou que os bebês fizeram uso de diferentes estratégias de enfrentamento durante a adaptação à creche, o que sugere

					que esse período foi vivenciado com estresse. E o tempo de permanência na creche ao longo do período investigado não diminuiu necessariamente o uso dessas estratégias. Os resultados sugerem que a adaptação à creche em bebês de 4-5 meses não é um processo linear, já que ocorreram avanços e retrocessos no período investigado.
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
BOSSI, T. J.; BRITES, S. A. N. D.; PICCININI, C. A. Adaptação de bebês à creche: aspectos que facilitam ou não esse período. **Paidéia**, Porto Alegre, v. 27, p. 448-456, 2017.					
26	2017	BOSSI, Tatiele Jacques; BRITES, Sílvia de Andrade Neves Dias; PICCININI, Cesar Augusto.	Adaptação de bebês à creche: aspectos que facilitam ou não esse período.	Ajustamento escolar; creches; desenvolvimento infantil.	A creche representa a primeira experiência regular de cuidado não materno para muitas crianças, de modo que especial atenção deve ser dirigida ao período de adaptação. O objetivo deste estudo foi investigar, a partir do relato materno, os aspectos que facilitaram ou não a adaptação de bebês à creche aos 6 meses de idade. Participaram 20 mães, que foram entrevistadas um mês após o início da adaptação dos filhos à creche. As respostas foram examinadas através de análise de conteúdo qualitativa. Como possíveis facilitadores da adaptação foram ressaltados: tranquilidade materna, aspectos individuais dos bebês e qualificação profissional das educadoras. Quanto aos aspectos não facilitadores foram acentuados: sentimento de insegurança materna e adoecimento do bebê. Destaca-se a complexidade da adaptação à creche aos 6 meses de idade por envolver aspectos específicos do desenvolvimento do bebê, da relação mãe-bebê e educadora-bebê e da dinâmica da creche.
N.	**ANO**	**AUTOR(A)**	**TÍTULO**	**PALAVRAS-CHAVE**	**RESUMO**
DENTZ, M. *et al*. Processos de transição com ingresso de bebês na Educação Infantil: revisão bibliográfica. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 33, p. 1-10. 2022.					
27	2022	DENTZ, Marisa von; CASTRO, Cíntia Regina Czysz de; NEDER, Kaira; AMORIM, Kátia de Souza.	Processos de transição com ingresso de bebês na Educação Infantil: revisão bibliográfica.	Bebês; instituições de Educação Infantil; transição; transição entre salas; microtransições.	Como consequência do complexo, multifacetado e contraditório processo de aquisição de direitos das mulheres trabalhadoras e das crianças, tem havido grande aumento de frequência de bebês em instituições de EI. Interrogou-se, assim, como a literatura discute a transição de cuidados/educação mais centrados em contextos domiciliares para os compartilhados com a instituição. Esta revisão bibliográfica sistemática utilizou termos como transição, adaptação, bebês e creche em cinco línguas e em seis bases de

					dados. Os resultados indicam crescimento da temática nas duas últimas décadas, com maior produção no Brasil e nos Estados Unidos. Atentando-se à complexidade do processo, autores focalizam processos e ações antes e após o ingresso nas instituições, além de mudanças de longo tempo. Discutem-se questões teóricas, relação família-instituição, papel do professor e estratégias de acolhimento.

Fonte: elaborado pela autora

Finalizada a etapa da bibliografia anotada, a pesquisa seguiu para a fase denominada pelas autoras Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021, p. 67) como bibliografia sistematizada, quando "se inicia a seleção mais direcionada e específica para o objetivo da construção do conhecimento e outros indicadores de acordo com o objeto de estudo do pesquisador". O quadro 9 apresenta a bibliografia sistematizada desta pesquisa.

Quadro 9 - Bibliografia sistematizada: teses, dissertações e artigos científicos selecionados nas bases de dados

N.	AUTORES (AS) Ano	TÍTULO	NÍVEL	OBJETIVO	METODOLOGIA	RESULTADOS
1	MADEIRA, Maria Cristina. (2017)	Uma Escola Municipal de Educação Infantil como lugar de experiência, comunicação e relações: contribuições para a construção de uma pedagogia da infância.	Tese	Compreender quais são os tensionamentos, desafios e avanços evidenciados no processo de elaboração de uma pedagogia da infância pautada na experiência, na comunicação e nas relações do ponto de vista dos sujeitos que dela participaram no período de 2008-2012.	Pesquisa qualitativa, com coleta dos dados pelas entrevistas que foram realizadas em mais de um encontro.	Pude constatar no decorrer da investigação, após ter ouvido as interlocutoras que fizeram parte do estudo, que ainda é muito recorrente nas instituições de EI pública a prática de falar, pensar e planejar propostas pedagógicas para as crianças, mas dificilmente com as crianças. A Emei Paulo Freire apostou na construção de práticas pedagógicas significativas para e com os bebês e crianças bem pequenas, as quais foram elaboradas através de estudos, pesquisas, experimentações e da avaliação da práxis. Depois desse processo de ação/reflexão/ação, tais práticas foram integradas ao conjunto de práticas pedagógicas vividas no interior da Emei. O acolhimento como inserção, cuidado e atenção aos bebês, crianças pequenas e adultos se constituiu num elemento-chave para as demais dimensões, que indicaram a

						possibilidade da construção de uma pedagogia da infância na Emei Paulo Freire.
2	RISTOF, Luciana Stumpf. (2020)	A chegada dos bebês na escola de Educação Infantil: acolher com sensibilidade.	Dissertação	Investigar a interação da escola com a família na situação de ingresso do bebê na escola de EI.	Pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, com uso do método de observação participante de crianças, educadores e familiares no ambiente da escola de EI e de entrevista semiestruturada com familiares e educadores.	A pesquisa mostrou que as relações entre as famílias e escola de EI são determinadas por vários elementos que dizem da história de cada instituição, cada educador, cada bebê e família; e podem, também, seguir por diversos caminhos que são direcionados a partir das percepções sobre a infância, o educar e o cuidar. Com base nisso, apresentaram-se duas formar de pensar os primeiros dias dos bebês e das famílias na escola de EI: uma que vai pela via da adaptação e outra do acolhimento. Quando a escola adota posturas que vão pela via da adaptação, a criança é vista como um ser submisso a um adulto e deve abrir mão de suas características para se adequar a um novo ambiente (a escola). Por outra via, a do acolhimento, a criança é considerada protagonista, logo é escutada (em suas diversas expressões, e muitas vezes, mesmo sem saber falar). Acolher, na escola de EI, passa a ser: reconhecer as singularidades e trabalhar a partir delas. Nesse contexto, de uma escola acolhedora, há espaços para movimentos únicos e singulares, tais como a documentação pedagógica, que nesta pesquisa foi apresentada a partir do estudo do acolhimento através das paredes da Cooperativa de Ensino Benfica (Lisboa, Portugal).
3	FRANCO, Merilis Aparecida. (2021)	A sensibilização sobre o acolhimento: uma proposta interventiva com a criação de rapsódias do cotidiano infantil.	Dissertação	Criar estratégias para sensibilizar os professores sobre a importância do acolhimento.	Abordagem qualitativa, utilizando como instrumento de coleta de dados narrativas cotidianas embasadas nos estudos	Os resultados confirmam nossa hipótese, ou seja, as professoras que acolhem os bebês e as crianças pequenas necessitam de conhecimento teórico constante sobre a importância desse acolhimento cotidiano no CEI; assim como reflexões sobre a prática, através das rapsódias e narrativas sobre as relações

					de Sousa e Cabral (2015) e como proposta interventiva os estudos de Fochi (2015, 2019).	afetivas entre professores, bebês e crianças pequenas. Vale lembrar que os conceitos sobre figuras de apego e comportamento de apego não estão substancialmente contemplados nos documentos oficiais, tampouco na formação acadêmica dos professores. As noções que envolvem os cuidados, movimentos e brincadeiras livres, desenvolvidas a partir de uma escuta que favoreça o diálogo entre educador e criança, e de como esses elementos influenciam na formação das relações de apego, pouco são discutidas nas formações em rede oferecidas pelo município de São Paulo. A proposta de intervenção visa contemplar tais reflexões sobre os dilemas do cotidiano infantil, utilizando-se narrativas/rapsódias e estratégias de sensibilização quanto à importância do acolhimento.
4	SANTOS, Natalia Lopes dos. (2021)	O acolhimento inicial de bebês negros e negras nos espaços da creche: aspectos a considerar e desafios a alcançar.	Dissertação	Compreender, no contexto das relações raciais, o que significa ingressar bebês negros e negras no ambiente da creche.	Pesquisa empírica que utilizou o método cartográfico como principal ferramenta metodológica.	Constatou-se que, além de acolher pessoas recém-chegadas ao espaço da creche, entendemos que é necessário promover o acolhimento étnico-racial nesses espaços desde o primeiro contato com as famílias, para que as identidades raciais sejam preservadas e respeitadas dentro e fora do espaço doméstico. Ao mesmo tempo, acreditamos que a chegada dos bebês negros e negras no contexto da EI nos permite criar novos modos de se relacionar com as diferenças existentes em uma sociedade plural e romper com estruturas de dominação. No entanto, para que isso aconteça, consideramos que é necessário que toda a comunidade escolar tome ciência da presença do racismo estrutural e de seus efeitos nos espaços sociais.
5	REIS,	Inserção e diálogo: como crianças	Dissertação	Entender como um grupo de crianças de 2 anos	Pesquisa de caráter qualitativo e	Pensando na pesquisa realizada com as crianças bem pequenas, no contexto da EI,

	Lucilaine Maria da Silva. (2014)	pequenas vivenciam sua entrada na Educação Infantil?		vivenciou sua entrada/inserção em uma instituição de EI.	cunho etnográfico, buscando, pela interação cotidiana com os sujeitos da pesquisa, compreender a significação que os fenômenos investigados têm para eles.	constata-se o quão fundamental é compreendermos os pequenos, como sujeitos completos, potentes, presentes no aqui e no agora, bem como perceber que a intensidade da experiência vivida os potencializa e os constitui. As crianças com quem vivi o processo de inserção certamente transformaram-se profundamente enquanto o viviam, ao mesmo tempo que transformavam a instituição em que entravam. Ninguém existia daquela forma antes daquele momento, e ninguém saiu o mesmo dela. Nesse sentido, ouso propor que a EI volte os seus olhos para a criança em toda a sua complexidade humana, e não apenas para o seu vir a ser, para o "sujeito em desenvolvimento", para o humano em potencial, para uma concepção abstrata de criança, para o que ainda não é. É importante que as instituições não cedam à tentação que é o viés da escolarização preparatória desde a mais tenra idade. Afinal, para que preparar "para a vida" se vida é o que está acontecendo conosco desde o momento em que nascemos? Em vez de preparar para "a vida", podemos nos voltar para a plenitude e a riqueza da experiência vivida, vivendo-a intensamente, e não tentar antecipar o futuro.
6	OLIVEIRA, Suelen Cristiane Marcos de. (2018)	O processo de adaptação das crianças na Educação Infantil: os desafios das famílias e dos educadores da infância.	Tese	Discutir o processo de adaptação das crianças às creches e o papel dos profissionais e das famílias nesse contexto.	Pesquisa qualitativa que usou a abordagem teórico-metodológica da rede dinâmica de fatores ou de significações. O levantamento de dados envolveu entrevistas semiestrutura	Os resultados obtidos elucidaram que as educadoras e professoras entendem o processo de adaptação como complexo e delicado para todos os envolvidos (crianças, famílias e profissionais). Elas apontam como imprescindível para o sucesso da adaptação o tempo reduzido de permanência da criança na instituição, que deve ir aumentando gradativamente, de acordo com as reações e necessidades infantis. A presença das famílias, no

					das e os dados foram sistematizados por categorias.	espaço creche, no período de adaptação, não é uma prática defendida pelos profissionais, os quais a definem como impeditiva para o sucesso da adaptação das crianças à instituição. Quanto às concepções das famílias sobre a adaptação de suas crianças, verificou-se que estão fortemente relacionadas às reações infantis a esse processo, considerando que as crianças que não demonstraram um grande sofrimento ou adoecimento vivenciaram uma boa adaptação; todavia, as famílias cujas crianças manifestaram doenças, choro intenso e relutância em dormir definem as suas crianças como difíceis de se adaptarem à creche. Os familiares demonstraram sentir predominantemente insegurança quanto aos cuidados oferecidos às crianças pelos profissionais e o desejo de auxiliarem no processo de adaptação, permanecendo com as crianças no espaço creche por acreditarem poder transmitir para a criança confiança no ambiente e nos profissionais, minimizando o sofrimento infantil. Concluiu-se que existe uma parceria precária entre as instituições de EI e as famílias durante o processo de adaptação das crianças à creche, assim como além desse período.
7	NEGRÃO, Tatiane Peres Alves. (2018)	O período de adaptação e os objetos transicionais no processo: pesquisa-intervenção em um Centro de Educação Infantil de São Paulo.	Dissertação	Analisar como ocorre o período de adaptação de bebês e crianças bem pequenas e o uso dos objetos transicionais durante a fase de inserção da criança no CEI.	Pesquisa de cunho qualitativo do tipo intervenção pautada na pesquisa-ação, e os instrumentos de coleta de dados são: observação e registro, entrevista semiestruturada e roda de	Os resultados apontam que as professoras possibilitaram que as crianças fizessem uso dos objetos transicionais durante o período de adaptação; entretanto, nos horários das refeições, duas docentes faziam intervenções quanto ao uso das chupetas e dos paninhos, pois as crianças não aceitavam as refeições oferecidas e permaneciam chorando. Algumas vezes, diante do choro constante das crianças, as docentes negociavam com elas,

					conversa com professoras.	recolhendo o objeto transicional e informando à criança que ele seria devolvido somente quando o choro cessasse. Os bebês e as crianças bem pequenas que fizeram uso dos objetos transicionais adormeceram antes das demais crianças, se acalmaram mais rápido e se adaptaram com mais facilidade à rotina do CEI, demonstrando segurança e conforto. Esses resultados nos levam a pensar o quanto se faz necessário discutir essa temática nos cursos de formação inicial e continuada de professores para que, ao ingressarem na carreira do magistério, os docentes possam compreender e se sensibilizar com as necessidades das crianças, entendendo a importância dos objetos transicionais, sobretudo durante o período de adaptação no CEI.
8	JACQUES, Rubia Eneida Holz. (2014)	Inserção na creche e relações sociais: estudo de caso de um bebê recém-chegado.	Dissertação	Conhecer as relações estabelecidas entre um bebê entrante e sua família que ingressam na creche em um grupo já constituído.	Trata-se de um estudo de caso no contexto coletivo de EI que utilizou procedimentos metodológicos da etnografia, registrando o observado por meio de diário de campo, fotografias e filmagens.	No tecer das análises, foi considerada a ação docente em relação à criança que se inseria no grupo, em relação ao grupo de crianças que a recebeu e em relação à sua família. Primeiramente, observaram-se as reações do bebê inserido no grupo, como choro e outros sinais de desconforto, bem como as estratégias pedagógicas dos docentes nesse período. Percebeu-se ainda que ocorreram modificações significativas nas relações sociais intragrupo, especialmente no tocante ao crescimento da necessidade de atenção aos bebês já integrantes do grupo. Quanto à presença da família, ficou evidente que sua participação foi fundamental para o conhecimento dos hábitos particulares da criança e para a diminuição do estranhamento que o novo meio criou. As relações entre a família e as professoras também se mostraram como um aspecto importante para a inserção de

						um bebê na creche. Quanto à ação docente, o planejamento para a inserção de um bebê no meio do ano foi baseado no planejamento do início, no qual todas as crianças entram no mesmo instante, bem como as ações de cuidado predominaram nesse momento de inserção. Acentua-se a importância das relações entre os envolvidos no processo (família/mãe, bebê, grupo de crianças que recebe o novo bebê e os profissionais), uma vez que são eles que contribuem para a aceitação e aproximação do novo bebê e da nova família.
9	SILVA, Patricia Cristina Santos da. (2015)	A inserção de bebês em creches: um olhar para as políticas públicas.	Dissertação	Verificar a estrutura do atendimento às crianças de 0 a 3 anos de idade no Brasil e as propostas educativas das instituições de EI, buscando uma análise crítica sobre as políticas públicas para as creches de modo geral.	Pesquisa etnográfica realizada a partir de entrevistas gravadas dos professores e análise dos aportes legais e políticas públicas destinadas à EI.	Recentemente atrelada à esfera educacional, a creche tem o desafio de compreender seu papel com essas crianças, desvinculando-se de práticas apenas assistencialistas e higienistas, bem como construir novas concepções sobre esse atendimento. Tais concepções ficam explícitas não nas políticas públicas, mas efetivam-se na prática da creche, nas atividades desenvolvidas e nos espaços e processos pedagógicos pensados para receber o bebê. Em face do exposto, esta pesquisa possibilitou inferir que, apesar dos avanços sobre o atendimento educacional ofertado à primeira infância, falta ainda clareza por parte da sociedade em geral sobre a importância de uma educação de qualidade para as crianças pequenas e seu impacto na formação humana. Essa lacuna merece o olhar das políticas públicas, uma vez que demanda ações nas diversas instâncias da creche, desde a formação e a valorização do professor de EI até a estrutura física e a escassez das vagas. Os poucos estudos que discutem tais políticas para a educação de bebês nas creches justificam a realização deste trabalho.

10	OLIVEIRA, Virgínia Souza. (2019)	O processo de inserção de bebês em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte.	Dissertação	Analisar como acontece o processo de inserção de bebês em uma escola municipal de EI de Belo Horizonte.	A pesquisa utilizou a perspectiva etnográfica em educação como abordagem teórico-metodológica e realizou a observação participante, através do uso de videogravações e anotações em caderno de campo. Analisou os dados juntamente à perspectiva teórica da psicologia histórico-cultural.	Constatamos que os bebês transformaram e foram transformados pelo contexto no qual estavam sendo inseridos. Nossas análises evidenciaram também que os ritmos biológicos dos bebês se moldaram, gradativamente, à rotina institucional. Por fim, concluímos que os processos de inserção são permeados por uma rede de significações, não sendo lineares nem acontecendo da mesma maneira para todos os bebês.
11	LÖFFLER, Daliana. (2019)	Os movimentos de participação construídos por e entre bebês e crianças maiores em uma turma de berçário.	Tese	Analisar como os bebês vivenciam os movimentos de participação construídos por e entre eles e com as crianças maiores em uma turma de berçário, na EI.	Trata-se de uma pesquisa inspirada na etnografia com crianças, que, através de filmagens e notas de campo, constituíram o diário descritivo narrativo.	Por meio das análises, foi possível perceber que, do ponto de vista das pesquisas acadêmicas, deve-se ampliar os estudos na área da educação, tendo o ponto de vista das crianças sobre os aspectos investigados especialmente quando nos referimos aos bebês, uma vez que, por estarem em instituições infantis, merecem ter suas vozes ouvidas. Do ponto de vista do vivido com os bebês, os movimentos de participação construídos nas relações diárias dos bebês entre si, com as crianças maiores e também com os adultos são vivenciados de maneiras distintas e peculiares por cada um deles, apresentando traços das culturas infantis e sofrendo atravessamentos de diferentes ordens que ora limitam, ora possibilitam tais movimentos. Portanto, foi possível identificar que a maneira como os espaços de brincadeira é

						organizada e o modo como as adultas interferem nas ações dos bebês são fatores que podem limitar ou permitir a participação deles no cotidiano da escola infantil. A partir disso, os bebês, de uma maneira ou de outra, participam de inúmeras situações no cotidiano da escola infantil, modificando a prática educativa e proporcionando desafios para construir uma nova cultura adulta, capaz de observar, compreender e apreender seus modos de participação.
12	RODRIGUES, Zoleima Pompeo. (2017)	Inserção na creche: direito de acolhimento e humanização das crianças.	Dissertação	Compreender as relações sociais estabelecidas durante a inserção entre as crianças, suas famílias e a professor(a) ao ingressarem juntos num agrupamento coletivo de EI no início do ano letivo, com atenção para as composições do agrupamento, tendo em vista as crianças que já têm uma experiência institucional coletiva e aquelas que ingressam pela primeira vez no contexto da EI.	Trata-se de um estudo etnográfico que realizou observações sistemáticas e contínuas do cotidiano educativo, registradas em diário de campo e fotografias, somadas às entrevistas com a professora do grupo; os dados foram catalogados em unidades de análises e posteriormente categorizados.	O levantamento bibliográfico indicou a importância de buscar a historicidade dos conceitos – adaptação e inserção –, trazendo suas distinções e aportes teóricos, que permitem afirmar nesta pesquisa a inserção como o conceito no momento mais adequado para lidar com o tempo de ingresso das crianças, suas famílias e professor(a) na EI por sua base social e relacional. A análise evidenciou o processo de inserção de modo complexo; como é intermitente, tem rupturas, começos e recomeços, considerando a heterogeneidade do grupo, e, ao visibilizar as configurações e composições do agrupamento como imbricado e fomentador de novos relacionamentos, importa considerar tanto o ingresso de crianças novas na unidade educativa, como a reatualização e/ou reiteração de relacionamentos já construídos pelas crianças que já estavam na unidade educativa no ano anterior. Desse modo, implica reconhecer a importância do estabelecimento de estratégias comunicacionais claras e explícitas entre os adultos, professor(a) e famílias, como base dos relacionamentos que se iniciam na inserção, bem como afirmar a construção dessa relação como elemento importante e constitutivo da

						identidade da instituição educativa. Considera-se, então, a importância da auscultação para os diferentes canais comunicacionais entre adultos e crianças e a relação afetivo-corpórea como elemento central e intensificador das aproximações entre eles, acionado pela observação mútua.
13	MARQUES, Circe Mara; UNGER, Tamara Pisoni; ZIEDE, Mariangela Lenz. (2018)	Do berço ao berçário: uma travessia complexa.	Artigo	Discutir a importância da participação da família na inserção da criança na escola e o modo como se concretiza essa participação.	Metodologia de abordagem qualitativa, envolveu um estudo de caso realizado em uma escola pública de EI localizada na região da grande Porto Alegre. A coleta de dados ocorreu por meio de observações e de entrevistas semiestruturadas com a gestora, as professoras e os familiares das crianças.	Os resultados mostraram que a instituição investe mais esforços na decoração do espaço e na invenção de estratégias para separar a criança dos pais do que em escutar e construir relações com as famílias. O choro é visto como o principal problema, desconsiderando outros modos de a criança expressar seus sentimentos. A escola não precisa (e não deve) apressar o afastamento entre a criança e a família; ao contrário, deve usufruir desses momentos para construir laços e aprender sobre os modos como os pais lidam com seus filhos nas diferentes situações. A travessia do berço à escola é um fenômeno complexo, que envolve uma rede de relações na tessitura de um projeto compartilhado.
14	SANTOS, Fabíola Pereira dos; GRAUPE, Mareli Eliane. (2020)	Educação Infantil: práticas pedagógicas com bebês e crianças bem pequenas.	Artigo	Compreender as práticas pedagógicas de docentes que atuam na EI com bebês e crianças bem pequenas.	É uma pesquisa qualitativa que foi desenvolvida em dois Ceims em 2019. Os dados foram coletados por meio de entrevistas focalizadas com seis professoras que atuam na EI em dois Ceims no interior de	A análise dos dados indica que as professoras devem ter um olhar atento, considerando o bebê e a criança bem pequena como protagonistas do processo de aprendizagem, proporcionando o diálogo, a livre expressão, a participação na rotina diária, na hora da troca, de calçar o tênis, pentear os cabelos. Essas experiências favorecem a relação das professoras com a criança e da criança com a professora. Enfim, é preciso reinventar e redefinir a docência na EI para além da rotina diária, que, muitas vezes, acaba limitando as experiências e vivências dos

					Santa Catarina.	bebês e das crianças bem pequenas. A EI é um período vital para a formação da criança, e as professoras que trabalham nessa área têm um papel fundamental nesse processo de aprendizagem.
15	COSTA, Natália Meireles Santos da; DENTZ, Marisa von; AMORIM, Katia de Souza. (2022)	Enquanto você (não) dormia: tempos, rotinas e ritmos em negociação no processo de transição do bebê à creche.	Artigo	Discutir o processo de transição de um bebê-focal do ponto de vista da negociação relacional frente aos (des)compassos de tempos, rotinas e ritmos que se materializam no tempo presente da instituição.	Este trabalho é derivado de pesquisas de doutorado (Costa, 2021; (Dentz, 2022) interligadas a um projeto maior (Amorim, 2016), que, através de estudo de casos múltiplos (Yin, 2005), buscaram acompanhar algumas das múltiplas dimensões atreladas ao processo de transição de bebês que passavam do cuidado exclusivo.	O ingresso de bebês em instituições de EI é um fenômeno crescente que vem ganhando maior interesse de pesquisadores. Contudo, para além do foco na separação materna, o campo ainda precisa avançar na noção da transição como um processo de entrecruzamento entre os contextos casa-creche, sendo um de seus elementos constitutivos as múltiplas dimensões temporais, cultural e socialmente circunscritas, que se estabelecem a partir de um novo cotidiano. Com base em uma abordagem histórico-cultural, discutimos o processo de transição de um bebê-focal do ponto de vista da negociação relacional frente aos (des)compassos de tempos, rotinas e ritmos que se materializam no tempo presente da instituição. Entre os diferentes elementos, o recorte temático estará centrado nas rotinas de sono.
16	MOTTA, Flávia Naethe. (2014)	Notas sobre o acolhimento.	Artigo	Tendo como objetivo a percepção de como a infância vem sendo vivida dentro do cotidiano das instituições educacionais, este estudo engloba algumas questões voltadas para: identificar quais são as práticas realizadas com as crianças no interior de creches, pré-escolas e primeiros anos do	Pesquisa qualitativa, com observação *in loco*.	Este artigo é fruto das primeiras análises de uma pesquisa em um município da Baixada Fluminense que estuda as transições às quais estão submetidas as crianças nos espaços educativos. A questão das transições nas instituições educativas assume relevância diante das naturezas orgânica, sequencial e articulada, a partir das quais devem se estruturar as etapas e as modalidades do processo de escolarização. A partir da observação da primeira semana de aulas de crianças de 2 anos, questionamos: como se dá o primeiro ingresso da criança na EI? Há estratégias específicas para a sua “adaptação”? As

				Ensino Fundamental.		primeiras aulas visam prioritariamente ao bem-estar das crianças ou dos adultos? Ou se pautam nos aspectos administrativos das instituições? Tomamos como referência o ciclo de políticas educacionais brasileiras, na tentativa de considerar os processos micro e macropolíticos, articulando os contextos que cercam a sua produção e os resultados das políticas refletidos nas práticas.
17	RASCHE, Marinez Renata. (2020)	O processo de acolhimento e adaptação do bebê na creche em Sinop, Mato Grosso.	Artigo	Busca compreender qual é a postura do educador mediante o processo de acolhimento e adaptação dos bebês e qual é a importância da participação da família.	A metodologia utilizada envolveu abordagem qualitativa, pesquisas bibliográficas, coleta de dados por meio da observação participativa e de questionários.	A produção deste trabalho possibilitou compreender pedagogias desenvolvidas pela professora da EI, como elas interferem no modo como os bebês enfrentam esse processo e a importância da participação da família.
18	OLIVEIRA, Virgínia Souza; MARQUES, Rafaela Ferreira; NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. (2023)	Os bebês na sala do berçário: diferentes trajetórias no espaço.	Artigo	Analisar como dois bebês, com idades entre 10 e 12 meses, exploraram o espaço de uma sala de berçário durante seu processo de inserção em uma Emei de Belo Horizonte.	Pesquisa etnográfica que usou os seguintes instrumentos de pesquisa: observação participante, videogravações e anotações em diários de campo.	A etnografia em educação, em diálogo com a psicologia histórico-cultural e com a teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre, possibilitou perceber o/a bebê em um espaço que é produto e produção de tal pessoa. Os bebês vivenciaram e exploraram o espaço do berçário, durante seu processo de inserção na creche, de maneiras distintas: i) por meio do olhar; ii) do caminhar; iii) do engatinhar; iv) do toque; v) das disputas por brinquedos; vi) do choro; vii) do aprendizado do cuidado; viii) do sono; ix) dos encontros desses bebês com seus pares e com outras pessoas ali presentes. As trajetórias de exploração dos bebês nesse berçário foram marcadas pela unidade dialética (percepção/ação), pois os bebês percebem/agem sobre o espaço, os artefatos e

						sobre as pessoas para se familiarizar com esse novo espaço em que foram inseridos. Houve, então, uma ativa busca, por parte dos bebês, de um conhecimento/reconhecimento do espaço e das pessoas para que, talvez, pudessem se sentir pertencentes a esse meio social.
19	PORCINO, Ana Paula da Costa; BERNARDES, Rosemeire de Souza. (2016)	Para além do cuidar: adaptação e acolhimento na creche.	Artigo	Não apontou no artigo.	Não apontou no artigo.	O professor deve acolher, cuidar, dar segurança e conforto às crianças com pequenos gestos, como sorrir, olhar no olho, estar com elas, observar, saber ouvi-las, acompanhar os movimentos que seus corpos transmitem, refletir e pegar no colo quando necessário; esses são, entre tantos outros, gestos necessários que levam o professor a investir na afetividade, que é tão necessária para a adaptação, a segurança e o desenvolvimento da criança quanto à construção de um ambiente acolhedor, aconchegante, seguro e desafiador para receber as crianças, proporcionando uma adaptação tranquila e saudável. Para tal, podemos começar decorando a sala com fotos das próprias crianças e sua família. Ao interagir com o espaço físico a criança pode, por exemplo, através da exploração, encontrar e perceber diferentes texturas, como areia, cimento, grama, madeira, liso, áspero, mole, duro. Tal espaço é organizado para que as crianças interajam com outras crianças, brinquem com os objetos e brinquedos, podendo vivenciar diferentes experiências, possibilitando a construção da autonomia e oportunidade de crescimento. Devemos acolher a criança e suprir suas necessidades sem deixar de percebê-la como única e singular, como um sujeito ativo que tem possibilidade de ir cada vez mais além.

20	SOTO, Astrid Bravo. (2018)	Prácticas de crianza en la sala cuna y en el hogar: un estudio de caso.	Artigo	Explorar os intercâmbios entre as práticas de criação de bebês (de 5 a 14 meses) em dois contextos: o familiar e o educacional.	A metodologia usada foi um estudo de caso que analisou essas interações em profundidade.	Se observa que las prácticas en la sala cuna se orientan desde un enfoque de derechos, enfatizan actividades con fines pedagógicos y fomentan un buen trato hacia el bebé. En el contexto familiar, se da preferencia al contacto afectivo con los bebés. La inclusión de saberes sobre la crianza en la propuesta curricular es aún incipiente.
21	PIVA, Luciane Frosi; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. (2020)	Transições na vida de bebês e de crianças bem pequenas no cotidiano da creche.	Artigo	O mapeamento e a discussão de transições cotidianas ocorridas nos modos de ser e de viver de bebês e crianças bem pequenas na creche.	Metodologicamente, é uma pesquisa com crianças, de inspiração etnográfica, na qual foram adotados a observação, o diário de campo e o registro fotográfico e fílmico como estratégias de geração de dados.	Com as análises, é possível inferir que as transições cotidianas estão vinculadas aos aprendizados socioculturais que ocorrem por meio da participação guiada das crianças em eventos diários da escola, do convívio com os coetâneos, dos desafios enfrentados, do suporte e da estrutura recebidos das professoras a partir de um planejamento que combina previsibilidade com flexibilidade.
22	VERCELLI, Ligia de Carvalho Abões; NEGRÃO, Tatiane Peres Alves. (2019)	Um olhar sobre o período de adaptação de crianças pequenas a um Centro de Educação Infantil e o uso de objetos transicionais.	Artigo	Analisar o período de adaptação de bebês e crianças bem pequenas e o uso dos objetos transicionais durante a fase de inserção da criança em um CEI localizado na cidade de São Paulo.	Utiliza a metodologia de abordagem qualitativa, cuja coleta de dados baseou-se em: i) observação sistemática realizada no período de adaptação a um CEI da rede municipal da cidade de São Paulo; ii) entrevista semiestruturada; e iii) dois círculos de cultura.	Os resultados evidenciaram que, mediante o choro constante das crianças, os/as docentes se desdobravam para consolá-las. Os bebês e as crianças bem pequenas que recorreram a objetos de apego acalmaram-se mais rápido, adormeceram antes das demais e adaptaram-se com mais facilidade à rotina do CEI, demonstrando segurança e conforto.
23	SILVA, Viviane	Vivências de bebês no	Artigo	Analisar as vivências de um	Com base no diálogo entre	Os/as bebês se aproximaram provocados pelo toque

	Tolentino da; GOULART, Maria Inês Mafra; NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. (2023)	contexto de um berçário em Belo Horizonte.		grupo de bebês inseridos/as em um contexto coletivo de educação e cuidados.	a teoria histórico-cultural e a etnografia em educação, acompanham os um grupo de 13 bebês, com idades entre 10 meses a 1 ano e 2 meses, durante seis meses, visando o conheciment o de suas vivências nesse contexto. O material empírico foi construído por meio de registros fílmicos, fotográficos, anotações em diário de campo e entrevistas semiestrutura das com as professoras.	corporal, pelos artefatos e iniciaram brincadeiras no berçário. Argumentamos que a aproximação pode ser compreendida como o movimento realizado pelos bebês, constituindo um campo de sentidos por meio das vivências naquele contexto e possibilitando a relação entre eles. Selecionamos um caso expressivo das vivências de dois bebês, Ícaro e Giulia. Tais vivências revelaram atos de cuidado pelos quais os dois bebês iniciaram e sustentaram suas relações no espaço educacional. As análises revelam: i) a força atrativa dos artefatos culturais; ii) a diversidade de atividades elencadas na rotina do berçário; iii) a preciosidade da relação com as professoras; iv) a fugacidade da dinâmica interativa dos bebês.
24	FERREIRA, Marisa Vasconcelo s. (2017)	Os bebês na Educação Infantil: um olhar para as relações creche e famílias.	Artigo	Refletir sobre as relações entre a creche e as famílias, especialmente no processo de adaptação dos bebês.	A partir da fala de uma mãe, o artigo discute os desafios e as possibilidade s de integrar essas relações no trabalho pedagógico. A metodologia inclui uma entrevista com a mãe, buscando sugerir ações que promovam uma educação integral para	Buscamos, a partir das falas de uma mãe, entrevistada logo após o início do processo de adaptação de sua bebê à creche, pensar alguns aspectos e possíveis norteamentos para a organização do trabalho com as famílias no espaço da instituição de EI. Propuseram-se três eixos de ações que podem favorecer a constituição de espaços de EI que contemplem a perspectiva da integralidade no cuidado e na educação das crianças.

					os bebês na EI.	
25	RAPOPORT, Andrea; BOSSI, Tatiele Jacques; PICCININI, Cesar Augusto. (2018)	Adaptação de bebês à creche aos 4-5 meses de idade: as 10 primeiras semanas.	Artigo	Examinar o período de adaptação à creche de bebês de 4-5 meses durante as 10 primeiras semanas.	Trata-se de um estudo de caso múltiplo, no qual foram realizadas entrevistas com as mães, observações dos bebês na creche e as educadoras preenchiam um protocolo de ocorrências com cada bebê. A análise qualitativa dos dados apontou que os bebês fizeram uso de diferentes estratégias de enfrentamento durante a adaptação à creche, o que sugere que esse período foi vivenciado com estresse.	A análise qualitativa dos dados apontou que os bebês fizeram uso de diferentes estratégias de enfrentamento durante a adaptação à creche, o que sugere que esse período foi vivenciado com estresse. E o tempo de permanência na creche ao longo do período investigado não diminuiu necessariamente o uso dessas estratégias. Os resultados sugerem que a adaptação à creche em bebês de 4-5 meses não é um processo linear, já que ocorreram avanços e retrocessos no período investigado.
26	BOSSI, Tatiele Jacques; BRITES, Sílvia de Andrade Neves Dias; PICCININI, Cesar Augusto. (2017)	Adaptação de bebês à creche: aspectos que facilitam ou não esse período.	Artigo	Investigar, a partir do relato materno, os aspectos que facilitaram ou não a adaptação de bebês à creche aos 6 meses de idade.	Participaram 20 mães que foram entrevistadas um mês após o início da adaptação dos filhos à creche. As respostas foram examinadas através de análise de conteúdo qualitativa.	Participaram 20 mães, que foram entrevistadas um mês após o início da adaptação dos filhos à creche. As respostas foram examinadas através de análise de conteúdo qualitativa. Como possíveis facilitadores da adaptação foram ressaltados: tranquilidade materna, aspectos individuais dos bebês e qualificação profissional das educadoras. Quanto aos aspectos não facilitadores foram acentuados: sentimento de insegurança materna e adoecimento do bebê. Destaca-se a complexidade da adaptação à creche aos 6

						meses de idade por envolver aspectos específicos do desenvolvimento do bebê, da relação mãe-bebê e educadora-bebê e da dinâmica da creche.
27	DENTZ, Marisa von; CASTRO, Cíntia Regina Czysz de; NEDER, Kaira; AMORIM, Kátia de Souza. (2022)	Processos de transição com ingresso de bebês na Educação Infantil: revisão bibliográfica.	Artigo	Revisar a literatura sobre a transição de bebês do cuidado domiciliar para instituições de EI.	A metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica sistemática. O estudo analisou a produção acadêmica dos últimos 20 anos, com destaque para publicações no Brasil e nos Estados Unidos, ressaltando a complexidade do processo de transição e as ações antes e após o ingresso dos bebês nas creches.	Os resultados indicam crescimento da temática nas duas últimas décadas, com maior produção no Brasil e nos Estados Unidos. Atentando-se à complexidade do processo, autores focalizam processos e ações antes e após o ingresso nas instituições, além de mudanças de longo tempo. Discutem-se questões teóricas, relação família-instituição, papel do professor e estratégias de acolhimento.

Fonte: elaborado pela autora

Encerram-se aqui as etapas iniciais do EC denominadas bibliografia anotada e bibliografia sistematizada (Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt, 2021), com a seleção de 27 estudos, incluindo 3 teses, 9 dissertações, 12 artigos da área de educação e 3 da área de psicologia. A seguir, apresento a metodologia desta pesquisa, suas categorias, os blocos temáticos de análise e os procedimentos adotados.

3 METODOLOGIA

3.1 Natureza e Tipo de Pesquisa

A metodologia adotada nesta pesquisa é de abordagem qualitativa, que tem como foco a compreensão da complexidade e riqueza das experiências humanas a partir de uma perspectiva interpretativa, conforme descrito por Oliveira (2007). Trata-se de um estudo do tipo bibliográfico sobre o tema acolhimento e inserção de bebês e crianças bem pequenas na EI, que utiliza como procedimento metodológico o EC efetuado nos bancos de dados dos seguintes repositórios: banco de teses e dissertações da Capes e BDTD, portal de periódicos SciELO e periódicos da Capes.

De acordo com Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), esse processo metodológico envolve quatro etapas fundamentais: identificação, registro, categorização e análise das produções acadêmicas relacionadas ao tema da pesquisa, tornando possível a verificação dos avanços das pesquisas sobre o tema, bem como as lacunas e oportunidades para a ampliação do conhecimento na área. Além disso, permite a identificação de pontos de convergência e divergência entre os estudos, destacando as áreas que ainda necessitam de maior atenção em pesquisas futuras.

3.2 Contexto da Pesquisa

Para entender como diferentes pesquisadores compreendem e abordam a temática da inserção e acolhimento de bebês e crianças bem pequenas na EI, sentiu-se a necessidade de realizar o levantamento dos principais trabalhos acadêmicos atuais sobre o tema. Assim, destacamos os autores das produções acadêmicas selecionadas que embasaram a análise sobre o objeto de estudo desta pesquisa.

As buscas nas plataformas citadas foram delimitadas em um recorte histórico de 10 anos, distribuídos em dois períodos. No primeiro período (2013 a 2018), após o mapeamento das pesquisas referentes ao tema, elas foram sintetizadas, acentuando as principais considerações sobre o objeto de estudo.

No segundo período (2019 a 2023) foi possível traçar um panorama geral de como as pesquisas acadêmicas atuais abordam a temática, oferecendo uma visão crítica e contextualizada do estado atual do conhecimento na área.

Como resultado, selecionaram-se 3 teses, 9 dissertações e 15 artigos; todas as teses e dissertações são da área de educação; dos artigos, apenas 3 são da área de psicologia, e os demais de educação. Justifica-se a inclusão desses artigos da área de psicologia pela pertinência no assunto e potencial contribuição com a pesquisa.

Quadro 10 - Teses, dissertações e artigos

Teses e dissertações:	**Teses**: Madeira (2017); Oliveira (2018); Löffler (2019). **Dissertações**: Reis (2014); Jacques (2014); Silva (2015); Rodrigues (2017); Negrão (2018); Oliveira (2019); Ristof (2020); Franco (2021); Santos (2021).
Artigos:	Motta (2014); Porcino e Bernardes (2016); Ferreira (2017); Bossi, Brites e Piccinini (2017); Marques, Unger e Ziede (2018); Rapoport, Bossi e Piccinini (2018); Soto (2018); Vercelli e Negrão (2019); Rasche (2020); Santos e Graupe (2020); Piva e Carvalho (2020); Dentz, Castro, Neder e Amorim (2022); Costa, Dentz e Amorim (2022); Oliveira, Marques e Neves (2023); Silva, Goulart e Neves (2023).

Fonte: elaborado pela autora

3.3 Categorias ou Variáveis de Estudo

Considerando as particularidades do objeto de estudo, os objetivos da pesquisa e a necessidade de aprimorar a análise dos estudos mapeados pelo EC, foram definidas três categorias que fundamentam o tema investigado: 1. Crianças; 2. Infâncias; 3. Processos de acolhimento e inserção de bebês e crianças bem pequenas (0 a 3 anos). Para melhorar a análise das teses, dissertações e artigos selecionados em bancos de dados, as pesquisas foram agrupadas em dois blocos temáticos, conforme sua proximidade com o tema.

Assim, o primeiro bloco temático trará pesquisas que discutem as perspectivas sobre crianças e infâncias, já segundo aquelas que abordam mais especificamente os debates sobre os processos de acolhimento, adaptação e inserção de bebês e crianças bem pequenas (0 a 3 anos). Esses blocos abrangem discussão sobre a construção do conhecimento relacionado ao tema, destacando perspectivas, além de pontos de convergência e divergência nas pesquisas compiladas por meio do EC.

3.4 Procedimentos, Instrumentos e Técnicas de Coleta de Dados

As pesquisas que compõem o material de estudo desta dissertação seguiram o procedimento metodológico do EC, fundamentado por Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), o qual se estrutura em duas etapas para a coleta de dados.

Na primeira etapa, denominada bibliografia anotada, realizou-se a leitura flutuante das pesquisas geradas a partir dos descritores estabelecidos nesta pesquisa, nos bancos de dados da Capes, BDTD, SciELO e periódicos da Capes. Nessa fase, aplicaram-se os critérios de inclusão e exclusão definidos nesta dissertação para selecionar ou excluir as pesquisas apresentadas nas buscas. Em seguida, o material bibliográfico coletado passou pela leitura exploratória, selecionando somente as pesquisas mais alinhadas aos objetivos do estudo. Esse processo permitiu extrair os principais dados das pesquisas angariadas, oferecendo um panorama inicial sobre a temática.

Cabe destacar que a cada pesquisa selecionada nos bancos de dados lhe foi atribuído um número no quadro da bibliografia anotada, o qual "se refere ao rótulo do trabalho selecionado e que deve manter-se o mesmo ao longo da pesquisa" (Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt, p. 64).

Partindo para a segunda etapa, chamada bibliografia sistematizada, aplicaram-se critérios mais rigorosos, como a análise dos resumos, palavras-chave, objetivos, metodologias e resultados, permitindo a seleção mais direcionada das pesquisas escolhidas na etapa anterior. Esse processo garantiu que estas estivessem efetivamente alinhadas ao tema, promovendo o refinamento das fontes e assegurando que apenas os trabalhos mais relevantes fossem considerados.

3.5 Procedimentos, Técnicas e Sistemas utilizados para Análise de Dados

Com a coleta das pesquisas acadêmicas sobre o tema concluída, o procedimento metodológico do EC avança para a etapa da bibliografia categorizada. Nessa fase, as pesquisas são agrupadas em blocos temáticos conforme a proximidade dos assuntos, o que facilita tanto a sistematização quanto a análise dos achados. Esse agrupamento possibilitou a identificação dos pontos de convergência

entre as pesquisas, permitindo uma análise mais robusta, concisa e ampliando a compreensão de como os estudos contemporâneos abordam o tema.

É importante explicitar que houve uma adaptação no quadro da bibliografia categorizada desta dissertação, que apresenta diferenças em relação à tabela proposta por Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021). Portanto, este quadro foi modificado com a inclusão de dados adicionais que complementam os já acentuados na etapa da bibliografia sistematizada. Essa mudança busca ampliar a análise, oferecendo uma compreensão mais profunda dos estudos selecionados e proporcionando uma leitura mais fluida e em conformidade com os princípios metodológicos adotados.

Assim, após agrupar as pesquisas selecionadas no EC em blocos temáticos, inicia-se a etapa da bibliografia propositiva, que busca “ir além do que está posto, refletir, a partir de pesquisas realizadas por pesquisadores de determinada área ou temática” (Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt, p. 75). Isso possibilitou, portanto, identificar as diferentes abordagens e perspectivas apresentadas pelos autores sobre a temática desta dissertação.

Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021, p.75) salientam que a etapa da bibliografia propositiva “é uma etapa opcional, que pode ou não ser realizada”. No entanto, as autoras propõem um novo quadro com as proposições de cada pesquisa angariada no EC. Ponderando que esta dissertação trabalha com a análise de 27 trabalhos acadêmicos e que já tem um grande número de quadros, optei por fazer as proposições e análises das pesquisas em forma de texto, a partir de pareceres descritivos das pesquisas de cada bloco.

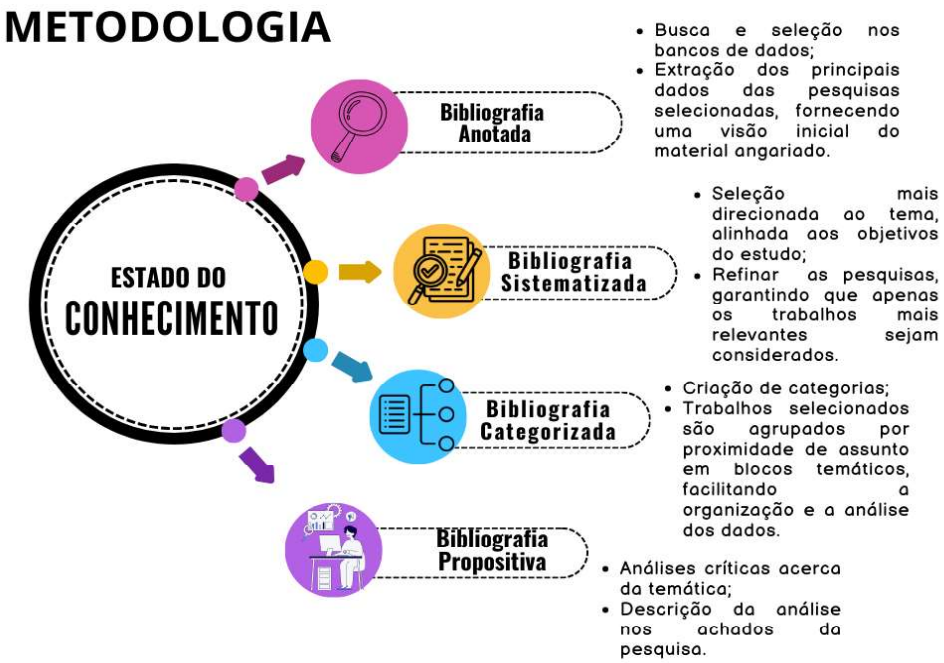
A partir dessas considerações, foram realizados os pareceres descritivos com as análises das pesquisas de cada bloco temático, destacando as múltiplas facetas e os aspectos envolvidos nos estudos sobre o tema. Essas proposições serão apresentadas depois, na análise dos dados, proporcionando uma visão mais ampla e crítica do campo investigado.

Cabe acentuar que, desde as primeiras buscas, a análise do material angariado foi constante e aprimorada em cada etapa do procedimento metodológico. A estratégia de dividir as pesquisas em dois recortes temporais (2013-2018 e 2019-2023) viabilizou uma análise do campo de estudo, possibilitando identificar avanços,

divergências e áreas que ainda carecem de investigação, traçando um panorama claro sobre o desenvolvimento do tema ao longo do tempo.

Seguir essas etapas metodológicas garantiu que as análises das pesquisas acadêmicas estivessem presentes em todas as fases do processo. Nas primeiras buscas, foi possível obter uma compreensão inicial de como os estudos abordam o tema e, à medida que as etapas avançaram, as análises continuaram a se desenvolver, trazendo novas observações sobre o assunto. O cumprimento dessas etapas assegurou uma sistematização minuciosa e uma análise cientificamente fundamentada, proporcionando uma visão bem estruturada do campo investigado. O esquema dessas etapas é ilustrado na figura 2.

Figura 2 - Etapas da metodologia Estado do Conhecimento



Fonte: elaborado pela autora

3.6 Fluxo da Pesquisa

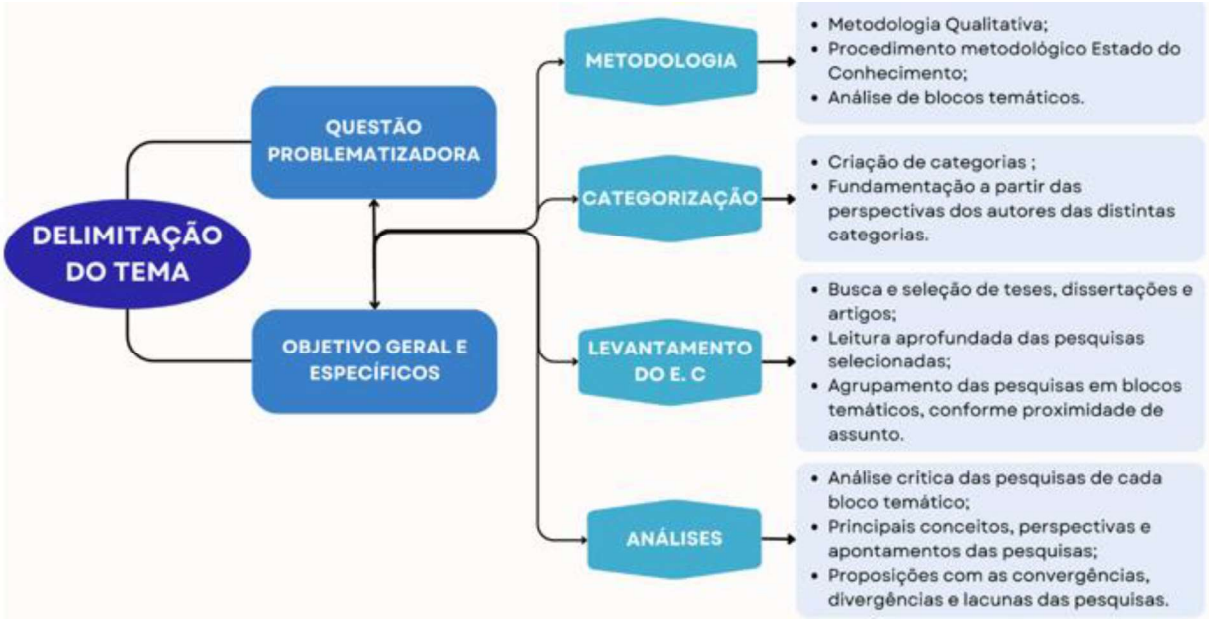
Para garantir um fluxo estruturado nesta pesquisa, primeiro foi preciso delimitar seu tema, elaborar a questão problematizadora e os objetivos do estudo que darão um direcionamento claro à investigação. Em seguida, elegeu-se a abordagem qualitativa como metodologia de pesquisa por sua capacidade de abordar de maneira

singular as questões relacionadas ao tema. Por último, foram delimitados os autores que fundamentam este estudo teoricamente.

Para orientar a fundamentação teórica, foram criadas três categorias sobre o tema, demonstrando como cada uma delas, com base em seus respectivos autores, percebe e descreve o processo de acolhimento e inserção na EI. O material de análise da pesquisa é composto por teses, dissertações e artigos no recorte temporal dos últimos 10 anos (2013 a 2023), que foram obtidos através do procedimento metodológico EC; este, por sua vez, permitiu traçar um panorama das discussões acadêmicas existentes sobre o assunto, mostrando qual é a compreensão dos pesquisadores dessa área.

Após a seleção das pesquisas acadêmicas, elas foram organizadas em dois blocos temáticos, iniciando-se então a análise detalhada de cada trabalho, considerando a leitura dos resumos, as palavras-chave e os capítulos completos de cada estudo. Esse processo permitiu a sistematização e compreensão dos estudos, além de evidenciar as principais lacunas que ainda demandam maior atenção e debate. A seguir, apresento o fluxograma[7] da pesquisa:

Figura 3 - Fluxograma da pesquisa



Fonte: elaborado pela autora.

[7] Link de acesso para a plataforma de criação do fluxograma disponível em: https://www.canva.com/design/DAGNA1bxNH4/m5LdghKdAfy1ThBrzK9c5g/edit?utm_content=DAGNA1bxNH4&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton. Acesso em: 7 jan. 2025.

4 DISCUSSÃO E APRESENTAÇÃO DOS ACHADOS DA PESQUISA

O procedimento metodológico do EC possibilitou identificar as principais perspectivas sobre o tema acolhimento e inserção na EI reveladas pelas pesquisas selecionadas, delineando um panorama dos avanços e das contribuições acadêmicas atuais. Esse levantamento também permitiu identificar as principais lacunas ainda existentes na área da educação e responder à pergunta-problema desta dissertação: quais são as reflexões da produção científica contemporânea (2013 a 2023) na área da educação sobre os processos de acolhimento e inserção de crianças de 0 a 3 anos?

Com o intuito de analisar o material bibliográfico angariado no EC, inicia-se a etapa da bibliografia categorizada, conforme proposto por Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021). Nessa etapa, as publicações selecionadas são agrupadas em blocos temáticos, portanto, para esta dissertação as pesquisas foram separadas em dois grupos: o primeiro abrange as concepções de crianças e infâncias, enquanto o segundo trata especificamente dos processos de acolhimento, adaptação e inserção de bebês e crianças bem pequenas (0 a 3 anos).

Como critério para esse agrupamento, consideraram-se as palavras-chave, os objetivos e os autores que fundamentaram cada estudo, relacionando as pesquisas que apresentam o foco de discussão que se igualam ou se aproximam aos interesses de cada bloco temático. Esse agrupamento permitiu a análise inicial das pesquisas, pois, ao classificá-las em blocos, já foi possível perceber as premissas sobre o tema, em quais pontos elas convergem e as contribuições que trouxeram.

Com as pesquisas devidamente agrupadas por blocos temáticos, inicia-se a etapa final do EC, denominada bibliografia propositiva, acentuando os pareceres descritivos das análises do primeiro bloco temático: crianças e infâncias.

Quadro 11 - Bibliografia categorizada: teses, dissertações e artigos científicos organizados em blocos temáticos

BLOCO TEMÁTICO: CRIANÇAS, INFÂNCIAS				
N.	**AUTORES (AS) Ano**	**TÍTULO**	**NÍVEL**	**ASSUNTOS ABORDADOS NA PESQUISA**
1	MADEIRA, Maria Cristina. (2017)	Uma Escola Municipal de Educação Infantil como lugar de	Tese	• Discute o conceito e as concepções de infância e criança na atualidade. • Utiliza os pressupostos do autor Malaguzzi sobre criança protagonista

		experiência, comunicação e relações: contribuições para a construção de uma pedagogia da infância.		para orientar o trabalho da equipe da creche pesquisada. • Explora a importância do espaço físico como um "terceiro educador", que contribui para a aprendizagem e as interações das crianças. • Usa os termos bebês e crianças bem pequenas, conforme indica a BNCC. • O acolhimento como mediador de práticas dialógicas entre professoras, auxiliares, crianças e seus familiares.
2	RISTOF, Luciana Stumpf. (2020)	A chegada dos bebês na escola de Educação Infantil: acolher com sensibilidade.	Dissertação	• Analisa o ambiente da creche para entender como uma criança é percebida, considerando a disposição de materiais, a organização da rotina e a utilização de cartazes. • Realiza um comparativo etimológico entre os termos adaptação e acolhimento. • Compara as práticas docentes brasileiras e portuguesas, trazendo referências que apoiam o acolhimento da criança. • Refere-se à criança como um ator social. • Defende a documentação pedagógica como uma prática docente fundamental na EI.
4	SANTOS, Natalia Lopes dos. (2021)	O acolhimento inicial de bebês negros e negras nos espaços da creche: aspectos a considerar e desafios a alcançar.	Dissertação	• Realiza uma análise crítica dos termos acolhimento e adaptação a partir de sua etimologia. • Defende que o caminho adequado deve ser o acolhimento, embora os documentos das creches enfatizem a ideia de adaptação das crianças. • Observa as relações das funcionárias da creche em relação às crianças negras. • Solicita o parecer das famílias negras sobre como se sentem ao deixar seus filhos/as na creche. • Faz referência à SI, a partir das ideias de criança como ator social e infância como geração.
5	REIS, Lucilaine Maria da Silva. (2014)	Inserção e diálogo: como crianças pequenas vivenciam sua entrada na Educação Infantil?	Dissertação	• Busca compreender as crianças a partir de diferentes perspectivas: sociologia, teoria histórico-cultural e filosofia. • Procura entender o sentido das palavras adaptação, inserção e acolhimento, bem como os significados subjacentes à escolha de cada uma dessas expressões.

				• Considera importante substituir a palavra adaptação por inserção, visto que adaptação sugere uma adequação a um ambiente em termos biológicos. • Pondera que o uso do termo acolhimento pode evocar uma visão vitimista, de que é sempre necessário abrigar para garantir o bem-estar.
8	JACQUES, Rubia Eneida Holz. (2014)	Inserção na creche e relações sociais: estudo de caso de um bebê recém-chegado.	Dissertação	• Trouxe as concepções dos termos adaptação, inserção e acolhimento. • Explica que a ideia de adaptar remete ao sentido de ajustamento, o que sugere que haja modificações necessárias para adaptar-se a um padrão estabelecido. • Defende que a ideia de inserção denomina a estratégia de dar início a uma série de relacionamentos e comunicações entre adultos e crianças. • Cria um panorama de como cada documento mandatório da EI aborda a inserção.
9	SILVA, Patricia Cristina Santos da. (2015)	A inserção de bebês em creches: um olhar para as políticas públicas	Dissertação	• Analisa as políticas públicas de atendimento da EI. • Apresenta um breve histórico de como a criança foi percebida ao longo da história, incluindo a época da escravidão. • Além da análise histórica e legislativa, a pesquisa incluiu entrevistas com professoras da creche, revelando a precarização do sistema educacional infantil. • Concebe a criança a partir da SI.
11	LÖFFLER, Daliana. (2019)	Os movimentos de participação construídos por e entre bebês e crianças maiores em uma turma de berçário.	Tese	• Denota que os movimentos dos bebês evidenciam as culturas infantis. • Aponta que a distribuição de brinquedos e materiais exploratórios pode tanto estimular quanto limitar os movimentos das crianças. • Utiliza o termo adaptação para se referir às primeiras semanas de frequência da criança observada na pesquisa. • Constata que os bebês indígenas são marginalizados e sofrem a imposição da cultura branca e colonial.

				• Indica a ausência de linhas de pesquisas acadêmicas dedicadas a bebês.
12	RODRIGUES, Zoleima Pompeo. (2017)	Inserção na creche: direito de acolhimento e humanização das crianças.	Dissertação	• Compara as concepções dos termos adaptação e inserção em sua semântica, assumindo inserção como o termo mais adequado. • Busca compreender as relações sociais estabelecidas entre as crianças, suas famílias e a professora durante o processo de inserção. • Considera o processo de inserção complexo, que envolve rupturas, inícios e recomeços. • Destaca a participação ativa da família como facilitadora no processo de inserção da criança, ressaltando os benefícios dessa relação para ambas as partes.
14	SANTOS, Fabíola Pereira dos; GRAUPE, Mareli Eliane. (2020)	Educação Infantil: práticas pedagógicas com bebês e crianças bem pequenas.	Artigo	• Apresenta a evolução das concepções de infância ao longo dos séculos, analisando como essas visões são moldadas pelas estruturas sociais e econômicas de cada época. • Traça um panorama histórico do atendimento em creches, destacando mudanças nas abordagens e políticas ao longo do tempo. • Enfatiza a importância do protagonismo infantil e da integração entre as práticas de cuidado e educação. • Argumenta sobre a relevância de rotinas bem estruturadas para crianças e a necessidade de uma formação docente comprometida para atender às demandas da EI.
15	COSTA, Natália Meireles Santos da; DENTZ, Marisa von; AMORIM, Katia de Souza. (2022)	Enquanto você (não) dormia: tempos, rotinas e ritmos em negociação no processo de transição do bebê à creche.	Artigo	• Compreende a transição de bebês para as creches como um aspecto cultural e social. • Mostra que o reconhecimento da criança como sujeita a direitos impulsionou mudanças na organização da EI, particularmente na educação pública. • Enfatiza as expectativas dos pais e a importância da comunicação entre famílias e educadores para facilitar uma transição mais tranquila para o bebê. • Indica que a transição do bebê envolve uma negociação constante

				entre os ritmos biológicos da criança e as demandas das rotinas institucionais, destacando que a flexibilidade nos ajustes nas rotinas contribui de forma colaborativa com esse processo.
16	MOTTA, Flávia Naethe. (2014)	Notas sobre o acolhimento.	Artigo	• Utiliza o termo transição para descrever o ingresso da criança na creche. • Observa que o uso do termo adaptação (biologista) foi progressivamente substituído por acolhimento e inserção nos documentos da EI. • Ressalta a proximidade entre os conceitos de inserção e acolhimento, pois ambos remetem a uma ideia de processo contínuo, em vez de um período específico. • Argumenta que o acolhimento, como prática pedagógica, deve fazer parte do planejamento docente, envolvendo tanto as crianças quanto suas famílias.
17	RASCHE, Marinez Renata. (2020)	O processo de acolhimento e adaptação do bebê na creche em Sinop, Mato Grosso.	Artigo	• Utiliza os termos adaptação e acolhimento como conceitos centrais em sua pesquisa. • Investiga as práticas pedagógicas adotadas por professores de EI no processo de acolhimento e adaptação de bebês de 0 a 1 ano em creches. • Busca compreender a postura dos educadores e a importância da participação das famílias nesse processo. • Destaca a qualidade do acolhimento como fator essencial para garantir uma adaptação bem-sucedida.
18	OLIVEIRA, Virgínia Souza; MARQUES, Rafaela Ferreira; NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. (2023)	Os bebês na sala do berçário: diferentes trajetórias no espaço.	Artigo	• Acentua que o espaço físico e as configurações materiais existentes na creche influenciam no movimento e nas experiências das crianças. • Evidencia a importância do espaço e das interações sociais no desenvolvimento integral dos bebês, ao defender que isso favorece a construção de laços afetivos e o senso de pertencimento. • Defende que o planejamento dos espaços do berçário é essencial para criar um ambiente acolhedor e explorativo. • Enfatiza que os bebês produzem e ressignificam o espaço ao explorá-lo

				diariamente, mostrando que ele é construído a partir da interação entre as pessoas e que não existe de forma isolada.
20	SOTO, Astrid Bravo. (2018)	Prácticas de crianza um la sala cuna y um el hogar: um estudio de caso.	Artigo	• A autora defende que educar bebês é diferente de educar crianças de outras idades e destaca a importância das práticas parentais nas instituições de EI. • Ressalta que a integração dos bebês na creche demanda reflexão sobre como a troca de saberes entre a família e a creche pode contribuir para uma educação mais significativa. • Argumenta que essas trocas entre os contextos domiciliar e institucional têm o potencial de enriquecer o currículo da creche. • Sugere uma reavaliação das práticas pedagógicas na creche, valorizando as experiências e os conhecimentos das famílias para intencionar a aprendizagem em contextos formais.
21	PIVA, Luciane Frosi; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. (2020)	Transições na vida de bebês e de crianças bem pequenas no cotidiano da creche.	Artigo	• Aborda o conceito de transições ecológicas, desenvolvido por Urie Bronfenbrenner, que se refere às mudanças de papéis e ambientes ao longo da vida que influenciam o desenvolvimento humano. • Discute a transição dos bebês do ambiente familiar para o berçário e as mudanças que a acompanham, defendendo que, para que essas transições sejam bem-sucedidas, é fundamental que o espaço seja acolhedor e ofereça suporte emocional e físico. • Ressalta que as transições, embora desafiadoras, são enriquecedoras para o desenvolvimento infantil. • Defende a inserção como um processo em que as crianças não apenas adentram o espaço físico da creche, mas o ocupam de forma ativa e afetiva, criando vínculos essenciais para o desenvolvimento integral.
23	SILVA, Viviane Tolentino da; GOULART, Maria Inês Mafra;	Vivências de bebês no contexto de um berçário em Belo Horizonte.	Artigo	• Aborda o desenvolvimento humano e a constituição social dos bebês com base no conceito de vivência de Vygotsky, destacando a importância das relações sociais e culturais desde a infância.

	NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. (2023)			• Observa a interação entre dois bebês com diferentes condições físicas e atitudinais. • Enfatiza que as aprendizagens sociais ocorrem a partir das experiências vividas com adultos e outras crianças, reforçando o valor das relações sociais e culturais desde a primeira infância. • Observa que a comunicação entre os bebês se dá por múltiplas linguagens, olhares, toques, sorrisos e balbucios, evidenciando sua capacidade interativa e expressiva.
24	FERREIRA, Marisa Vasconcelos. (2017)	Os bebês na Educação Infantil: um olhar para as relações creche e famílias.	Artigo	• Investiga a complexa rede interacional entre famílias e instituições de EI, na qual significados sobre o cuidado e a educação dos bebês são compartilhados, negociados e ressignificados. • Analisa o caso específico de uma mãe e sua filha, a fim de compreender como a inserção da criança em um ambiente coletivo pode transformar as percepções familiares sobre a creche. • Defende que a construção de um ambiente acolhedor exige reconhecer e considerar as singularidades das famílias. • Enfatiza a importância de ações que promovam o acolhimento, a partilha e a participação dos familiares. • Propõe a criação de práticas e estratégias institucionais que respondam às demandas contemporâneas da EI, rompendo com concepções ultrapassadas e promovendo a inclusão das famílias em decisões pedagógicas importantes.

Fonte: elaborado pela autora

4.1 Análises: Crianças e Infâncias

Este bloco temático reúne pesquisas acadêmicas que discutem o acolhimento e a inserção de bebês e crianças bem pequenas na EI, destacando a importância da compreensão que o/a docente tem sobre a criança e a infância. Essa compreensão influencia diretamente suas práticas pedagógicas, podendo facilitar ou não a inserção da criança nas instituições de EI. Portanto, a forma como o/a docente interpreta o

papel das crianças e das infâncias direciona suas ações, impactando significativamente o processo de ingresso das crianças na EI.

Assim, nesse bloco temático agrupamos 1 tese, 4 dissertações e 3 artigos do primeiro recorte histórico e 1 tese, 2 dissertações e 6 artigos do segundo recorte histórico. As pesquisas acadêmicas são dos seguintes autores: Reis (2014), Jacques (2014), Motta (2014), Silva (2015), Madeira (2017), Rodrigues (2017), Ferreira (2017), Soto (2018), Löffler (2019), Ristof (2020), Santos e Graupe (2020), Rasche (2020), Piva e Carvalho (2020), Santos (2021), Costa, Dentz e Amorim (2022), Oliveira, Marques e Neves (2023), Silva, Goulart e Neves (2023).

A análise das pesquisas selecionadas revela uma diversidade de abordagens e perspectivas que se articulam com o tema desta dissertação. Na reflexão desses trabalhos, emergem convergências, divergências e lacunas que merecem atenção e que serão acentuadas.

Entre as abordagens teóricas que fundamentam as pesquisas desse bloco, a teoria histórico-cultural de Vygotsky é a mais recorrente, sustentando os estudos de Silva, Goulart e Neves (2023); Oliveira, Marques e Neves (2023); Costa, Dentz e Amorim (2022); e Reis (2014). Essas e as demais pesquisas também utilizaram como referencial teórico autores como: Bakhtin, Freire, Malaguzzi, Saviani, Rosemberg, Kuhlmann Júnior, Stacciolli, Forman, Edwards, Gandini, Lefebvre, Formosinho, Urie Bronfenbrenner, Rogoff, Sarmento, Corsaro, Qvortrup, entre outros.

Além disso, as pesquisas de Soto (2018), Silva (2015), Santos e Graupe (2020) e Motta (2014) se apoiam em leis e documentos mandatórios da EI para abordar a historicidade da EI e as nuances de evolução da primeira etapa da Educação Básica. Essas pesquisas foram embasadas em regulações como DCNEI (Brasil, 2010a), BNCC (Brasil, 2017), Constituição Federal (1988) e LDB (Brasil, 1996).

As pesquisas desse bloco temático também apresentam diferenças metodológicas, enquanto as autoras Ristof (2020), Reis (2014), Jacques (2014), Silva (2015), Rodrigues (2017) e Löffler (2019) seguem uma abordagem qualitativa de caráter etnográfico, que utilizam a observação participante e os registros detalhados do cotidiano das creches. Outras, como a de Madeira (2017), Rasche (2020) e Santos (2021), usam múltiplos instrumentos de coleta de dados, como entrevistas, questionários e registros audiovisuais. Essas diferenças metodológicas enriquecem o

campo de estudo, pois permitem análises a partir de diferentes perspectivas e aprofundam a compreensão das especificidades investigadas.

Entre as pesquisas aqui selecionadas, o estudo de Piva e Carvalho (2020) é o único que traz para o debate o conceito de transições ecológicas, desenvolvido por Urie Bronfenbrenner, que se refere às mudanças de papéis e ambientes ao longo da vida que influenciam o desenvolvimento humano. Esse conceito é complementado pelo trabalho de Formosinho, Monge e Oliveira-Formosinho, que aborda as transições dos bebês do ambiente familiar para o berçário e as passagens entre as diferentes fases da EI. O artigo também se apoia em Rogoff para discutir como essas transições refletem nas aprendizagens socioculturais das crianças, ampliando seu repertório de práticas sociais.

Piva e Carvalho (2020) utilizam o termo transições cotidianas para descrever as mudanças constantes que as crianças experimentam na vida escolar, ressaltando que essas transições são tanto desafiadoras quanto enriquecedoras para o desenvolvimento infantil. Destacam também que a creche é um espaço privilegiado e gerador de novas aprendizagens; assim, é importante que as transições sejam acompanhadas por uma atuação ética e responsiva dos docentes, em um ambiente acolhedor e que ofereça uma estrutura de apoio emocional e físico às crianças.

As autoras Costa, Dentz e Amorim (2022) e Motta (2014) também usam o termo transições em suas pesquisas para se referirem ao momento em que a criança passa do convívio exclusivamente familiar para a entrada na creche, entendendo-o como um aspecto cultural, político e social. Nesse processo, a transição envolve ressignificar os tempos e ritmos vividos pela criança entre diferentes contextos, como o familiar e o institucional.

Para Costa, Dentz e Amorim (2022), o reconhecimento legal da criança como sujeito de direitos impulsionou transformações na EI, ampliando seu acesso à creche. Essas mudanças, motivadas pela legislação, atribuíram à educação pública uma maior responsabilidade pelo cuidado, educação e bem-estar infantil. Nesse contexto, a transição para a creche é entendida como um processo que conecta as esferas públicas e familiar, devendo haver a integração entre as experiências familiares e institucionais, de forma a proporcionar o desenvolvimento integral da criança nesse novo ambiente.

Já Motta (2014), ao investigar como a infância é vivida no cotidiano das instituições educacionais, defende que a EI deve garantir práticas pedagógicas que regulamentem a infância considerando suas múltiplas dimensões. Nesse sentido, as crianças que estão em transição devem ser vistas como sujeitos biopsicossociais, que precisam encontrar nas instituições um espaço que atenda às suas necessidades físicas, emocionais, relacionais e socioculturais. Essa perspectiva ressalta a premissa do cuidado e educação, destacando que ambas as dimensões devem ser contempladas de forma indissociável.

Observa-se também que uma parte das dissertações e teses desse bloco temático, com autores como Jacques (2014), Reis (2014), Silva (2015), Madeira (2017), Löffler (2019) e Santos (2021), fundamenta-se na SI, referenciando autores como Sarmento, Corsaro e Qvortrup para abordar a criança como ator social e a infância como uma etapa geracional. Partindo dessas ideias, a infância é marcada pela construção social da criança, influenciada por variáveis como classe, gênero e etnia. As autoras também criticam a perspectiva adultocêntrica da docência nas instituições de EI, que frequentemente silencia e invisibiliza as crianças enquanto seres sociais, e elas propõem uma pedagogia que valorize a participação ativa das crianças na construção de sua identidade e conhecimentos.

Santos (2021) busca compreender em sua pesquisa como se dá o ingresso de bebês negros na creche, levando em consideração as questões de branquitude normalizadas na sociedade a partir das perspectivas da SI e constata que os bebês são frequentemente referenciados como crianças nas pesquisas acadêmicas. A autora tece uma crítica a essa abordagem, argumentando que os bebês ainda estão no processo de formação de suas identidades étnico-raciais e de gênero, ao contrário das crianças mais velhas, que já desenvolveram algumas concepções iniciais sobre esses aspectos. Ela defende, portanto, que os bebês devem ser pesquisados em suas especificidades, para que haja uma real consideração sobre eles dentro do campo da SI.

A creche, segundo Santos (2021), é um espaço privilegiado para o início da construção identitária dos bebês, pela pluralidade cultural que tal espaço envolve. Contudo, adverte que a predominância de elementos simbólicos nas instituições, como a ausência de representações de pessoas negras e indígenas em decoração e brinquedos, reforça a centralidade da branquitude e, consequentemente, a ideia de

poder sobre crianças de outras raças, perpetuando com isso os padrões do racismo estrutural. Assim, Santos (2021) constata que bebês negros ainda são expostos a referências monorraciais, afetando seu desenvolvimento de identidade e pertencimento étnico-racial.

A autora Löffler (2019) aproxima-se do debate trazido por Santos (2021) ao destacar a invisibilidade dos bebês indígenas e a marginalização histórica desse povo, evidenciada pela falta de representatividade cultural nos espaços de EI. Ambas as autoras refletem sobre as desigualdades culturais e sociais que permeiam o cotidiano das crianças na EI, ressaltando como a imposição de uma cultura branca e colonial as mantém à margem dos debates, afetando profundamente a construção de suas identidades e o senso de pertencimento de outras etnias e culturas.

Considerando que as relações sociais e as trocas culturais influenciam as aprendizagens sociais dos bebês, Silva, Goulart e Neves (2023) destacam a importância das experiências compartilhadas entre adultos e crianças de diferentes idades. Fundamentadas na teoria histórico-cultural de Vygotsky, as autoras argumentam que a formação do sujeito cultural ocorre na interação com o outro, tornando o processo de inserção cultural essencial para o desenvolvimento integral dos bebês. Além disso, enfatizam o papel dos artefatos culturais e do ambiente estruturado do berçário como promotores de desenvolvimento e ampliação cultural.

Essa pesquisa, orientada pela Professora Dra. Vanessa Ferraz Almeida Neves, da Universidade Federal de Minas Gerais, conecta-se diretamente com outro estudo sob sua orientação: o de Oliveira, Marques e Neves (2023). Este último reforça a importância das interações dos bebês ao explorar o espaço físico e as configurações materiais do berçário e como esses elementos influenciam as experiências vividas e os movimentos dos bebês. Nesse contexto, os autores acentuam que os bebês, ao interagir com o ambiente, demonstram preferências por percursos e objetos específicos, estabelecendo relações próprias com o espaço e os materiais disponíveis.

Ancoradas na teoria de Lefebvre, Oliveira, Marques e Neves (2023) compreendem o espaço como concebido, percebido e vivido, formando uma tríade que revela como diferentes partes do espaço refletem interações específicas. No berçário, essas interações envolvem não apenas os objetos e materiais, mas também os colegas e professores, que participam ativamente do processo. Assim, a ação dos

bebês é vista como uma forma de produção do espaço, e não somente uma mera ocupação.

O diálogo entre os dois estudos evidencia a relevância do ambiente e das interações socioculturais para o desenvolvimento infantil. Silva, Goulart e Neves (2023) destacam as relações sociais e culturais, enquanto Oliveira, Marques e Neves (2023) aprofundam a análise sobre o papel do espaço e dos materiais estruturados como mediadores dessas interações. Ambas as pesquisas reforçam a ideia de que o bebê e o ambiente formam uma unidade inseparável, contribuindo para a compreensão do berçário como espaço de produção cultural e seu desenvolvimento integral.

Ainda sobre a relevância dos espaços na EI, a autora Madeira (2017) afirma que tanto os ambientes físicos quanto as relações interpessoais que esses ambientes proporcionam favorecem o protagonismo infantil e a expressão das múltiplas linguagens das crianças. Enfatiza-se o papel do espaço como um "terceiro educador", que não somente contribui para a aprendizagem e interações das crianças, mas também para a construção de uma pedagogia da infância.

Löffler (2019) complementa a discussão sobre os espaços na EI ao afirmar que os movimentos que os bebês realizam ao brincar e interagir com colegas são as formas pelas quais eles vivenciam as práticas sociais na creche e refletem as culturas infantis. Assim, a participação em diversos ambientes da creche, convivendo com crianças de diferentes idades e culturas, proporciona ao bebê a liberdade de atribuir significado ao seu lugar no mundo. Esse convívio, portanto, amplia e enriquece seus conhecimentos culturais por meio das interações, promovendo tanto a autonomia nas ações quanto na tomada de decisões, ajudando-o a lidar com desafios e contribuindo para a construção de sua identidade. A autora ainda defende que a distribuição dos brinquedos e materiais exploratórios nos espaços compartilhados pode tanto instigar quanto limitar os movimentos e as participações dos bebês, revelando como a cultura, especialmente a pensada sob uma perspectiva adultocêntrica, pode tanto possibilitar quanto restringir as ações infantis.

Outro assunto recorrente nesse bloco temático é o debate sobre a relação entre as instituições e famílias. Nesse contexto, as abordagens das autoras[8] Motta (2014),

[8] Destaco as autoras no feminino porque todas as pesquisas citadas no parágrafo foram realizadas por mulheres.

Ferreira (2017), Rodrigues (2017), Madeira (2017), Soto (2018), Rasche (2020) e Costa, Dentz e Amorim (2022) convergem ao ressaltar a relevância da interação e parceria entre as famílias e instituição, acentuando os benefícios que essa relação traz para as crianças, em especial para aquelas que estão ingressando na EI.

A autora Ferreira (2017) destaca em sua pesquisa que há a necessidade de transcender a perspectiva de cuidado substitutivo[9] historicamente atribuída à creche pela sociedade. A autora propõe um trabalho de parceria que envolva tanto as famílias quanto os profissionais da educação, afirmando o valor do diálogo contínuo e reflexivo sobre o cuidado e a educação das crianças, respeitando as especificidades de cada família. Assim, acolher a criança e sua família resulta no fortalecimento da comunidade escolar, na construção conjunta do projeto pedagógico da instituição e na inclusão das famílias em decisões pedagógicas consideráveis.

Nessa mesma perspectiva, Soto (2018) ressalta a importância de integrar as práticas parentais ao ambiente da creche, elencando os benefícios dessa articulação para os bebês em ambos os contextos. A autora explica que, na creche, as práticas docentes são guiadas pelos direitos das crianças e envolvem vivências planejadas para promover seu desenvolvimento, já no ambiente familiar a aprendizagem ocorre por meio de interações cotidianas, alinhadas à cultura e aos valores da família. Para a autora, incorporar as especificidades de cuidado, educação e valores do lar ao ambiente da creche possibilita uma melhor representação das realidades sociais e culturais dos bebês, promovendo uma conexão mais significativa entre esses dois contextos.

Costa, Dentz e Amorim (2022) corroboram com essa ideia ao enfatizar a importância de um diálogo contínuo entre famílias e educadores para conhecer os ritmos, as rotinas e as preferências dos bebês que ingressam na EI. Segundo as autoras, compreender esses hábitos e ajustar as práticas docentes às necessidades individuais dos bebês, reconhecendo que a mudança nas rotinas ao ingressar na creche impacta diretamente o processo de inserção, contribui para uma transição mais tranquila e segura, evitando mudanças abruptas. Além disso, as autoras afirmam que a rotina coletiva, quando alinhada às necessidades individuais, pode ser uma ferramenta pedagógica importante para estruturar o cotidiano da turma, desde que

[9] A ideia de cuidado substituto refere-se à concepção de que a creche assume a responsabilidade de fornecer cuidados e proteção às crianças, substituindo, temporariamente, o papel da mãe enquanto ela está no trabalho.

seja flexível o suficiente para respeitar as particularidades de cada um, e não subordinar o bebê às exigências coletivas.

Rodrigues (2017) é outra pesquisadora desse bloco que reconhece e valoriza a participação da família como elemento facilitador no processo de inserção da criança na EI. Ela destaca que as inquietudes e os desafios que surgem durante a inserção impactam todos os envolvidos, crianças, seus pais e professores, e que, portanto, deve-se manter um diálogo aberto e constante para enfrentar ou amenizar as angústias que emergem nesse processo. Essa colaboração mútua não apenas promove o bem-estar da criança, mas também fortalece os vínculos entre família e instituição, contribuindo para a criação de um ambiente acolhedor e colaborativo.

Outra perspectiva sobre o tema é trazida por Rasche (2020), ao defender que a maneira como os educadores acolhem os bebês e suas famílias ao ingressarem na instituição de EI influenciará seu processo de inserção. A autora ressalta que a relação entre educadores e familiares é relevante para o bem-estar das crianças e suas famílias, e a falta dessa interação afeta negativamente esse processo. Os resultados de sua pesquisa, obtidos por meio de observações, entrevistas e questionários, constatam que a falta de participação ativa dos pais no ingresso do bebê na creche impacta as práticas docentes, dificultando seu acolhimento adequado. Além disso, a autora acentua que fatores como as exigências do trabalho dos pais, que os impedem de acompanhar o processo de ingresso, e a visão da creche como um espaço de cuidado, e não de educação, contribuem para a falta de parceria entre as partes. Para ela, a ausência dessa parceria enfraquece a relação entre família e instituição, trazendo consequências ao bebê.

Colabora com essa ideia a autora Motta (2014), que defende que o acolhimento é uma prática pedagógica que precisa estar integrada ao planejamento institucional. Ela acentua que a prática do acolhimento não se restringe apenas às crianças que estão ingressando na creche, mas também às suas famílias, com o objetivo de criar uma educação mais dialógica e sensível às múltiplas dimensões da criança.

Já a autora Madeira (2017) enfatiza em sua tese a relevância da participação da família no processo de inserção da criança, reconhecendo seu papel na construção de uma pedagogia da infância. A autora ainda aborda três dimensões sobre a prática do acolhimento: o acolhimento como inserção, cuidado e atenção com os bebês, crianças bem pequenas e seus familiares; o acolhimento como criação de

espaços/ambientes pedagógicos; e o acolhimento numa perspectiva de diálogo e comunicação nas relações entre adultos e crianças, abordando também aspectos de gestão e resolução de conflitos. Ela argumenta que esses aspectos dão condições para a criação de uma pedagogia da infância, influenciando diretamente nas experiências da criança e em sua inserção na instituição de EI. Além disso, a articulação dessas dimensões favorece a construção de um ambiente humanizado, agradável e promotor do fortalecimento de vínculos afetivos, assim como a integração da família ao processo educativo.

Concluídas as análises do primeiro bloco temático, apresento a nuvem de palavras gerada a partir do texto descrito e, em seguida, inicio a análise do segundo bloco temático: processos de acolhimento, inserção e adaptação de bebês e crianças pequenas (0 a 3 anos).

Figura 4 - Nuvem de palavras sobre o primeiro bloco temático

CRIANÇA
EDUCAÇÃO
AUTORA
BEBÊ
INFANTIL
AMBIENTE
ESPAÇO
PROCESSO
PRÁTICA
INSERÇÃO
CONSTRUÇÃO
CRECHE
FAMÍLIA
DESENVOLVIMENTO
ACOLHIMENTO
PESQUISA
PERSPECTIVA
INFÂNCIA
SOCIAIS
FORMA
TESE
IDEIA
PAPEL
REIS
FALTA
SER
PNA
SILVA
NEVE
LEI
CULTURA
TEMÁTICO
ALÉM
AINDA
SANTO
INTERAÇÕES
PEDAGOGIA
ESTUDO
DIÁLOGO
INSTITUIÇÕES
MUDANÇA
TEMA
BLOCO
PAIS
VIDA
NESSE
DIRETAMENTE
CONTEXTO
MADEIRA
CUIDADO
DEBATE
FÍSICO
ASPECTO
CULTURAIS
ESTÃO
AMORIM
DEFENDE
OLIVEIRA
TRABALHO
INTEGRAL
INGRESSO
SOCIAL
TRANSIÇÕES
PORTALITO
DIFERENTES
FAMILIAR
MOTTA
DESCRIÇÃO
PARCERIA
CULTURAL
RASCHE
AUTORES
TEORIA
MATERIAIS
SUJEITO
BASE
SÍ
FALTA
REFLETEM
NECESSIDADE
DESTACANDO
IDENTIDADE
MEIO
ARTIGO
ETAPA
ESPECIFICIDADES
COMPREENSÃO
ANÁLISE
ROTINA
IMPORTÂNCIA
PARTICIPAÇÃO
RESSALTA
GOULART
COTIDIANO
DESTACAM
ENQUANTO
AÇÕES
SOTO
DEITZ
UTILIZAM
AMBAS
CARVALHO
EDUCADOR
VALORES
GRADUE
URIE
KEBELA
FERREIRA
DOS
MARQUES
ESTÁGIO
INCLUES
COSTA
PEDAGÓGICA
DOCENTE
ENERGIA
IMPORTANTE
HISTÓRICO
CONTEXTOS
RELAÇÕES
DEVEM
INSTITUIÇÃO
ESPECIFICIDADES
ESCOLA
ESCOLAR
ESCOLARES
ESCOLHA
ESCOLHAS
ESCOLHEU
ESCOLHIDO
ESCOLHIDOS
ESCOLHIDAS
ESCOLHIDA

Quadro 12 - Bibliografia categorizada: teses, dissertações e artigos científicos organizados em blocos temáticos

BLOCO TEMÁTICO: PROCESSOS DE ACOLHIMENTO, ADAPTAÇÃO E INSERÇÃO DE BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS (0 A 3 ANOS)				
N.	**AUTORES (AS) Ano**	**TÍTULO**	**NÍVEL**	**ASSUNTOS ABORDADOS NA PESQUISA**
3	FRANCO, Merilis Aparecida. (2021)	A sensibilização sobre o acolhimento: uma proposta interventiva com a criação de rapsódias do cotidiano infantil.	Dissertação	• Discute a importância do acolhimento na EI. • Propõe a criação de rapsódias das narrativas cotidianas. • Fundamenta sua pesquisa com a teoria do apego. • Usa o termo acolhimento para se referir à inserção da criança.
6	OLIVEIRA, Suelen Cristiane Marcos de. (2018)	O processo de adaptação das crianças na Educação Infantil: os desafios das famílias e dos educadores da infância.	Tese	• Analisa o papel dos/as docentes e famílias na adaptação das crianças. • Traz concepções dos pais e docentes sobre o tema. • Defende o uso de objetos transicionais e o aumento gradativo do tempo de permanência das crianças. • Aponta a criação de espaços acolhedores para bebês e famílias como facilitadores para uma boa adaptação. • Usa o termo adaptação e não fala de inserção e acolhimento.
7	NEGRÃO, Tatiane Peres Alves. (2018)	O período de adaptação e os objetos transicionais no processo: pesquisa-intervenção em um Centro de Educação Infantil de São Paulo.	Dissertação	• Analisa como ocorre o período de adaptação de bebês e crianças bem pequenas. • Defende o uso dos objetos transicionais durante a fase de inserção da criança à creche. • Pauta-se na teoria do apego.
10	OLIVEIRA, Virgínia Souza. (2019)	O processo de inserção de bebês em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte.	Dissertação	• Pretende compreender a partir de diferentes perspectivas (crianças/ famílias/ docentes) o tema. • Observa a reação do grupo de crianças a partir das manifestações de choro. • Constatou que as mães vivenciaram o processo de inserção da criança de maneiras diferentes (choro/angústia/ alívio). • Concluiu que cada criança se inseriu ao seu modo.

13	MARQUES, Circe Mara; UNGER, Tamara Pisoni; ZIEDE, Mariangela Lenz. (2018)	Do berço ao berçário: uma travessia complexa.	Artigo	• Defende o diálogo com a família para saber suas expectativas quanto à inserção da criança. • Critica planejamentos e rotinas moldadas pelas perspectivas dos adultos. • Apresenta que a inserção deve ser acompanhada pelos pais ou responsável da criança e seja de maneira gradual. • Aponta que não se pode perder de vista as particularidades das crianças e suas famílias, considerando os modos de educação e cultura da família para entender as necessidades a criança.
19	PORCINO, Ana Paula da Costa; BERNARDES, Rosemeire de Souza. (2016)	Para além do cuidar: adaptação e acolhimento na creche.	Artigo	• Aponta que a adaptação é um período importante tanto para a criança quanto para sua família. • Enfatiza que os/as professores/as devem considerar o fato de acolher a criança, investindo na afetividade por meio de gestos e ações cotidianas. • Defende que a criança vivencie diferentes experiências para desenvolver sua autonomia.
22	VERCELLI, Ligia de Carvalho Abões; NEGRÃO, Tatiane Peres Alves. (2019)	Um olhar sobre o período de adaptação de crianças pequenas a um Centro de Educação Infantil e o uso de objetos transicionais.	Artigo	• Utiliza os termos adaptação e inserção para indicar a entrada da criança na creche. • Fundamenta-se na teoria do apego. • Relata as perspectivas das professoras sobre a teoria do apego e sobre o uso dos objetos transicionais.
25	RAPOPORT, Andrea; BOSSI, Tatiele Jacques; PICCININI, Cesar Augusto. (2018)	Adaptação de bebês à creche aos 4-5 meses de idade: as 10 primeiras semanas.	Artigo	• Revela que os bebês utilizaram diversas estratégias de enfrentamento durante a adaptação à creche. • Fundamenta-se na teoria do apego. • Observa *in loco* as estratégias que os bebês usam para adaptar-se dentro de um determinado tempo.
26	BOSSI, Tatiele Jacques; BRITES, Sílvia de Andrade Neves Dias;	Adaptação de bebês à creche: aspectos que facilitam ou não esse período.	Artigo	• Investiga os níveis de cortisol (hormônio liberado pelo corpo como uma resposta fisiológica ao estresse) de bebês e crianças durante a adaptação. • Quer saber a opinião das mães, e não das professoras sobre a adaptação. • As entrevistas realizadas com essas mães revelaram fatores que facilitam

	PICCININI, Cesar Augusto. (2017)			ou dificultam a adaptação dos bebês à creche. • Destacam como facilitadores da adaptação: tranquilidade materna, características individuais dos bebês e qualificação profissional das educadoras. • As educadoras são vistas como suportes emocionais essenciais. • Traz discussão sobre a amamentação no processo de adaptação.
27	DENTZ, Marisa von; CASTRO, Cíntia Regina Czysz de; NEDER, Kaira; AMORIM, Kátia de Souza. (2022)	Processos de transição com ingresso de bebês na Educação Infantil: revisão bibliográfica.	Artigo	• Propôs analisar como a literatura tem abordado a transição dos cuidados e da educação dos bebês do ambiente domiciliar para as instituições de EI. • Faz uma análise histórica das pesquisas sobre o tema, indicando os anos e os países que mais pesquisaram sobre o assunto. • Situa a Itália como o país que iniciou os estudos sobre inserção. • Discute questões teóricas, relação família-instituição, papel do professor e estratégias de acolhimento. • Defende que a transição não diz respeito a somente os primeiros dias na creche, pode se repetir em situações como doenças, mudanças na rotina ou transições entre turmas.

Fonte: elaborado pela autora

4.2 Análises: Processos de Acolhimento, Adaptação e Inserção de Bebês e Crianças bem Pequenas (0 a 3 anos)

O agrupamento desse bloco temático inclui 1 tese e 1 dissertação do primeiro recorte temporal e 2 dissertações do segundo. Também compõem esse bloco temático: 6 artigos científicos, sendo 4 do primeiro recorte temporal e 2 do segundo.

A seguir, apresento as principais contribuições sobre o tema a partir das pesquisas de Porcino e Bernardes (2016), Bossi, Brites e Piccinini (2017), Oliveira (2018), Negrão (2018), Rapoport, Bossi e Piccinini (2018), Marques, Unger e Ziede (2018), Oliveira (2019), Vercelli e Negrão (2019), Franco (2021) e Dentz *et al*. (2022).

A análise desse bloco ofereceu uma base sólida para compreender como os pesquisadores, professoras[10] e famílias versam sobre o tema do acolhimento e inserção na EI, indicando abordagens e práticas docentes transformadoras ou facilitadores para o ingresso tranquilo e humanizado de bebês e crianças bem pequenas.

Conforme esperado, ficou evidente a relevância das discussões sobre a temática, quando os autores descrevem a importância das investigações sobre o tema para se alcançar um trabalho de excelência no processo de acolhimento e inserção de bebês e crianças bem pequenas na EI.

Além disso, as pesquisas desse bloco temático destacam a complexa relação que se estabelece entre bebês, crianças bem pequenas, famílias e instituições, desde o momento da matrícula até a sua frequência nas creches. Há um consenso entre os pesquisadores de que a forma como essas relações se desenvolve determinará o percurso de inserção, pois o acolhimento e a interação entre esses sujeitos influenciam diretamente a qualidade do ingresso das crianças na EI.

A análise das pesquisas desse bloco temático revela que elas partem de diferentes abordagens teóricas, e a mais referenciada foi a teoria do apego de Bowlby. As pesquisas de Franco (2021), Negrão (2018), Vercelli e Negrão (2019) e Rapoport, Bossi e Piccinini (2018) utilizam essa teoria, que busca explicar como se formam os vínculos afetivos entre o bebê e seu provedor de segurança e conforto, neste caso, a família e as professoras, e quais são suas implicações na vida adulta.

Além disso, Vercelli e Negrão (2019) e Rapoport, Bossi e Piccinini (2018) entrelaçam a teoria do apego com os princípios de Winnicott. Princípios estes que defendem a ideia de que quem está responsável pelo cuidado do bebê deve interpretar as suas necessidades, atendendo-as até que este comece a lidar melhor com os momentos de frustração que são ocasionados devidos à inserção na creche e ao distanciamento familiar.

Já a autora Oliveira (2019) fundamenta sua pesquisa a partir da teoria histórico-cultural de Vygotsky, afirmando que o bebê, embora dependente dos adultos nos primeiros meses, é uma pessoa capaz e que, desde o nascimento, está em um

[10] Utilizo o termo no feminino, pois todas as pesquisas analisadas realizaram entrevistas com as professoras e/ou mães.

processo contínuo de humanização através de suas relações com o outro, o meio e a cultura.

As demais pesquisas analisadas nesse bloco não deixaram explícitas as abordagens teóricas que baseiam suas pesquisas, porém se observa que houve a recorrente fundamentação teórica com autores como Fochi, Freire, Malaguzzi, Emili Picker, Wallon, Corsaro, Sarmento, Rosenberg, Haddad, Rossetti-Ferreira, Kramer, Kuhlmann Júnior, Rapoport, Piccinini, entre outros, além de embasamento em leis, documentos mandatórios e nos indicadores da qualidade na EI.

Também foi possível constatar que as pesquisas selecionadas no EC desta dissertação utilizam diferentes termos para se referir ao ingresso de bebês e crianças bem pequenas na EI. Os termos variam entre adaptação, acolhimento e inserção. O termo adaptação aparece em seis pesquisas: Porcino e Bernardes (2016), Bossi, Brites e Piccinini (2017), Negrão (2017), Oliveira (2018), Vercelli e Negrão (2019) e Rapoport, Bossi e Piccinini (2018). O termo acolhimento é empregado em uma pesquisa: Franco (2021). Já o termo inserção é usado em três estudos: Marques, Unger e Ziede (2018), Oliveira (2019) e Dentz *et al*. (2022). Essa diversidade terminológica pode refletir no modo como os autores entendem o processo vivenciado pela criança que ingressa na creche, e a escolha dessas palavras impacta a forma como os docentes concebem a criança e orientam suas práticas docentes.

Observa-se que o termo mais comumente utilizado nas pesquisas, assim como nas entrevistas analisadas nesse bloco, é adaptação. Esse termo também aparece em documentos oficiais relacionados à EI, como o RCNEI (Brasil,1998) e as Orientações Curriculares para a Educação Infantil (2010b). Contudo, o documento mais recente da Educação Básica no Brasil, a BNCC (Brasil, 2017), não emprega esse termo, mas destaca a importância de práticas pedagógicas que promovam o ingresso e a integração das crianças ao novo ambiente.

Diante das análises realizadas nas pesquisas dos autores Rapoport, Bossi e Piccinini (2018) e Bossi, Brites e Piccinini (2017), da área da psicologia, foi possível verificar que utilizavam exclusivamente a palavra adaptação, sem considerar outras denominações ou conceitos para descrever o ingresso da criança na creche. Diferentemente, as pesquisas da área da educação trazem recorrentes debates quanto à polissemia do termo e sugerem alternativas para substituí-la, tais como: acolhimento, inserção e transição.

Considero indispensável a elaboração de um documento normativo nacional ou resolução que estabeleça, de forma clara e objetiva, o termo adequado a ser utilizado por educadores e pesquisadores para se referir ao processo de ingresso das crianças na creche. Isso contribuiria para uma compreensão mais precisa e consistente sobre o tema, reduzindo interpretações e práticas docentes fundamentadas apenas no senso comum.

Outro debate relevante apresentado pelas pesquisas desse bloco envolve a importância do acolhimento afetivo das crianças ao iniciarem na instituição de EI, defendendo que as manifestações afetivas que partem das docentes para a criança contribuem na criação de vínculos entre as partes e proporcionam mais segurança aos pais, apresentando-se como um agente facilitador do processo de inserção das crianças.

Nesse contexto, as pesquisas de Porcino e Bernardes (2016), Bossi, Brites e Piccinini (2017), Oliveira (2018), Oliveira (2019) e Marques e Unger e Ziede (2018) afirmam que não são apenas as crianças que vivenciam o processo de inserção na EI, mas também seus pais. Os autores defendem a importância de considerar que a família e a criança são sujeitos distintos, mas inter-relacionados, que vivenciam simultaneamente o processo de inserção, e as reações emocionais de um influenciam no outro. Dessa forma, torna-se relevante que a instituição adote estratégias que incentivem a aproximação dos pais, não apenas em momentos formais, como reuniões ou na entrega e retirada das crianças, mas também no envolvimento cotidiano com a rotina da instituição, permitindo compreender suas angústias e perspectivas sobre o momento que estão vivenciando, ao mesmo tempo que se constroem laços de colaboração e parceria.

Constatou-se que as pesquisas de Bossi, Brites e Piccinini (2017), Rapoport, Bossi e Piccinini (2018), Marques, Unger e Ziede (2018) e Oliveira (2018) utilizam entrevistas como instrumento metodológico para compreender como as mães percebem e vivenciam o processo de inserção de seus filhos na creche. Contudo, é importante destacar que, ao concentrar suas análises nos relatos das mães, essas pesquisas acabam desconsiderando a opinião dos pais sobre o tema investigado.

Apesar de ser fundamental compreender os fenômenos vividos por bebês e crianças bem pequenas ao ingressarem na EI, ao focar exclusivamente nas mães, essas pesquisas negligenciam as perspectivas de outros membros da família ou

responsáveis. Além disso, não levam em conta a diversidade de composições familiares, como pais, avós, tios/as, padrinhos/madrinhas, tutores, entre outros. Sabendo que as famílias desempenham um papel importante no processo de inserção da criança, é evidente a necessidade de que futuras pesquisas ampliem suas análises, incluindo as perspectivas de todos os envolvidos no ingresso da criança, não se limitando exclusivamente às mães.

Outro ponto observado nas pesquisas desse bloco é que as pesquisadoras Oliveira (2018), Negrão (2018), Marques, Unger e Ziede (2018), Vercelli e Negrão (2019) buscaram conhecer as perspectivas das professoras sobre a inserção e o ingresso de bebês e crianças bem pequenas na EI por meio de entrevistas semiestruturadas, rodas de conversas e observações. No entanto, é relevante destacar que todas as entrevistas e observações foram realizadas exclusivamente com professoras mulheres, sem a participação dos docentes homens. Essa constatação reforça o conceito de feminização da docência na EI, ainda que seja possível que as instituições pesquisadas não contassem com professores homens em seu quadro de funcionários ou que, caso houvesse, nenhum tenha aceitado participar das entrevistas, é importante que futuras pesquisas considerem as perspectivas dos professores homens no processo de acolhimento e inserção de crianças na creche.

Ao realizar uma análise comparativa entre as pesquisas da área da psicologia e educação angariadas no EC desta dissertação, percebe-se que, embora tratem do mesmo tema, os pesquisadores de cada área direcionam suas investigações para focos diferentes.

Dito isso, é possível constatar que as pesquisas na área da educação de Porcino e Bernardes (2016), Oliveira (2018), Negrão (2018), Marques, Unger e Ziede (2018), Oliveira (2019), Vercelli e Negrão (2019) e Franco (2021) destacam os desafios enfrentados por educadores, crianças e suas famílias ao ingressarem na EI. Essas pesquisas, de modo geral, revelaram que esse processo de acolhimento e inserção do bebê e criança bem pequena é compreendido como complexo e não deve ser regido por prazos ou padrões fixos. Em vez disso, as pesquisadoras ressaltam a importância de flexibilizar os tempos da criança, reconhecendo e respeitando suas singularidades. Por exemplo, Oliveira (2018) enfatiza que a intencionalidade docente, a afetividade e o envolvimento ativo das famílias são elementos fundamentais para facilitar esse processo.

As relações sociais e as interações entre pessoas de diferentes idades também são temas amplamente discutidos nas pesquisas da área da educação desse bloco. Assim, Franco (2021) acentua como o fazer pedagógico, por meio de uma escuta atenta, acolhedora, intencional e propositiva, pode influenciar diretamente as interações no cotidiano das crianças, promovendo um ambiente de troca e construção de vínculos. Por outro lado, Porcino e Bernardes (2016) enfatizam que as concepções docentes sobre as crianças como sujeitos ativos impactam a maneira como elas se envolvem nas relações sociais, como quais, por sua vez, colaboram para a construção de suas identidades por meio dessas interações.

Já as pesquisas de Oliveira (2018), Negrão (2018), Marques, Unger e Ziede (2018), Vercelli e Negrão (2019) evidenciam a persistência do trabalho docente voltada à perspectiva adultocêntrica nas instituições pesquisadas, onde as intencionalidades e estratégias pedagógicas ainda são moldadas pelos interesses dos adultos. Essa constatação decorre da observação dos ambientes institucionais estudados, da forma como os tempos e espaços destinados às crianças que ingressam na creche são gerenciados e a partir das práticas pedagógicas adotadas pelas professoras. As autoras apontam que as docentes utilizam um planejamento pré-estabelecido para a inserção das crianças, sendo que este delimita um período cronológico e também serve como parâmetro para avaliar esse processo. Partindo dessa premissa, as manifestações de choro são interpretadas pelas professoras como indicadores do sucesso ou não da inserção da criança, e a contenção dessa expressão emocional se torna o foco de suas ações, conforme destacado por Marques, Unger e Ziede (2018).

Assim, as pesquisas na área da psicologia realizadas por Bossi, Brites e Piccinini (2017), Rapoport, Bossi e Piccinini (2018) e Dentz *et al*. (2022) investigam os fatores emocionais associados ao sofrimento dos bebês durante o seu ingresso na creche, com observações específicas de bebês entre 3 e 6 meses de idade. Esses estudos focam na análise das manifestações psíquicas, emocionais, hormonais e comportamentais dos bebês ao longo de semanas ou meses, evidenciando como eventos externos, como o nascimento de um irmão ou a separação dos pais, podem agravar as dificuldades vivenciadas nesse processo de acolhimento e inserção.

Os resultados mostram que, ao ingressar na creche, os bebês desenvolvem estratégias de enfrentamento corporal e emocional, como adoecimento, recusa

alimentar, falta de sono, mudanças de humor e resistência à interação com pessoas fora do vínculo familiar. Essas estratégias frequentemente se interligam, com uma reação desencadeando outra, refletindo nas manifestações de insegurança expressas nos primeiros dias longe de suas famílias.

Bossi, Brites e Piccinini (2017), Rapoport, Bossi e Piccinini (2018) e Dentz *et al*. (2022) também defendem que a relação entre docentes e familiares deve ser estreita e que as práticas pedagógicas devem ser permeadas por afetividade, visto que as professoras são consideradas os suportes emocionais para as crianças que ingressam na EI.

Rapoport, Bossi e Piccinini (2018) e Bossi, Brites e Piccinini (2017) destacam que muitos bebês que ingressam na creche rejeitam os alimentos oferecidos porque estranham os sabores e as texturas de alimentos, que são diferentes daqueles aos quais estão acostumados em casa. A introdução de novos alimentos, portanto, se torna um grande desafio tanto para as professoras quanto para as famílias, já que cada criança reage de forma única a essa mudança em sua rotina alimentar. Essa resistência, somada ao processo de adaptação, requer atenção redobrada e sensibilidade de todos os envolvidos.

Além disso, outro aspecto importante a ser repensado nos momentos destinados à alimentação dos bebês é a escassez de professoras em relação ao número de crianças nas turmas. Os autores ainda destacam que o atendimento deve ser afetivo e tranquilo, e não mecânico; assim, o número reduzido de docentes dificulta o atendimento adequado às demandas dos bebês (Rapoport; Bossi; Piccinini, 2018).

As DCNEI (Brasil, 2010a) estabelecem que a relação entre docentes e bebês e crianças deve ser de: 1 docente para cada 6 a 8 bebês (0 a 1 ano), 1 docente para cada 8 a 10 crianças bem pequenas (1 a 2 anos) e 1 docente para cada 15 crianças bem pequenas (2 a 3 anos). No entanto, esses números são considerados insuficientes para atender adequadamente às demandas da EI, sobretudo no caso dos bebês. Nesse contexto, Rapoport, Bossi e Piccinini (2018) sugerem a revisão desse documento, propondo a redução das proporções definidas.

Ainda debatendo sobre a alimentação, o trabalho de Bossi, Brites e Piccinini (2017) é a única pesquisa que aborda especificamente a influência da amamentação em livre demanda para os bebês que ingressam na creche e enfrentam a ausência da mãe durante a alimentação. A falta da mãe nesses momentos pode intensificar as

manifestações emocionais da criança, que já está sensível devido à mudança abrupta em sua rotina, especialmente se, até então, era alimentada exclusivamente com leite materno.

Nessa perspectiva, além de lidar com a ausência da mãe, os bebês frequentemente têm dificuldade em aceitar uma alimentação diferente, chegando a rejeitar o próprio leite materno oferecido por outras vias, como copo ou mamadeira, o que resulta em maior irritabilidade e episódios constantes de choro. O processo de desmame, simultâneo ao ingresso na creche, é uma questão que, a meu ver, merece maior reflexão e aprofundamento nas pesquisas acadêmicas.

Bossi, Brites e Piccinini (2017) também destacam em sua pesquisa que, ao ingressar na creche, os bebês e as crianças bem pequenas ficam expostos a um maior número de bactérias e vírus presentes no ambiente. Esse contato, combinado com a queda na imunidade, as alterações nos hábitos de sono e a recusa alimentar, são fatores que complicam o processo de inserção das crianças. Em contraponto, as crianças que aceitam com mais facilidade a alimentação oferecida na creche tendem a adoecer com menor frequência, o que facilita sua inserção.

Ao analisar esse bloco temático, foi possível constatar que o artigo de Dentz *et. al*. (2022) é a única pesquisa que realiza uma revisão bibliográfica sobre a transição dos bebês do ambiente domiciliar para as instituições de EI. A pesquisa identificou um crescimento significativo de estudos sobre o tema a partir dos anos 2000, constatando que as abordagens teóricas iniciais focaram principalmente na relação mãe-bebê e na separação entre ambos; já as pesquisas atuais começaram a tratar a transição como um processo complexo, influenciado por fatores históricos e culturais.

Explorando as pesquisas de Porcino e Bernardes (2016), Vercelli e Negrão (2019) e Bossi, Brites e Piccinini (2017), observa-se uma convergência ao defenderem que a prática docente na EI deve estar fundamentada na afetividade, especialmente nos processos de acolhimento e inserção de bebês e crianças bem pequenas. Esses estudos acentuam que as experiências das crianças no convívio com o grupo e com os professores devem ser marcadas por manifestações diárias de afeto, como gestos, sorrisos, olhares, palavras de conforto, brincadeiras e colo. O fazer afetivo, que permeia a rotina e as vivências da turma, fortalece o vínculo entre docentes e crianças, apresentando-se como um propulsor para novas experiências e relações no grupo. Assim, uma prática pedagógica baseada na afetividade e no respeito assegura às

crianças um ambiente acolhedor, seguro e confortável, facilitando um ingresso tranquilo e saudável nas instituições de EI.

O debate sobre o choro das crianças, em especial dos bebês que ingressam na EI, é amplamente discutido nas pesquisas desse bloco temático. Marques (2018) e Oliveira (2018) acentuam que o choro, além de ser uma das manifestações mais frequentes no cotidiano das instituições de EI, é um aspecto que gera desconforto para as professoras entrevistadas em suas pesquisas. Em suas análises, as autoras apontam que muitas docentes utilizam a frequência do choro como parâmetro para avaliar se a criança está ou não inserida ao novo ambiente.

O choro, no entanto, é uma das linguagens da criança usada para expressar uma variedade de sentimentos, como sono, fome, frustração, mágoa ou a dificuldade em conquistar um brinquedo. Essa manifestação deve ser compreendida como parte do processo de construção da regulação emocional, algo inerente ao desenvolvimento infantil. Por outro lado, cabe aos professores estar atentos para diferenciar o choro que expressa sentimentos comuns do dia a dia daquele que pode indicar sofrimento, abandono ou dor, pois nesses casos há necessidade da mediação docente para ajudar a criança em sua superação.

A visão das professoras entrevistadas por Marques (2018) e Oliveira (2018), que consideram a frequência do choro como um indicador de inserção da criança e buscam contê-lo, justificando que ele causa incômodo aos adultos, reflete uma abordagem adultocêntrica em seu modo de ver a criança e entender sua inserção. Em contrapartida, acredito que o choro é uma das formas de linguagem da criança e, em vez de ser reprimido, deve ser compreendido como um guia para o trabalho pedagógico. Ele oferece pistas que, quando observadas atentamente pelo docente, permitem identificar as necessidades da criança e orientam as estratégias de acolhimento que ajudem a criança a se sentir segura e integrada ao grupo.

As pesquisas de Negrão (2018), Oliveira (2019) e Vercelli e Negrão (2019) abordam a importância dos objetos transicionais, como chupetas, paninhos, cobertores e brinquedos escolhidos pelas crianças e trazidos de casa no processo de acolhimento e ingresso na EI. Esses objetos são reconhecidos por oferecer sensação de segurança e conforto, facilitando a inserção das crianças no novo ambiente.

Vercelli e Negrão (2019), ao entrevistar as professoras, constataram que elas reconhecem os benefícios desses objetos no acolhimento, ajudando as crianças a se

sentirem mais seguras. No entanto, ao observar as rotinas da turma, elas notaram que os objetos eram oferecidos principalmente durante o sono ou em momentos de choro excessivo. Isso sugere que o uso desses itens precisa ser mais explorado e integrado no cotidiano. Nesse sentido, as autoras defendem que essa discussão seja incorporada na formação inicial e continuada dos docentes, com o intuito de ressignificar o papel desses objetos no processo de inserção das crianças.

De modo geral, as pesquisas analisadas nesse bloco temático destacam a importância de os docentes se manterem constantemente atualizados por meio da formação continuada. Nesse contexto, Franco (2021) defende a necessidade de um investimento sólido tanto na formação inicial quanto na continuada dos profissionais da EI. A autora argumenta que a prática docente deve estar alinhada aos documentos normativos dessa etapa da Educação Básica, o que possibilita uma reflexão crítica e sistemática sobre o processo educativo, superando a tendência de fundamentar as práticas exclusivamente em experiências individuais dos docentes e no senso comum. Além disso, Franco (2021) sugere a implementação de políticas públicas voltadas especificamente para a inserção de bebês na EI.

Já as autoras Dentz *et al*. (2022), em sua revisão bibliográfica, destacam que, embora o papel dos professores no processo de acolhimento e inserção das crianças na EI seja amplamente discutido, poucos estudos abordam a influência das instituições nesse processo. Elas explicam que a prática pedagógica dos docentes está diretamente alinhada às concepções e orientações da instituição em que atuam, sendo expressa por meio de cursos, discursos, ações, relações e, especialmente, pelo Projeto Político-Pedagógico (PPP). Nesse sentido, as concepções sobre a criança que a instituição adota influenciam de maneira significativa a prática docente, podendo atuar como facilitador ou obstáculo no processo de inserção das crianças.

Assim como a formação docente e as concepções institucionais sobre a criança desempenham um papel fundamental no entendimento da inserção, o debate sobre a organização do ambiente na creche se revela essencial. Desse modo, Marques (2018) e Porcino e Bernardes (2016) destacam a importância de um planejamento cuidadoso na organização da sala de referência. As autoras afirmam que esse espaço deve ser desafiador, estético, seguro e propício ao desenvolvimento de novas aprendizagens, proporcionando experiências significativas e promovendo o protagonismo infantil. A organização das propostas educativas e dos espaços contribui para que as crianças

vivenciem diversas experiências, desenvolvam autonomia e sejam reconhecidas como atores sociais capazes.

Diante disso, concluo a análise desse bloco temático apresentando a nuvem de palavras geradas a partir do texto analítico das pesquisas selecionadas, a qual sintetiza os principais conceitos e temas abordados nas discussões aqui levantadas.

Figura 5 - Nuvem de palavras sobre o segundo bloco temático

Fonte: elaborado pela autora

4.3 Lacunas Encontradas no Estado do Conhecimento

Com a finalização das análises dos dois blocos temáticos desta dissertação, apresento, nesta seção, as lacunas identificadas ao longo da leitura das 27 pesquisas que compõem o EC. Destaco questões ainda pouco exploradas sobre a temática do acolhimento e a inserção de bebês e crianças bem pequenas na EI, oferecendo subsídios para futuras investigações sobre o tema.

Durante as buscas realizadas nos bancos de dados Capes, BDTD, SciELO e periódicos da Capes, identifiquei apenas uma pesquisa que intersecciona o tema desta pesquisa com questões relacionadas à raça. No entanto, não foram encontrados

estudos que atravessam esses debates com credo, etnia ou gênero.

As pesquisas desses blocos temáticos, além de abordarem investigações com bebês e crianças bem pequenas, mostraram que as observações se concentraram em crianças de até 1 ano. Portanto, é relevante que futuras pesquisas foquem o tema a partir da observação de crianças maiores, entre 2 e 3 anos, a fim de ampliar o conhecimento científico sobre como essas crianças vivenciam a inserção na creche.

Outros aspectos que não foram abordados nas pesquisas analisadas no EC envolvem o impacto das relações de amizade constituídas a partir da interação entre as crianças do grupo ao qual ingressaram e como essas amizades contribuem para o processo de acolhimento e inserção.

Acredito que o ato de acolher o bebê e a criança bem pequena é um processo contínuo que se repete ao longo do ano devido a diferentes fatores em suas vidas. No entanto, nota-se a ausência de discussões científicas sobre como esses novos acontecimentos, vivenciados tanto na família quanto no grupo, impactam as crianças ao longo do ano e como elas lidam com a constante necessidade de enfrentar novas situações.

Infelizmente, não encontrei nas pesquisas angariadas no EC o debate de como foi o impacto do retorno aos atendimentos presenciais nas creches após a pandemia de Covid-19, em especial no que diz respeito ao acolhimento e à inserção de bebês e crianças bem pequenas nesse contexto. Considerando a necessidade frequente do contato físico entre docentes e crianças, permanecem dúvidas sobre como os protocolos de segurança foram aplicados, se o acolhimento das crianças que ingressaram nesse período foi semelhante ao habitual ou se houve mudanças significativas nas estratégias e práticas pedagógicas adotadas.

Além disso, outro tema relevante para futuras investigações é compreender como os docentes vivenciam o processo de acolhimento e inserção das crianças e quais são os impactos desse processo em sua saúde emocional. É essencial considerar as perspectivas desses profissionais sobre as demandas emocionais envolvidas, buscando entender como essas experiências podem influenciar sua vida pessoal e profissional, incluindo possíveis consequências como desmotivação ou adoecimento.

Os estudos da área da SI revelam aspectos importantes sobre o papel da criança e da infância na sociedade, porém aponta-se a necessidade de ampliar essa

área de investigação e destacar as especificidades dos bebês, que têm características próprias das crianças maiores. Observe-se também uma escassez nas linhas de pesquisa acadêmica dedicada ao estudo dos bebês, o que limita a compreensão e contribui para sua invisibilidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, foram analisadas as produções científicas contemporâneas (2013 a 2023) sobre os processos de acolhimento e inserção de crianças de 0 a 3 anos na EI norteadas pela problemática: quais são as reflexões da produção científica contemporânea sobre os processos de acolhimento e inserção de crianças de 0 a 3 anos? Partindo dessa premissa, delimitou-se como objetivo da pesquisa: analisar as reflexões da produção científica contemporânea na área da educação sobre os processos de acolhimento e inserção de crianças de 0 a 3 anos, utilizando como estratégia metodológica o EC proposto por Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021).

A análise das pesquisas do EC desta dissertação evidenciou a relevância do debate sobre a temática e ofereceu um panorama de como a ciência aborda essa questão. Através das leituras, foi possível constatar que os bebês e as crianças bem pequenas usam diversas linguagens e manifestações emocionais ao ingressar na EI. As entrevistas realizadas com as mães e professoras revelaram suas perspectivas, expectativas e contribuições no processo de acolhimento e inserção das crianças. Além disso, as observações feitas nas pesquisas de campo permitiram compreender como o ambiente educacional, as relações, a criação de vínculos e as práticas docentes podem promover o bem-estar e colaborar positivamente nesse processo.

Ao longo do estudo, um dos principais debates que emergiram nas pesquisas acadêmica engloba: como o emprego dos termos adaptação, acolhimento e inserção impactam o entendimento dos sujeitos envolvidos nesse processo (crianças, famílias e docentes) e como o uso dessas palavras determina e orienta o fazer pedagógico, influenciando diretamente a maneira como as crianças são vistas e tratadas nas instituições.

Constata-se que, historicamente, o termo adaptação é a expressão popularmente empregada para descrever o processo de inserção de bebês e crianças bem pequenas na creche. No entanto, como revelado nas pesquisas que compõem o EC desta dissertação, a palavra adaptação está vinculada a uma visão epistemológica que remete à ideia de que uma criança deve se ajustar ao que já está posto pela sociedade, ao ambiente que os adultos organizam, sem considerar as individualidades

de bebês e crianças bem pequenas que ingressam, assim como suas necessidades emocionais e culturais.

O uso desse termo, portanto, reforça uma visão adultocêntrica na educação, na qual as práticas pedagógicas são concebidas com base no que os adultos acreditam ser o melhor para a criança, sem ponderar as perspectivas, necessidades e especificidades da própria criança. A inserção por vias do entendimento da adaptação torna o processo de inserção fixo, rígido, pautado por uma definição de padrões que se espera que a criança alcance em um determinado período de tempo também pré-estabelecido, limitando a autonomia da criança, sua expressão, a formação de sua identidade e interação de maneira autêntica com o novo ambiente social.

No entanto, os documentos normativos para a EI, como as DCNEI e a BNCC, não apresentam o termo adaptação no teor de suas diretrizes. Em vez disso, orientam o trabalho docente direcionado ao acolhimento e à inserção da criança e as diferentes nuances que englobam esse processo. Essa mudança de terminologia reflete uma virada epistemológica no entendimento sobre o papel da criança na sociedade e sobre o fazer docente na EI, que, ao invés de adaptar a criança ao que já está posto, busca garantir que ela esteja inserida de maneira afetuosa nas instituições, garantindo com isso o respeito por suas singularidades, identidades e necessidades físicas, emocionais e culturais. Nesse contexto, a palavra acolhimento adquire um significado mais amplo, relacionado ao cuidado, à afetividade, à construção de vínculos e ao respeito pela criança, sendo também um método de trabalho que visa garantir que o processo de inserção seja de qualidade e singular.

Ao adotar os termos acolhimento e inserção, a instituição de EI passa a ser entendida como um espaço onde a criança não é vista apenas como um receptor passivo de conhecimento, mas sim como um ator social, que está construindo e reconstruindo sua identidade em meio à diversidade cultural que é atravessada intrinsecamente pelas questões de gênero, etnia e credo.

A mudança de perspectiva, ao substituir o termo adaptação por acolhimento e inserção, não representa apenas uma mudança linguística, mas sim a forma como entendemos a EI e o papel dos educadores nesse processo. Ao empregar esses termos, estamos reafirmando o compromisso com uma educação que respeite a singularidade de bebês e crianças bem pequenas, que pondere suas trajetórias e que

os entenda como participantes ativos na construção de seu próprio processo de aprendizagem e socialização.

As pesquisas revisadas nesse EC também indicam que, apesar dos avanços, a visão adultocêntrica ainda se faz presente em muitas práticas pedagógicas, o que pode limitar a qualidade do processo de acolhimento e inserção das crianças na EI. A necessidade de uma mudança nesse paradigma emerge, pois, para que a EI cumpra seu papel social e cultural, é essencial que a criança seja vista como um sujeito ativo, com voz, dotado de culturas diversas, em um ambiente que respeita, valoriza as diferenças e os diversos saberes.

O respeito pela criança e pela infância é, portanto, o princípio que deve nortear as práticas pedagógicas. Isso implica considerá-la como uma pessoa em desenvolvimento, com direitos e com uma perspectiva própria sobre as pessoas com quem convive e o mundo. A EI, como primeira etapa da Educação Básica, traz consigo também a imponência da constituição cultural do sujeito que direciona seu trabalho na intencionalidade da construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Assim, as instituições de EI são espaços de convivência social privilegiados por sua rica diversidade cultural, os quais promovem a integração desses saberes e agrega novos conhecimentos, respeitando e prestigiando as diferenças de gênero, etnia e cultura. A criança, enquanto sujeito de direitos, utiliza-se desse espaço promotor para expressar suas emoções, culturas e vivenciar experiências que favorecem o seu desenvolvimento.

Por fim, esta dissertação contribui para o campo da EI ao criar um panorama de como as pesquisas acadêmicas contemporâneas debatem questões diretamente ligadas ao acolhimento e à inserção de bebês e crianças bem pequenas na EI. A partir das abordagens teóricas de diferentes autores da área, foi possível constatar as diversas minúcias que englobam a temática, além das perspectivas que emergem para fazer com que esse processo seja singular e afetuoso para o bebê e a criança bem pequena.

Evidencia-se, ainda, a importância de uma prática pedagógica que respeita as crianças em sua totalidade, como sujeitos em formação e transformação, com direitos e necessidades próprias. Assim, a EI deve ser um local de acolhimento, afetividade,

trocas e experiências, onde todas as crianças, independentemente de suas origens, etnia, gênero ou credo, possam se sentir pertencentes e respeitadas.

Acentuada a relevância do debate sobre a temática, sugere-se que haja mais pesquisas acadêmicas voltadas para a temática, especialmente para responder as lacunas encontradas e descritas nesta dissertação com base nas pesquisas angariadas no EC.

REFERÊNCIAS

Audiovisuais

RUSSO, R. Monte castelo. Intérprete: Renato Russo. *In*: LEGIÃO URBANA. **As quatro estações**. Rio de Janeiro: EMI, 1989. LP. Faixa 7.

Textuais

ABRAMOWICZ, A. **O plural da infância**: aportes da sociologia. São Carlos: UFSCar, 2010.

ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F. A sociologia da infância no Brasil: uma área em construção. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 39-52, jan./abr. 2010.

BELL, L. Poema do andarilho. *In*: BELL, L. **O código das águas**. São Paulo: Global, 1984.

BOSSI, T. J.; BRITES, S. A. N. D.; PICCININI, C. A. Adaptação de bebês à creche: aspectos que facilitam ou não esse período. **Paidéia**, Porto Alegre, v. 27, p. 448-456, 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 16 dez. 2024.

BRASIL. **Lei n. 8.069/90, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. São Paulo: CBIA-SP, 1991.

BRASIL. **Lei n. 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 21 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. 6. ed. Brasília: MEC; SEB, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC; SEB, 2010a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil**. Brasília: MEC; SEB, 2010b.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998.

BUJES, M. I. E. Escola infantil: Pra que te quero? *In*: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. **Educação Infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

CAMPOS, M. M.; ROSEMBERG, F. **Critérios para o atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. 6. ed. Brasília: MEC; SEB, 2009.

COSTA, N. M. S.; DENTZ, M.; AMORIM, K. S. Enquanto você (não) dormia: tempos, rotinas e ritmos em negociação no processo de transição do bebê à creche. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, p. 2-18, 2022.

DELFINI, A. C. **Estudos sociológicos sobre infância no Brasil:** Crianças sem gênero? Tese. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

DENTZ, M. *et al*. Processos de transição com ingresso de bebês na Educação Infantil: revisão bibliográfica. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 33, p. 1-10. 2022.

FELIPE, J. O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. *In*: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. **Educação Infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERREIRA, M. V. Os bebês na Educação Infantil: um olhar para as relações creche e famílias. **RECC**, Canoas, v. 22, n. 3, p. 113-128, nov. 2017.

FRANCO, M. A. **A sensibilização sobre o acolhimento**: uma proposta interventiva com a criação de rapsódias do cotidiano infantil. 2021. Dissertação (Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2021.

JACQUES, R. E. H. **Inserção na creche e relações sociais**: estudo de caso de um bebê recém-chegado. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

LÖFFLER, D. **Os movimentos de participação construídos por e entre bebês e crianças maiores em uma turma de berçário**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

MADEIRA, M. C. **Uma Escola Municipal de Educação Infantil como lugar de experiência, comunicação e relações**: contribuições para a construção de uma pedagogia da infância. 2017. Tese (Especialização em Mídias na Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

MARQUES, C. M.; UNGER, T. P.; ZIEDE, M. L. Do berço ao berçário: uma travessia complexa. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)**, v. 19, p. 55-72, jan. 2018.

MARTINS FILHO, A. J.; MARTINS FILHO, L. J. **Educação Infantil**: especificidade da docência. Florianópolis: Udesc, 2013.

MOROSINI, M.; KOHLS-SANTOS, P.; BITTENCOURT, Z. **Estado do conhecimento**: teoria e prática. Curitiba: CRV, 2021.

MOTTA, F. N. Notas sobre o acolhimento. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, p. 205-228, out./dez. 2014.

NEGRÃO, T. A. P. **O período de adaptação e os objetos transicionais no processo**: pesquisa-intervenção em um Centro de Educação Infantil de São Paulo. 2018. Dissertação (Ciências Humanas – Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, S. C. M. **O processo de adaptação das crianças na Educação Infantil**: os desafios das famílias e dos educadores da Infância. 2018. Tese (Pós-graduação em Educação) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Presidente Prudente, São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, V. S. **O processo de inserção de bebês em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte**. 2019. Dissertação (Infância e Educação Infantil) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

OLIVEIRA, V. S.; MARQUES, R. F.; NEVES, V. F. A. Os bebês na sala do berçário: diferentes trajetórias no espaço. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 49, p. 1-21, 2023.

ORTIZ, C.; CARVALHO, M. T. V. **Interações**: ser professor de bebês: cuidar, educar e brincar: uma única ação. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção InterAções)

PIVA, L. F.; CARVALHO, R. S. Transições na vida de bebês e de crianças bem pequenas no cotidiano da creche. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 46, p. 1-18, 2020.

PORCINO, A. P. C.; BERNARDES, R. S. Para além do cuidar: adaptação e acolhimento na creche. **Sínteses: Revista Eletrônica SIMTEC**, Campinas, n. 6, p. 207, set. 2016.

RAPOPORT, A.; BOSSI, T. J.; PICCININI, C. A. Adaptação de bebês à creche aos 4-5 meses de idade: as 10 primeiras semanas. **Psico**, Porto Alegre, v. 49, p. 81-93, 2018.

RASCHE, M. R. O processo de acolhimento e adaptação do bebê na creche em Sinop, Mato Grosso. **Revista Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 11, n. 2 (29. ed.), p. 307-316, ago./dez. 2020.

REIS, L. M. S. Adaptação ou inserção? O momento de entrada dos bebês na creche *In*: MARTINS FILHO, A. J. **Creche**: uma prática construída com os bebês e para os bebês. Porto Alegre: Mediação, 2016.

REIS, L. M. S. **Inserção e diálogo**: como crianças pequenas vivenciam sua entrada na Educação Infantil? 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2014.

REZENDE, T. C.; SÁ, V. R. G. **Infância, liberdade e acolhimento**: experiências na Educação Infantil. São Paulo: Summus, 2018.

RISTOF, L. S. **A chegada dos bebês na escola de Educação Infantil**: acolher com sensibilidade. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), Ijuí, 2020.

RODRIGUES, Z. P. **A inserção na relação educativo-pedagógica na Educação Infantil**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SANTA CATARINA (Estado). Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina. **Currículo Base do Ensino Médio do Território Catarinense**. Santa Catarina, 2014.

SANTOS, F. P.; GRAUPE, M. E. Educação Infantil: práticas pedagógicas com bebês e crianças bem pequenas. **Pedagogia em Foco**, Iturama, v. 15, n. 13, p. 94-112, jan./jun. 2020.

SANTOS, N. L. **O acolhimento inicial de bebês negros e negras nos espaços da creche**: aspectos a considerar e desafios a alcançar. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SARMENTO, M. J. Sociologia da infância: correntes e confluências. **Cadernos do Noroeste**, [Série Sociologia], v. 13, n. 2, 2008.

SILVA, P. C. S. **A inserção de bebês em creches**: um olhar para as políticas públicas. 2015. Dissertação (Pós-graduação em Educação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

SILVA, V. T.; GOULART, M. I. M.; NEVES, V. F. A. Vivências de bebês no contexto de um berçário em Belo Horizonte. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 39, 2023.

SOTO, A. B. Prácticas de crianza en la sala cuna y en el hogar: un estudio de caso. **Educación XXVII**, Chile, p. 7-23, sep. 2018.

STACCIOLI, G. **Diário do acolhimento na escola da infância**. Tradução [do italiano]: Fernanda Ortale e Ilse Paschoal Moreira. São Paulo: Autores Associados, 2013.

TEBET, G.; ABRAMOWICZ, A. **Estudos de bebês e diálogos com a sociologia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

VERCELLI, L. C. A.; NEGRÃO, T. P. A. Um olhar sobre o período de adaptação de crianças pequenas a um Centro de Educação Infantil e o uso de objetos transicionais. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, n. 50, jul./set. 2019.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas**. v. 3. Madrid: Visor, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Sete aulas de L. S. Vygotsky sobre os fundamentos da pedologia**. Tradução: Zoia Prestes, Elizabeth Tunes e Cláudia da Costa Guimarães Santana. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.